

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**O CONCEITO DE DURAÇÃO DE FERNAND
BRAUDEL (1902-1985) E AS POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES DE HENRI BERGSON (1859-1941)**

Daniel Rodrigues da Silva Marques

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O CONCEITO DE DURAÇÃO DE FERNAND BRAUDEL (1902-1985) E
AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE HENRI BERGSON(1859-1941)**

DANIEL RODRIGUES DA SIVA MARQUES

Sob a Orientação do Professor
José Nicolao Jullião

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre **em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração Relações de Poder e Cultura

Seropédica, RJ

Agosto de 2022

M 357. Mrques, Daniel Rodrigues da Silva, 1995-
.O conceito de duração de Fernand Braudel (1902
1985) e as possíveis contribuições de Henri
Bergson(1859-141) / Daniel Rodrigues da Silva Mrques.
- Rio de Janeiro, 2022.
106 f.

Orientador: José Nicolao Julião.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2022.

1. Duração. 2. Braudel. 3. Bergson. I. Julião, José
Nicolao , 1962-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
História III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 940 / 2022 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.052104/2022-46

Seropédica-RJ, 25 de agosto de 2022.

DANIEL RODRIGUES DA SILVA MARQUES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 24 de agosto de 2022

Banca Examinadora:

Dra. FLÁVIA LUIZA BRUNO COSTA DE CARVALHO, FACULDADE SAO BENTO RJ Examinadora Externa à Instituição

Dr. EDSON PEIXOTO DE RESENDE FILHO, UFRRJ Examinador Externo ao Programa

Dr. JOSE NICOLAO JULIAO, UFRRJ Presidente e Orientador

(Assinado digitalmente em 25/08/2022 09:01)
EDSON PEIXOTO DE RESENDE FILHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptFILO (12.28.01.00.00.00.85)
Matrícula: 1766421

(Assinado digitalmente em 25/08/2022 08:06)
JOSE NICOLAO JULIAO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptFILO (12.28.01.00.00.00.85)
Matrícula: 1171508

(Assinado digitalmente em 25/08/2022 07:47)
FLAVIA LUIZA BRUNO COSTA DE CARVALHO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 003.604.877-18

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **940**, ano:
2022, tipo: **TERMO**, data de emissão: **25/08/2022** e o código de verificação: **de36f61856**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que tão bem me acolheu, ao meu orientador José Nicolao Julião pela ajuda , compreensão e esforços diante das asperezas da produção desta dissertação. À professora Flávia Bruno , por ter me apresentado o caminho da filosofia e da vida autêntica , sobretudo por meio de Bergson. Ao professor Edson Peixoto pela disponibilidade e grandes ponderações desde a qualificação deste trabalho.

A meus camaradas de luta organizada ,principalmente os que me encontravam pelo bar Golfinho, meus amigos e meus alunos. Aos meus pais, Jorge e Cida. A minha irmã Camila , a minha amorosa companheira como olhos de cor de caldo de cana ,Carolina e a todas as pessoas que me ajudaram de forma direta e indireta deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”

Guimarães Rosa

RESUMO

MARQUES, Daniel Rodrigues da Silva .**O conceito de duração de Fernand Braudel (1902-1985) e as possíveis contribuições de Henri Bergson(1859-141)**2022. 105p
Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais,
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022.

No presente trabalho nos debruçamos sobre o conceito de duração de Fernand Braudel na historiografia e nas ciências sociais , dando destaque para as afinidades teóricas do filósofo Henri Bergson. Este trabalho foi realizado com intuito de ampliar o debate acerca da reverberação da duração braudeliiana bem como aproximar este mesmo conceito com a apreensão teórica duracional elaborada por Bergson. Na presente dissertação procuramos aprofundar o entendimento sobre a formação epistemológica do conceito, as bases historiográficas em que se desenvolveu dentro de uma perspectiva fluída e que privilegia o movimento como chave teórica no fazer historiográfico e, como este esforço teórico metodológico auto iluminação recíproca com o pensador contemporâneo a Braudel, Henri Bergson e sua filosofia.

Palavras-chave: Duração. Braudel. Bergson.

ABSTRACT

MARQUES, Daniel Rodrigues da Silva . **The concept of duration by Fernand Braudel (1902 - 1985) and the possible contributions of Henri Bergson (1859 - 1951).**2022. 105p. Dissertation (Master Science in History) Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica , RJ, 2022.

In the present work, we focus on Fernand Braudel's concept of duration in historiography and in the social sciences as a whole, highlighting the theoretical theories of the philosopher Henri Bergson. This work was carried out with the aim of broadening the debate about the reverberation of Braudelian duration as well as bringing this same concept closer to the theoretical understanding of duration developed by Bergson. In the present dissertation we seek to deepen the understanding of the epistemological formation of the concept, as historiographical is based on what was developed within a fluid theory and that privileges movement as a theoretical key in historiographical work and, as this methodological theoretical work self i procador comí ador recídí, contemporary of Braudel, Henri Begson and their philosopher.

Key words: Duration.Braudel.Bergson

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1.A DURAÇÃO EM BRAUDEL E BERGSON	14
1.1 Sobre a concepção vulgar do tempo	14
1.2 A perspectiva duracional em Bergson	20
1.3 A perspectiva duracional em Braudel	25
1.4 Críticas e ponderações sobre o tempo em Braudel	32
1.5 Bergson e Braudel: diálogos duracionais	38
2.A ESCRITA BRAUDELIANA DO TEMPO: ASPECTOS DE ESTILO HISTORIOGRÁFICO DE BRAUDEL SOBRE O TEMPO E ALGUMAS AFINIDADES COM HENRI BERGSON	45
2.1 A escrita narrativa de Braudel	45
2.2. As metáforas braudelianas	54
2.3. Alegorias do movimento	56
2.4. Paradoxos do método duracional	59
2.5 Afinidades com a escrita bergsoniana	63
3.IMPACTOS DO CONCEITO DE DURAÇÃO: REFLEXOS DA PERCEPÇÃO TEMPORAL DE BRAUDEL EM OUTROS CAMPOS DO CONHECIMENTO	72
3.1 Do contexto da pluralidade braudeliana	72
3.2 Interdisciplinaridade em Braudel	77
3.3 A duração braudeliana , a sociologia e a antropologia	84
3.4 A duração de Braudel e a geografia	88
3.5 Uma duração com reflexos diversos	97
6 CONCLUSÃO	98
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta discutir e apresentar as relações entre os conceitos de duração presentes nas obras do historiador Fernand Braudel e do filósofo Henri Bergson, estabelecendo um diálogo entre os conceitos e suas contribuições. Nesse sentido o trabalho propende relacionar os conceitos a partir de uma interação acerca das noções temporais.

A partir da segunda geração da *escola dos annales* os conceitos de duração do historiador Fernand Braudel têm sido utilizados de forma ampla. Contemporâneo do historiador francês, Bergson produz em sua filosofia elucubrações que versam sobre o tempo e suas formas de apreensão. Dessa forma, o presente projeto visa se aproximar de questões comuns às duas áreas das ciências humanas.

Cabe, no presente projeto, apresentar as possíveis interpretações do conceito de duração desenvolvido por Henri Bergson no século XIX, dialogando com a perspectiva duracional do historiador Fernand Braudel e sua forma de noção de tempo, utilizando a análise dos termos, do contexto e das pertinências conceituais para observar as similaridades entre os dois intelectuais em questão, sem perder de vista seus contextos temporais, geográficos e científicos. Dessa forma, busca-se empreender uma ? como papel preponderante para uma utilização mais abrangente e enriquecida do conceito de *duração*.

Conceber o tempo se mostra como uma das grandes questões humanas, pois implica em tudo o que pensamos enquanto condição da própria existência. Para Bergson, o método da *intuição* (que distingue conhecimento e lógica formal em relação à vida, que é criação e espontaneidade) é uma grande mudança paradigmática sobre as formulações do pensamento. No que tange a pertinência deste trabalho, pretende-se trabalhar com as obras substanciais dos intelectuais franceses, dando ênfase àquelas que abordam com profundidade a construção, o uso e a reflexão acerca do termo *duração*.

O presente trabalho se dividirá em três capítulos de acordo com as pretensões a serem esclarecidas ainda nesta sessão. O primeiro capítulo *A Duração em Bergson* busca

apresentar de forma mais profícua as interpretações dos filósofos, levando em consideração não só o conceito de *duração* como também a imagem que possui acerca do tempo. Em seguida a sessão *A Duração em Braudel* objetiva abordar a apreensão duracional de Fernand Braudel bem como sua proposta de uma história munida de um tempo não linear. Por fim, o último capítulo: *Bergson e Braudel : Diálogos Duracionais* versa sobre a relação entre as concepções dos autores e as que são concebidas nas humanidades e na ciência de forma geral, visando apontar a consonância epistemológica entre os autores ante as visões estanques do tempo.

As obras do historiador Fernand Braudel utilizadas pelo presente projeto são: *O Mediterrâneo o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II* (1949), obra clássica do historiador francês que inaugura o conceito de *dialética da duração*, desenvolvendo a percepção rítmica do tempo. *Escritos sobre a História* (1969), certamente a obra que pretende ser mais analisada por este projeto, tendo em vista a presença nesta obra de diversos textos de outras obras braudelianas, e que contém debates e explicações profundas sobre a *longa duração*, como por exemplo em *História e Ciências Sociais* (1981), um escrito braudeliiano reconhecido frequentemente por conta de sua seção dedicada à dialética duracional no uso historiográfico. E, para além destas obras, a coletânea *Reflexões sobre a História* (1992).

Braudel introduz a *dialética da duração* através das chamadas escalas de duração. Curta, média e longa duração seriam as perspectivas pertinentes para a apreensão do tempo, de forma não a enquadrar os contextos pré-determinados ou pensados mas, captando o que há de mais importante na observação dos homens e de suas vidas, o movimento. O conceito de *longa duração* foi, sem dúvida, um dos mais caros e manuseados pela historiografia, por este mesmo motivo algumas interpretações simplistas deixam escapar o movimento no jogo de escalas braudelianas, pensa-se em *longa duração* como estrutura imóvel, o que compromete o fator vital, para Braudel, de pensar a história.

A compreensão desta *semio-imobilidade* da longa duração descrita pelo historiador é ímpar na formulação de uma análise da história que privilegie os movimentos, essencialmente a mobilidade do tempo histórico. Nesse sentido, as durações passam a ser camadas de observação a fim de inteligibilizar as transformações da realidade. A sensibilidade para assimilar que a indivisibilidade do tempo é a chave para pensar as vicissitudes dos homens, seus grupos, práticas e expressões. São os fragmentos destas

durações os objetos centrais, não o todo enquadrado (BRAUDEL, 1991, p.72)

Em relação ao filósofo Henri Bergson, as obras pretendidas à análise são: *Duração e Simultaneidade* (2006), trabalho que disserta sobre as concepções fundamentais de tempo e espaço para o autor. *O Pensamento e o Movente* (2006), obra primordial para a concepção bergsoniana de duração, observa a espacialização do tempo realizada pelas ciências humanas, critica o positivismo dos séculos XIX e XX e demonstra o método intuitivo como forma de apreensão do tempo. Ainda em análise as obras de Bergson, *Memória e Vida: Textos Escolhidos* (2006) se apresenta como uma interessante coletânea na tarefa de investigar as concepções ligadas à metafísica da experiência.

Bergson apresenta um conceito de duração voltado para a ideia de continuidade, entendendo que o pensamento científico positivista do século XX matematizava o tempo, o espacializava, pois o concebia como “sucessão” e não como “sobreposição”. Essa concepção de tempo divisível, que facilita o “manuseio” e o “uso” do mesmo e deixa de compreender o fluxo do tempo, promove a percepção progressiva da ciência e da sociedade do positivismo e do cientificismo.

O contexto da França em transição do século XIX para o XX parece nos apresentar contribuições dialogáveis nos campos da história e da filosofia no que se refere ao conceito de duração.

O presente trabalho será elaborado utilizando as bases metodológicas de análise de escrita (em seus devidos contextos) e das interpretações filosóficas e historiográficas sobre os autores. Comentadores de ambos serão abordados neste trabalho com o fim de ampliar e enriquecer as considerações sobre os conceitos refletidos aqui. Autores como José D’Assunção Barros, Gilles Deleuze , Beber Bevernage , Alexandre Koiré, entre outros.

Um método comparativo será estabelecido, com a intenção de possibilitar uma forma de diálogo entre Henri Bergson e Fernand Braudel. Dessa forma, o projeto insere-se em uma interseção conceitual e de pensamentos entre os autores supracitados. No presente trabalho procura-se justamente reconhecer influências em uma mesma realidade, ainda que haja um lapso temporal entre o auge produtivo dos intelectuais aqui analisados. Serão verificadas as variações que permeiam a construção do conceito de *duração* tanto para o Braudel quanto para Bergson.

Para além destas inserções metodológicas, cabe ressaltar o objetivo de expor alguns exemplos práticos duracionais a fim de permitir melhor compreensão das explicações pretendidas.

No primeiro capítulo da dissertação o objetivo é apresentar e discutir o conceito de duração para o historiador Fernand Braudel e o filósofo Henri Bergson, buscando evidenciar as proximidades teóricas entre os pensadores. Não é pretensão desta dissertação esgotar o tema da duração bem como o pensamento braudelianohaja vista as inúmeras interpretações e possibilidades conceituais de expor a temática.

No primeiro subcapítulo apresentaremos uma visão ampla sobre a percepção do tempo na história, apontando algumas apreensões conceituais acerca do tempo de historiadores relevantes. Além disso, este subcapítulo traça uma breve trajetória das perspectivas temporais estabelecidas pelas sociedades, com ênfase na percepção moderna , que estabelece critérios que perduram até hoje.

No segundo subcapítulo faremos um breve apanhado da compreensão filosófica de Bergson, em destaque , seu entendimento de *duração* e de como o tempo , em seu juízo , deveria ser compreendido. O terceiro subcapítulo busca fazer, de forma similar, o feito com Bergson anteriormente , uma apresentação da dialética duracional de Fernand Braudel .No quarto subcapítulo , buscaremos evidenciar as principais críticas feitas pela historiografia ao historiador francês. No quinto e último subcapítulo procuraremos estabelecer uma relação teórica entre Braudel e Bergson no que se refere ao conceito de duração.

Este capítulo tem como principal objetivo analisar os aspectos da escrita historiográfica de Fernand Braudel. A escrita Braudeliiana é permeada por diversos elementos distintos, sobretudo sua característica narrativa, que se impõe sem cair em um diletante encadeamento de fatos mas busca tornar a percepção do leitor avivada, e compreendendo o tempo por meio do movimento.

No primeiro subcapítulo nosso objetivo é analisar a presença narrativa no texto de Braudel e apresentar o impacto que este aspecto tem na sua construção teórica acerca da duração. No segundo subcapítulo buscaremos fazer um balanço das figuras de linguagem mais relevantes nos textos do historiador francês , visando apontá-las como ferramentas na caminhada teórico-metodológica que Braudel deseja estabelecer. Neste último subcapítulo nos dedicaremos a concatenar aspectos da escrita de Braudel e de Bergson em seus esforços e recursos literários em nome de uma compreensão de mobilidade acerca

do tempo.

Neste capítulo o objetivo é apreciar algumas influências da percepção duracional de Braudel em outras áreas do conhecimento, como a matemática, a geografia e a literatura. O primeiro subcapítulo se destina a examinar as diversas direções que a compreensão braudeliiana de duração e do tempo e como estas caminham em demais espaços de produção de conhecimento. O segundo subcapítulo trata da necessidade de renovar a percepção tradicional de Braudel, evidenciando a indispensabilidade de combater a cristalização de conceitos e reduções de contribuições.

I – A DURAÇÃO EM BERGSON E BRAUDEL

1.1 SOBRE A CONCEPÇÃO VULGAR DO TEMPO

Neste capítulo, iremos tratar das concepções de duração do filósofo Henri Bergson e o historiador Fernand Braudel. Buscaremos evidenciar a diferença que estes conceitos carregam em relação às percepções mais adotadas pelas ciências humanas, sobretudo aquelas que têm suas bases epistemológicas calcadas na modernidade.

Ao falarmos de duração estamos estabelecendo um recorte conceitual da temática temporal, diante da impossibilidade e da imprudência de analisar em uma pesquisa todas as visões de uma das maiores questões da humanidade. Não é pretensão aqui esgotar o tema da duração bem como o pensamento braudeliiano, haja vista as inúmeras interpretações e possibilidades conceituais de expor a temática. Neste primeiro momento do trabalho, nós pretendemos problematizar, de forma genérica, a concepção corrente da grande tradição sobre o tempo, apresentando como alternativa a ideia de tempo presente em Henri Bergson e posteriormente a de Braudel.

Apresentaremos uma visão ampla sobre a percepção do tempo na história apontando algumas apreensões conceituais acerca do tempo, de historiadores relevantes. Além disso, traçaremos uma breve trajetória das perspectivas temporais estabelecidas pelas sociedades, com ênfase na percepção moderna, que estabelecem critérios que perduram até hoje. Será proposto um balanço acerca de uma “trajetória” da percepção temporal vulgar do tempo e algumas análises de pensadores sobre a complexa questão temporal.

É pertinente aqui fazermos um breve apanhado da compreensão filosófica de Bergson, em destaque, seu entendimento de *duração* e de como o tempo, em seu juízo, deveria ser compreendido. Buscaremos, também apresentar a concepção duracional de Braudel e evidenciar as principais críticas feitas pela historiografia ao historiador francês. Procuraremos, além disto, estabelecer uma relação teórica entre Braudel e Bergson no que se refere ao conceito de duração.

Diversas são apreensões que categorizam o estado de possibilidade da experiência. Seria

exaustivo e pouco produtivo apontar neste capítulo a maior parte das noções de tempo. Isto se deve ao fato de estarmos concentrados em um outro problema, o da duração, e este necessita um estudo mais exclusivo. Além disto, no processo de no conceito de duração, que apesar de estar intimamente ligado a esta primeira noção, carrega a exposição das conceituações de Bergson e Braudel. Neste trabalho serão estabelecidas contraposições e similitudes à algumas das mais importantes noções temporais.

De toda forma, é necessário pontuar que Marc Bloch, ao dizer que a história é a ciência dos homens no tempo, já atentava para a visceralidade do tempo para o fazer historiográfico. (BARROS, 2014, p.243). Apesar disto, o conceito de duração, que se apresenta como uma forma correlata ao tempo para concebê-lo, tem um lugar, que apesar de destacado na historiografia, por vezes é isolado e cristalizado.

O tempo é um dos principais problemas na história do pensamento humano. Do ponto de vista metafísico, compreender o tempo tem sido uma constante questão para se compreender a própria existência. Neste primeiro momento do trabalho pretendemos problematizar, de forma genérica, a concepção corrente da grande tradição sobre o tempo, apresentando como alternativa a ideia de tempo presente em Henri Bergson.

Começemos com a apreensão temporal geral da grande tradição. Pensar o problema do tempo, entretanto, não significa abordá-lo como um assunto simples e homogêneo na tradição da metafísica ocidental, tendo em vista que isto sempre foi uma dificuldade para a filosofia, o que seria também, exaustivo e pouco produtivo apontar neste trabalho a maior parte das noções de tempo. Isto se deve, inclusive, ao fato de estarmos mais interessados em um outro problema (o da duração) e, por isso, necessitamos de um estudo mais restrito. Torna-se mais difícil pensar o tempo, quando o fazemos nos distanciando da ideia de um tempo não linear. Uma vez que a concepção temporal que domina a filosofia, a historiografia e o pensamento corrente é a que percebe o tempo de forma matematizada, estática e espacializada, devemos ter em mente que ao refletirmos sobre um tempo que é, por natureza, movimento na filosofia de Bergson, estaremos destoando de uma tradição que forjou as bases da ciência moderna e da interpretação mais ampla e aceita do tempo e da própria vida.

Marc Bloch em *Apologia da História* (2001) referenda que é vago pensar em uma legitimação da história enquanto ciência que estude não somente os homens, mas que

compreenda a realidade temporal destes homens, em uma categoria denominada duração (BLOCH, 2001, p.55) Diversos outros historiadores antes de Bloch levantaram esta questão, mas talvez o historiador francês tenha sido um dos precursores da inserção do tempo mais do que relevante para o ofício do historiador, sendo o tempo o próprio espírito do trabalho do historiador. Outro grande nome acerca das questões temporais é Norbert Elias que se insere no campo historiográfico elaborando conceitos, noções e contribuições diversas em relação à duração. A visão de Elias sobre o tempo está ligada intrinsecamente às concepções de “processo” e de “rede”, visão essa que tem sido manuseada pela historiografia frequentemente.

Nessa perspectiva Elias se concentra no tempo em sua perspectiva estrutural, sem implicar objetivamente no conceito de duração. Em sua obra *O Processo Civilizador* (1939) Elias demonstra a visão sociológica da passagem do tempo. O jogo de escalas em relação à produção da consciência de cada sociedade e a forma como ela é interdependente do tempo.

Em *Sobre O Tempo* (ELIAS, 1989), o autor procura observar o tempo determinante das atividades humanas e como este se torna ferramenta de controle e ordenação social, o tempo como uma construção humana para o ordenamento. Ainda sob esta ótica sociológica da análise e conceituação do tempo das coletividades e sobre o sentido diacrônico do tempo na história, o historiador Antoine Prost em seu *Doze Lições sobre a História* (2008) revela a necessidade da compreensão do tempo no estudo da história aliado a um tempo da coletividade (PROST,2008,p.96).

Estaremos apresentando uma “imagem” de tempo diferente da noção vulgar do tempo. Segundo o filósofo alemão Walter Benjamin, o pensamento corrente vê o tempo como encadeamento de acontecimentos, uma ordem cronológica universal e contínua de todos os fatos históricos e que obedece a uma linearidade. A esta concepção Benjamin denomina vazia e homogênea. Walter Benjamin, ao falar sobre os historiadores tem como uma de suas principais críticas a forma como a história lida com o tempo e como os historiadores concebem o tempo como “vazio e homogêneo”. Benjamin aponta em *Sobre a História* que esta, a história, não deve se ater aos “agoras”. O erro de perceber um tempo de forma progressiva e linear compromete o “continuum” duracional a uma imobilização supostamente didática e teleológica. Nas palavras de Benjamin:

A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo a crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha. A história é

objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de "agoras". (BENJAMIN,1987,p.239,230)

A ideia de tempo como um encadeamento cronológico independente, uma espécie de entidade de ordem universal. Pensando sobre como os historiadores desenvolveram nossos sistemas temporais, percebemos que Benjamin aponta para um elemento narrativo forte, presente na escrita historiográfica até os dias presentes, e nos faz refletir sobre as diversas maneiras como o homem assimila o tempo. Historicamente a concepção de tempo cristão se apresenta como elemento relevante na formação moderna de imagem do tempo.

Quando lidamos com a chamada concepção vulgar do tempo, precisamos ter em mente que esta imagem foi sedimentada pela modernidade. A ciência e o chamado espírito moderno, no anseio de responder a novos problemas, construíram uma compreensão do tempo intelectual e matematizante. A necessidade de antagonizar-se ao pensamento medieval conduzirá o homem moderno a uma jornada em busca de novas verdades fundamentadas na racionalidade e, dessa forma, no próprio sujeito. Ao questionar os grandes temas da metafísica o homem moderno se encarregará de construir uma ciência pretensamente universal. O sujeito moderno busca adequar a realidade a uma descrição teórica, nesse sentido, reproduzindo-a teoricamente para dominá-la. O filósofo Alexandre Koyré, ao aprofundar-se acerca da produção de conhecimento na modernidade, nos apresenta uma imagem do homem moderno que pretende idealizar a realidade inquantificável. Ao fazer um estudo de Galileu, a partir do historiador da arte Erwin Panofsky, ele diz:

O grande mérito de Panofsky é o de ter rompido com esse tipo de atitude. Tendo abordado Galileu por uma via insólita, conseguiu, se assim me posso exprimir, superar inteiramente o fantasma da imagem tradicional que dele se faz. Assim, Panofsky é capaz de tomar os textos em questão *at their face value*, isto é, ao pé da letra, e pode escrever que simplesmente foi "impossível a Galileu visualizar o sistema solar como uma combinação de elipses. Enquanto consideramos o círculo apenas um caso especial de elipse, Galileu não podia deixar de sentir que a elipse é um círculo deformado. Uma forma na qual a "ordem perfeita" foi perturbada pela intrusão de um elemento retilíneo. Uma forma que, por isso mesmo, não podia ser reproduzida pelo que ele concebia como um movimento uniforme (KAYORÉ,1982,p.266)

O tempo progressivo e linear é útil na apreensão moderna. Esta redução lhe é bem vinda e seu efeito é excluir o que do universo não pode ser quantificado. Segundo Koyré:

O livro da natureza é escrito em caracteres geométricos", declarava Galileu. Isso implica a circunstância de que, para atingir seu objetivo, a ciência moderna tem de substituir o sistema dos conceitos flexíveis e semiqualitativos da ciência aristotélica por um sistema de conceitos rígidos e estritamente quantitativos. O que significa que a ciência moderna se constitui substituindo o mundo qualitativo ou, mais exatamente, *misto*, do senso comum (e da ciência aristotélica), por um mundo arquimediano de geometria tomado real ou — o que é exatamente a mesma coisa — substituindo o mundo do mais ou menos, que é o da nossa vida quotidiana, por um Universo de medida e de precisão. Com efeito, essa substituição exclui automaticamente do Universo tudo o que não pode ser submetido à medida exata. É esta busca da precisão quantitativa, da descoberta de dados numéricos exatos, desses "números, pesos, medidas", com os quais Deus construiu o mundo, que forma o objetivo e determina, assim, a própria estrutura das experiências da ciência moderna. Esse processo não coincide com as pesquisas no campo da experiência no sentido geral do termo. Nem os alquimistas, nem Cardano, nem Giambattista Porta - nem mesmo Gilbert - procuram resultados matemáticos, pois consideram o mundo mais um conjunto de qualidades do que um conjunto de grandezas. Com efeito, o qualitativo é incompatível com a precisão da medida. (KOYRÉ, 1982, p.272, 273)

Assim é a compreensão do tempo especializado, geometrizado, endossado pela modernidade e que observa o mundo por meio de instrumentos de precisão. Esta perspectiva esbarra em dificuldades técnicas e dão ao homem uma compreensão pálida da vida. Para Koyré, a ciência moderna se encontrará em um paradoxo. Escolhe a precisão, o real como geométrico, mas não é capaz de aplicar as leis e teorias que desenvolveu à realidade. Não é capaz de medir o tempo de forma direta, somente por meio de outra coisa o que exprima. Relógios, clepsidras ou algum outro processo que reproduza um movimento repetitivo e uniforme.¹

Segundo o filósofo italiano Agamben, o cristianismo rompeu com as teorias cíclicas de tempo (que estavam presentes na antiguidade grega), pois a ideia de um retorno cíclico negaria a importância de um progresso espiritual e de um evento único (a vinda de Cristo), se impondo dessa forma uma linearidade, um antes e depois, que concebe um ponto progressivo². Nas palavras de Agamben:

Enquanto a representação clássica do tempo é um círculo, a imagem que guia a conceitualização cristã é a de uma linha reta. Ao contrário do helenismo, o mundo para o cristão, é criado no tempo e deve acabar no tempo. De um lado, a narrativa do Gênesis, de outro, a perspectiva escatológica do Apocalipse. E a criação, o Juízo Final, o período intermediário que se desdobra de um a outro desses eventos, são únicos. Este universo criado é único, que começou e acabará no tempo, é um mundo finito e limitado dos dois lados de sua história. Não é nem eterno nem infinito em sua duração, e os eventos que se desenrolam nele não se repetirão nunca. (AGAMBEN, 2006, p.114,115)

¹ Cf. KOYRÉ, (1982, p.275,276).

² AGAMBEN, ano, pag. Cf. sobre BEVERNAGE, (2018, p.189).

Durante a Idade Média, podemos encontrar raízes sócio-culturais da abstração do tempo, como por exemplo, na divisão do dia em horas canônicas e na organização da vida de acordo com cronogramas entidades temporais que ocorriam nos mosteiros beneditinos. Durante a modernidade se defendeu a concepção do tempo absoluto, verdadeiro, tempo matemático, de si mesmo e de sua própria natureza que flui uniformemente sem relação a qualquer coisa externa.³ Amgabem aponta como a modernidade esvazia e lineariza a percepção temporal :

A concepção do tempo da idade moderna é uma laicização do tempo cristão retilíneo e irreversível, dissociado, porém, de toda ideia de um fim e esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois. Esta representação do tempo como homogêneo, retilíneo e vazio nasce da experiência do trabalho nas manufaturas e é sancionada pela mecânica moderna, a qual estabelece a propriedade do movimento retilíneo uniforme sobre o movimento circular. A experiência do tempo morto e subtraído à experiência, que caracteriza a vida nas grandes cidades modernas e nas fábricas, parece dar crédito à ideia de que o instante pontual em fuga seja o único tempo humano. O antes e o depois, estas noções tão incertas e vácuas para a antiguidade, e que, para o cristianismo, tinham sentido apenas em vista do fim do tempo, tornam-se agora em si e por si o *sentido* e este sentido é apresentado como o verdadeiramente histórico. (AMGABEM,2008,p.117)

Nesse sentido , José Nicolao Julião nos aponta que as próprias reflexões teológicas de Santo Agostinho influenciaram o pensamento moderno em sua percepção de tempo como movimento progressivo e, dessa forma, a reflexão teológica de Santo Agostinho abre um campo para as filosofias modernas da história, não só as que possuem influência sob a ótica divina mas também para as que concebem o tempo como contínuo e o movimento histórico como progressivo.(JULIÃO,2018,p.434)

Existe, contudo, outra concepção de tempo. Uma oposição a uma espacialização do tempo e estão próximas de um tempo do escoamento , que é total enquanto caótico e fracionado na percepção. Esta vê o tempo como uma multiplicidade de agoras dentro de um absoluto, uma mutualidade, um fluxo. Nesta perspectiva o tempo é, sobretudo, movimento. Este para ser apreendido não pode ser dividido em camadas, é absoluto, múltiplo e dotado de mobilidade. Uma mobilidade que impõe um prolongamento do que chamamos de passado ao futuro. Segundo Benjamin, perceber isso é observar que a história não é uma marcha progressiva, mas um tempo saturado de “agoras” que se

³ Cf. BEVERNAGE, (2018, p.191).

faz explodir em um *continuum*⁴.

Em resumo, podemos perceber que uma concepção de tempo espacializante foi estabelecida, reforçada principalmente na modernidade, esta compreensão vulgar se tornou o consenso sobre a questão. Bergson nos oferece outra ideia de pensar o tempo. Fugindo completamente deste cenário de senso comum, o filósofo apresenta uma alternativa fora da forma intelectual de conceber o tempo, uma concepção de tempo voltada ao movimento e que não recorre a reduções, a duração.

1.2 A PERSPECTIVA DURACIONAL EM BERGSON

Bergson foi um dos grandes nomes no processo de renovação do pensamento contemporâneo. Apresentando a intuição como método, o pensador francês se contrapõe às tendências positivista e cientificista, do começo do século XX. Obras como *Matéria e Memória* (1897) e *Dados Imediatos da Consciência* (1889) representaram novas perspectivas na compreensão do tempo e da vida. Contudo, é a partir de *Duração e Simultaneidade* (1922) que o filósofo discorre de forma mais robusta acerca do tempo e seus ritmos, o conceito de duração, a pluralidade do tempo em seu fluxo e, por isso esta obra será o nosso principal objeto de análise, estabelecendo relação de parentesco com a concepção de duração de Braudel.

Conceber a duração é compreender o jogo entre a multiplicidade e a unidade, não se deslocar somente a um ou a outro mas, atentar-se a este movimento que existe entre eles. Devemos compreender que esta multiplicidade de que trata o filósofo não é a que simplesmente se opõe a um todo, trata-se de uma multiplicidade sem divisão, sendo assim uma duração real, do imediatamente percebido (BERGSON, 2006, p.52), sem a qual, segundo Bergson, não teríamos nenhuma ideia de tempo. A multiplicidade bergsoniana não deve ser confundida com o múltiplo da razão formal, pois ela ocupa-se do continuum. Deleuze nos alerta que:

A duração opõe-se ao devir, precisamente porque ela é uma multiplicidade, um tipo de multiplicidade que não se deixa reduzir a uma combinação muito ampla em que os contrários, o Uno e o Múltiplo em geral, só coincidem com a condição de serem apreendidos no ponto extremo de sua generalização, esvaziados de toda "medida" e de toda substância real. Essa multiplicidade, que é a duração, de modo algum se confunde com o múltiplo, como tampouco sua simplicidade se confunde com o Uno (DELEUZE, 1999, p.35)

⁴ Cf. BENJAMIN, (1987, p.14,15).

Quando da caracterização da duração como simultaneidade, Bergson diferencia a simultaneidade da simples sucessão, aquela que conserva a imagem de fluxo que pertence ao próprio movimento (BERGSON,2006,p.58). Ele atenta que apenas superficialmente é possível dividir este fluxo (fazendo assim uma redução), isso porque quando dividimos estamos espacializando e, quando acreditamos estar dividindo o tempo, na verdade estamos lidando com o espaço, matéria matematizada da razão formal (como o exemplo da lâmina e da chama)⁵. A mobilidade para Bergson é a pura duração, a prolongação deste incessante e incomensurável tempo, que se impõe do passado ao futuro e que se faz em um único golpe; as partes do fluxo são encolhimento racional humano. O tempo é, em Bergson, então, pura mobilidade; mutualidade incessante do antes e do depois; indivisível e apenas mensurável por meio da convenção lógica que não lida com o tempo real e sim com uma trajetória ou percepção visual. O tempo real não tem instantes, os instantes seriam formas de converter o tempo em espaço.

A duração, em Bergson, é o oposto do que se concebe como tempo de maneira corrente, como uma ideia matemática para raciocinar. O tempo, portanto, é uma forma de apreensão da duração, que é o tempo real, por meio da inteligência. A duração é, para Henri Bergson, a realidade concreta e o próprio *devoir* da consciência, que se lembra de seu passado e se modifica a cada novo instante ao adaptar-se ao presente⁶. Nesse sentido, a duração pressupõe a coisa e o estado instantâneos, uma transição que capta continuidade, este escoamento que prolonga o antes no depois. Essa transição é a própria duração. (BERGSON, 2006,p.51)

Sabemos então, que a duração (essa transição interrupta,múltipla e sem divisibilidade) é imediatamente percebida, sem a qual não teríamos nenhuma ideia de tempo (BERGSON, 2006, p.52). Em Bergson, essencialmente, a duração é uma continuação do que não é mais no que é .O tempo real é aquele percebido e vivido (BERGSON, 2006, p.57). A duração, o tempo real, não possui separações. O que ocorre é que nós o seccionamos, espacializamos o tempo ao criarmos instantes em linhas. Bergson nos explica:

⁵BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*, 2006, p58. "Ora, nossa duração interior, considerada do primeiro ao último momento de nossa vida consciente, é algo parecido com essa melodia. Nossa atenção pode desviar-se dela e conseqüentemente de sua indivisibilidade; mas, quando tentamos cortá-la, é como se passássemos bruscamente uma lâmina através de uma chama: dividimos apenas o espaço ocupado por ela."

⁶Cf. JAPIASSÚ; MARCONDES, (2001, p.57).

O tempo real não tem instante. Mas formamos naturalmente a ideia de instante e também a de instantes simultâneos desde que adquirimos o hábito de converter o tempo em espaço. Pois, embora uma duração não tenha instantes, uma linha termina em pontos. E, a partir do momento em que a uma duração fazemos corresponder uma linha a porções da linha deverão corresponder “porções de duração” e a uma extremidade da linha uma “extremidade de duração”: será esse o instante- algo que não existe realmente, mas virtualmente. O instante é o que terminaria uma duração se ela se detivesse. Mas ela não se detém. O tempo real não poderia, portanto, fornecer o instante; este, porém do ponto matemático, isto é, do espaço. (BERGSON, 2006,p.62)

Nesse sentido, pensemos no método da intuição para compreendermos sob a perspectiva bergsoniana do tempo e o conceito de duração por ele elaborado. O método intuitivo apesar de não ser exclusivamente bergsoniano, encontra no intelectual um novo prisma na apreensão da realidade e ganha uma acepção metafísica diferente do contexto vivido por ele em questão.

Ao fazermos esta redução, esvaziamos o tempo no espaço de uma quarta dimensão contendo passado, presente e futuro de maneira sobreposta. Para o filósofo francês, isto denota a incapacidade humana de traduzir o tempo matematicamente. Dessa forma, substitui-se o tempo da duração por simultaneidades, que não duram e nem pertencem a natureza do tempo real. Estas concepções vulgares do tempo não passam de visões mentais que criam paradas virtuais. A concepção corrente do tempo, que o matematiza, se opõe ao tempo real, à duração, pois é redução interessada e utilitária. Nas palavras de Ferdinand Alquié: “trata-se de dominar a natureza, não de amá-la; de lhe impor os fins do homem, e não de lhe reconhecer fins próprios”(ALQUIÉ,1993,p.103).

Para Henri Bergson, a realidade se compõe em matéria, vida e espírito. A matéria está vinculada às necessidades, a vida à espontaneidade ou contingência e o espírito se relaciona diretamente com a liberdade e a criação⁷. Desta forma, a razão lógico-matemática, que é instrumento do conhecimento da matéria seria útil apenas nesta redução da realidade. Isto ocorre, pois norteiam esta razão os princípios espacializantes, dado que, os objetos apreendidos, no processo desta, são pontos estanques de um todo, e na impossibilidade de apreender o todo ignoram-no em detrimento da parte. Um exemplo desta limitação da razão formal são os cálculos de velocidade. Em todos eles há uma demonstração que se enquadra em pontos e linhas

⁷ Cf. a respeito CORBISIER, (1987, p.153).

retas, ora, seriam então estas linhas espacializações de uma realidade inapreensível, já que não existe uma justificativa que pondere as convenções entre os pontos. Bergson nos diz que:

Sabíamos bem, desde os anos de colégio, que a duração se mede pela trajetória de um móvel e que o tempo matemático é uma linha; mas não havíamos ainda notado que esta operação decide radicalmente acerca de todas as outras operações de medida, porque ela não se realiza sobre um aspecto ou sobre um efeito representativo daquilo que se quer medir, mas sobre algo que o exclui. A linha que medimos é imóvel, o tempo é mobilidade. A linha é o feito, o tempo é o que se faz e mesmo o que faz com que tudo se faça. Jamais a medida do tempo se relaciona à duração enquanto tal; contamos somente um certo número de extremidades de intervalos ou de momentos, quer dizer, em suma, de paradas virtuais do tempo. Dizer que um evento se produzirá ao fim de um tempo t é simplesmente exprimir que teremos contado, daqui até lá, um número t de simultaneidades de um mesmo gênero. Entre as simultaneidades se passará tudo o que quisermos. O tempo poderá acelerar-se enormemente, e mesmo infinitamente: Nada terá mudado para o matemático, para o físico, para o astrônomo. (BERGSON, 1984, p.102)

A vida, portanto, diferente da matéria, escapa à razão lógica, pois sua insubmissão reside no movimento contingente. Assim como o espírito, que é, para Bergson, a duração consciente em si mesma, sendo assim um método diferente para apreensão

A intuição, para Bergson, reside não na análise como faz a razão formal, e sim em uma tentativa de nos transportarmos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único, conseqüentemente, de inexprimível (BERGSON, 1984, p.14). Não se trata, dessa forma, de encarar a vida (e o tempo como condição primeira) em uma sucessão, pois esta representaria uma redução comparativa do objeto comparado. Uma representação simbólica que apesar de múltipla, é condenada à incompletude das ferramentas da razão formal, considera Bergson:

Toda análise é, assim, uma tradução, um desenvolvimento em símbolos, uma representação a partir dos pontos de vista sucessivos, em que notamos outros tantos contatos entre o objeto novo, que estudamos, e outros, que cremos já conhecer. Em seu desejo eternamente insatisfeito de abarcar o objeto em torno do qual está condenada a dar voltas, a análise multiplica sem fim os pontos de vista para completar a representação sempre incompleta, varia sem cessar os símbolos para perfazer a tradução sempre imperfeita. Ela se desenvolve, pois, ao infinito. (BERGSON, 1984, p.15)

A intuição é a forma pela qual Bergson valida seu conceito de duração, uma duração que apreende do tempo o seu fluir, a sua contingência, de maneira a valorizar o movimento da vida. A multiplicidade no processo da intuição não é aquela que reduz

em camadas o tempo, o objeto ou espírito. A intuição, enquanto método, preconiza a diversidade de acepções atualizadas do objeto não como a parte de um todo, mas um olhar de transitoriedade do irreduzível. Gilles Deleuze infere sobre isto que:

A questão metodológica mais geral é a seguinte: como pode a intuição, que designa antes de tudo um conhecimento imediato, formar um método, se se diz que o método implica essencialmente uma ou mais mediações? Bergson apresenta frequentemente a intuição como um ato simples. Mas, segundo ele, a simplicidade não exclui uma multiplicidade qualitativa e virtual, direções diversas nas quais ela se atualiza. Neste sentido, a intuição implica uma pluralidade de acepções, pontos de vista múltiplos irreduzíveis. Bergson distingue essencialmente três espécies de atos, os quais determinam regras do método: a primeira espécie concerne à posição e à criação de problemas; a segunda, à descoberta de verdadeiras diferenças de natureza; a terceira, à apreensão do tempo real. É mostrando como se passa de um sentido a outro, e qual é "o sentido fundamental", que se deve reencontrar a simplicidade da intuição como ato vivido, podendo-se assim responder à questão metodológica geral (DELEUZE,1999,p.8)

A partir da compreensão do método intuitivo, passamos a apresentar a concepção plural de tempo contida nas obras de Henri Bergson, já munidos de certa familiaridade com a intuição. Em primeiro lugar, devemos perceber o modo de entendimento do absoluto, de Bergson, e ressaltar que sua concepção de tempo como duração, não se restringe às imagens como que fotografadas de um fluir, mas é o próprio conteúdo do fluir.

Para o filósofo francês, tem de se distinguir o tempo real do tempo convencional ou espacializado/matematizado. Há uma crítica às bases da racionalidade e da lógica formal que em suas reduções do tempo colocariam o homem como centro referencial da vida. Diz Bergson que quando dizemos que o tempo passa, somos nós que passamos(BERGSON,2006,p.73). Evidencia-se, sobretudo, a ciência como tradutora do desejo de antropocentrização da vida, ainda que isso seja proporcionar ilusão ou superficialidade à apreensão da realidade. Esta crítica implica, inclusive, em algumas propostas mais radicais da relatividade einsteiniana, nas palavras do intelectual:

Concedo-lhes o direito de substituir o tempo por uma linha, por exemplo, porque é preciso medi-lo. Mas uma linha só deverá chamar-se tempo ali onde a justaposição que elas nos oferece seja convertível em sucessão; caso contrário, será arbitrariamente, convencionalmente que vocês darão a essa linha o nome de tempo: Terão de nos advertir a esse respeito para não nos expor a uma grave confusão. Quanto mais se vocês introduzirem em seus raciocínios e seus cálculos a hipótese de que a coisa denominada por vocês "tempo" não pode, sob pena de contradição, ser percebida por uma consciência, real ou imaginária. Não será então por definição, com um tempo fictício, irreal, que vocês operarão? Ora, é esse o caso dos tempos

com que lidaremos com frequência na Teoria da Relatividade. Encontraremos alguns percebidos ou perceptíveis; estes poderão ser tidos por reais. Mas há outros que, de certa forma, a teoria de serem percebidos ou de se tornarem perceptíveis: caso se tornassem perceptíveis, mudariam de grandeza – de modo tal que a medida, exata quando se aplica ao que não se percebe, seria falsa tão logo percebêssemos. Estes tempos, como não declará-los irreais, ao menos na qualidade de tempo “temporais”? admito que para o físico é cômodo ainda denominá-los tempo- veremos mais adiante a razão disso. Mas, caso assimilamos esses Tempos ao outro, caí-se em paradoxos que certamente nocivos a Teoria da Relatividade, embora tenham contribuído para torná-la popular.(BERGSON,2006,p.77,78)

A partir dessas explicações podemos estabelecer relações cada vez mais próximas entre os conceitos de duração de Fernand Braudel e Henri Bergson às suas divisões de tempo. Apesar de conservarem diferenças inerentes aos seus campos de estudo se conectam através de uma espécie de diálogo invisível que interpreta as concepções temporais muito mais próximas de um fluir, que abarca diferentes multiplicidades, do que uma redução interpretativa de um tempo histórico físiconatural.

1.3 A PERSPECTIVA TEMPORAL EM BRAUDEL

Conceber o tempo de forma diferente é conceber a realidade de forma diferente. A empreitada intelectual realizada por estes dois pensadores ultrapassa a ideia de reformulação de conceito para adequação metodológica. Conceber uma nova imagem de tempo é conceber a vida de forma distinta da tradição. Desde o surgimento do ofício do historiador, a historiografia contemplou diversas formas de compreender o tempo. Em Heródoto, apesar de não termos uma noção clara e explícita de tempo encontramos a preocupação de perceber que os relatos das ações humanas se passam no tempo, e isto também era o objeto da história, a consciência de tempo já acompanhava os historiadores desde sempre.

Ao passar por diversas experiências e práticas historiográficas (durante a Idade Antiga e período medieval) a necessidade de se definir a história a partir de sua relação com o tempo se fez urgente na modernidade. Marc Bloch, uma das figuras mais importantes da historiografia, redefine o conceito de história ao vinculá-lo a um estudo não do passado, mas como estudo dos homens no tempo. O tempo, dessa forma, se torna a dimensão primeira e condicional da história.⁸De toda maneira, o tempo era concebido durante a maior parte dos estudos históricos, por meio do que conhecemos

⁸ Cf. sobre BARROS, (2014, p.243).

como temporalidade. Nesta concepção, dividimos o tempo em unidades de consciência entre passado, presente e futuro, desta maneira, a temporalidade concebe o tempo a partir das percepções e experiências humanas. Apesar de ser uma útil forma para compreendermos as mentalidades, os processos, as relações humanas ou os diferentes momentos, a temporalidade não é capaz de conceber o tempo em sua total duração e, por isso, limita e reduz a compreensão do próprio devir histórico. Nas palavras do historiador José D'AssunçãoBarros:

“Temporalizar” (estabelecer temporalidades) é de certa maneira territorializar o tempo, tomar posse do devir aparentemente indiferenciado, percebê-lo simbolicamente – operacionalizá-lo, enfim. As temporalidades definidas pelos historiadores, é evidente, não existem por si mesmas, e nem os seus limites são dados de uma vez por todas. (...)De igual maneira, estas palavras que são tão familiares ao vocabulário cotidiano – Passado, Presente, Futuro – o que significam propriamente? Como administrar a fugaz relação entre estas três instâncias temporais cuja evocação é tão inevitável na vida comum, mas que se torna ambígua no mesmo instante em que cada momento presente mais do que rapidamente se transforma em Passado, para ser imediatamente seguido pelo momento que no segundo anterior se situava no Futuro, e que também mergulha no seu inexorável destino de ser igualmente engolido pelo eterno abismo do tempo? (BARROS, 2014, p.246)

Em Fernand Braudel, a historiografia concebe um outro conceito de tempo, compreendido como duração, se referindo a ele enquanto sentido e não como um tempo meramente cronométrico. Devemos ressaltar que, o conceito de duração já havia sido elaborado por Henri Bergson anos antes e Braudel, intencionalmente, se reapropria do termo para elaborar seu conceito. Observa-se, dessa forma, que as semelhanças entre as concepções temporais dos dois autores não são meras coincidências, elas corroboram a necessidade de uma nova apreensão do movimento temporal.

Nesse seguimento, Braudel propõe uma renovação do tempo histórico, em nosso entendimento, a partir de uma perspectiva das ciências sociais e da filosofia. E a filosofia que ele se aproxima para tal, parece ser a de Henri Bergson. Esta similaridade no conceito de duração para estes dois intelectuais franceses, demonstram que existe uma espécie de iluminação recíproca nesse sentido, ainda que , claro , mantenham diferenças.⁹ A duração, em Braudel, diz respeito às mudanças e permanências,

⁹Sobre as diferenças entre Bergson e Braudel, cf. BARROS, (2014, p.247), segundo o autor: “Deve-se ressaltar que a ‘duração’ refere-se ao ritmo, ao modo e à velocidade como se dá uma transformação no tempo, à durabilidade ou permanência de algo até que seja substituído por algo novo ou por um novo estado. O conceito de ‘duração’ – e as concomitantes sensações de variação na velocidade do

compreendendo imposições incessantes de instantes anteriores a instantes que sucedem. Braudel não os percebe como instantes em si, mas como fluxo que em determinadas realidades históricas ocorrem em velocidades diferentes. Podemos dizer, as realidades duram de formas diferentes. Os entrelaçamentos dos processos históricos possuem, para ele, velocidades diferentes e produzem aspectos com durações distintas.

O tempo histórico criticado por Braudel não está preocupado com a natureza do tempo em si, disso decorre a sua crítica de que o tempo deva ser uma arquitetura e não uma dimensão. Ao propor uma nova concepção de tempo a partir das durações, Braudel propõe uma nova concepção de interpretação da história. Temos um tempo da “curta duração”, um tempo dos eventos, de um ritmo cotidiano. Esta curta duração pertence aos objetos de jornalistas e cronistas, um tempo das experiências imediatas. Um terremoto, um golpe de estado ou assinatura de um tratado fazem parte desta dimensão duracional. O tempo da média duração representa esta segunda duração, ele é constituído por conjunturas de ordem política social, econômica e cultural. Ciclos econômicos e gerações literárias são os exemplos que Braudel compreende como média duração. Dito de outra forma, esta é a duração

dos eventos repetidos ou geracionais¹⁰. Por fim, temos a chamada longa duração. A esta pertenceria uma história quase fixa ou imóvel, como a relação entre a realidade e as sociedades, o clima de um determinado país ou a fundamentação do cristianismo no mundo ocidental. Pertencem a esta dimensão a história em suas perenidades. A visão braudeliiana então passa a privilegiar a dimensão da chamada longa duração em sua produção historiográfica. Isto não ocorre pelo fato de o historiador menosprezar as dimensões mais curtas, e sim devido à longa duração abarcar as outras duas

dimensões, ou seja, a longa duração neste jogo de escalas é a mais importante, na amplitude duracional que carrega. A questão é, sobretudo, uma apreensão da transitoriedade das durações, que ao mesmo tempo três são na verdade uma. Privilegiar a longa duração é priorizar esta transitoriedade, este movimento. (Cf. BRAUDEL, 1978, p.45)

A partir de sua obra *O Mediterrâneo*, Braudel utiliza um método de análise que compreende o tempo como uma estrutura única ao mesmo tempo que múltipla. Esta

tempo, independentemente da passagem do tempo cronológico (o tempo do relógio e do calendário) – remete de certo modo ao que classificaremos mais adiante como um “tempo interno” (um tempo que é sentido ou percebido subjetivamente pelo ser humano, e não meramente um tempo cronométrico)”.
¹⁰Cf. ROJAS, (2013, p.21-22).

multiplicidade dos tempos, suas durações, estariam denotadas de singularidade. mas compondo parte de um fluxo estrutural total. Existe então para o autor uma pluralidade do tempo, uma dialética entre escalas do tempo. Desta forma, haveriam três dimensões deste tempo únicoemúltiplo. Esta “totalidade” é uma representação estrutural deste jogo de camadas que observa permanências e rupturas duracionais. O tempo braudeliano é uma compreensão dos movimentos curtos, médios e longos que compõem em verdade um mesmo tempo único, a partir daí se percebe uma perspectiva que aproxima e movimentada passado e presente como que um fluxo. Além disso, há uma crítica à história que nega esse movimento e reduz as curtas e medias durações a parte desse todo.

O presente e o passado esclarecem-se mutuamente, com uma luz recíproca. E se a observação se limita à estrita actualidade, a atenção dirige-se para o que se move rapidamente, para o que sobressai com ou sem razão, para o que acaba de mudar, faz ruído ou se manifesta de um modo imediato. (BRAUDEL, 1986, p.21)

Este esclarecimento mútuo é para o historiador francês uma forma de expressar essa totalidade do tempo que o próprio historiador reduz em durações e apreensões em seu ofício documental e hermenêutico. Isto é, reduzir determinada sociedade ou objeto de pesquisa histórica como espécie de imagem estática é não compreender o tempo histórico, e sim caminhar por um jogo sincro-diacrônico inevitavelmente seletivo (Cf. BRAUDEL, 1986, p.35). O atento historiador, dessa forma, concebe que a duração com a qual lida é parte de todas as outras, havendo assim um balanço inevitável em sua escrita da história. A este balanço pertencem os ruídos mais audíveis e os sussurros quase imperceptíveis da vida e de seu estiramento temporal, não mais uma medida linear, mas uma escolha consciente desse fluxo imensurável a qualquer produção historiográfica, como nos diz o autor:

De facto, as durações que distinguimos são solidárias umas com as outras: não é apenas a duração que é criação do nosso espírito, mas a parcelamento desta duração. Ora, estes fragmentos reúnem-se no fim de nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, acontecimento ajustam-se sem dificuldade, posto que todos têm a mesma escala de medida. Por isso mesmo, participar espiritualmente num destes tempos, equivale a participar em todos eles. (BRAUDEL, 1986, p.34)

O conceito de duração para Braudel está dessa forma intrinsecamente ligado a esta relação parte-todo. O tempo, para ele, na sua utilização historiográfica deve compreender os movimentos da história como entrelaçados por outros movimentos em

ritmos distintos. A riqueza conceitual presente aqui é na compreensão deste diálogo temporal. É evidente que escapa ao historiador tratar de todo este fluxo, porém o essencial reside na compreensão deste, ainda que seja possível seu manuseio. Em *História e Ciências Sociais* (1986), Braudel evidencia que:

Entre os tempos diferentes da história, a longa duração se apresenta assim como um personagem estorvador, complicado e inédito. Admiti-lo em nosso ofício não é um mero jogo, a habitual ampliação de estudos e curiosidades. Tampouco se trata de uma eleição da qual seria o único beneficiário. Para o historiador, aceitá-la equivale a prestar-se a uma mudança de estilo, de atitude, a uma mudança radical de pensamento, a uma nova concepção do social. Equivale a familiarizar-se com um tempo de marcha lenta, às vezes, quase no limite do movimento. Nesse nível, não em outros – voltarei a isso –, é lícito desprender-se do tempo exigente da história, sair dele, depois retornar, mas com outros olhos, carregados com outras inquietudes, outras perguntas. Em todo caso, é em relação com essas camadas de história lenta, que a totalidade da história pode voltar a ser pensada, a partir de uma infraestrutura. Todos os níveis, todos os milhares de níveis, de ruídos do tempo histórico, compreendem-se a partir desta profundidade, desta semioimobilidade. Tudo gravita em torno dela (BRAUDEL,1978,p.52,53)

A compreensão desta semio-imobilidade da longa duração descrita pelo historiador é ímpar na formulação de uma análise da história que privilegie os movimentos, essencialmente a mobilidade do tempo histórico. Nesse sentido, as durações passam a ser camadas de observação a fim de inteligibilizar as transformações da realidade. A sensibilidade para assimilar que a indivisibilidade do tempo é a chave para pensar as vicissitudes dos homens, seus grupos, práticas e expressões. São os fragmentos destas durações os objetos centrais, não o todo enquadrado.¹¹

Assim, a duração dá lugar às durações, de forma cooperativa, estas traduzem o tempo (em seu todo ou fluxo) em vínculos dimensionais de dependência. Aqui encontramos uma das grandes inovações braudelianas, uma outra imagem do tempo, que valoriza os ritmos bem mais do que a “realidade” que é observada, já que esta compõe a dinâmica de pressões rivais. A concepção estrutural de Fernand Braudel não objetiva representar o infundável e, sim, se apresenta como ferramenta possível para a história na busca do imperceptível e sua relação com as atualizações mais breves da vida. Apresentemos esta percepção de tempo de forma prática. Em *O Mediterrâneo e O Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*, o historiador começa se debruçando sobre a geografia do espaço do mediterrâneo. Contudo, para Braudel, esta geografia serve como lente para observar as rupturas que darão forma ao mundo mediterrâneo. O meio ambiente, por exemplo, se apresenta em análise como um dos vestígios

¹¹ Cf. CRACCO, (2009, p.889).

capazes de guardar nexos duracionais

Mesmo no caso de termos dados mais numerosos e perfeitamente encerrados, não poderíamos contentar-nos com uma investigação sobre a geografia humana, estritamente limitada ao período compreendido entre o ano 1550 e o ano 1600, no caso de empresa empregada com falsa intenção de uma explicação determinística. E como temos testemunhos muito menos completos, e como não foram sistematicamente lembrados pelos historiadores, não caímos em outra possibilidade, se quisermos iluminar esse corte. Momento da vida mediterrânea que vai de 1550 a 1600, a campanha "La interpola" analisa imagens, paisagens e realidades de outros tempos, antes e depois; e alguns mais tarde, que descobrimos o momento que estamos vivendo. O resultado desta acumulação será um marco no qual, através do tempo e do espaço, uma história que se desenrola em câmara lenta que permite a descoberta de traços permanentes. Em um contexto semelhante, a geografia deve ser uma barbatana em si mesma para se tornar um meio; nos ajuda a recriar a mais lenta de suas realidades estruturais, a ver tudo de uma perspectiva de acordo com o tempo de fuga mais longo. (BRAUDEL, 1958, p.30,31)¹²

Ao escrever sobre sua concepção temporal, Fernand Braudel usa metáforas para explicar suas durações. Os acontecimentos, por exemplo, seriam espumas que se formam nas cristas das ondas impulsionadas pelas correntes mais profundas do oceano, estruturas de média ou longa duração dessa forma. O mar da história não possui um processo, uma linearidade, mas se movimenta em diferentes durações e velocidades. Outra metáfora apresentada pelo historiador, que nos ajuda a compreender sua percepção temporal é dos vagalumes: os vagalumes, ao brilharem na escuridão da noite, representam os eventos que chamam a maior parte da atenção dos historiadores. Contudo, a historiografia deve se concentrar na escuridão densa pois esta permanece, o brilho dos eventos é forte, porém fugaz. Estes brilhos se dão em uma complexidade extensa e turva das realidades persistentes e profundas do decurso dos

¹²No original: "Aun en el caso de haber contado con datos más numerosos y perfectamente fechados, no nos habríamos podido contentar con una investigación sobre la geografía humana, limitada estrictamente al periodo que va del año 1550 al año 1600, nisi siquiera en el caso de haber emprendido con la falsa intención de llegar a una explicación determinista. Y dado que ni mucho menos disponemos de testimonios completos, y que nisi quiera hemos sido recogidos sistemáticamente por los historiadores, no nos queda otra posibilidad, si queremos iluminar ese corte instantáneo de la vida mediterránea que va de 1550 a 1600, sino la de interpolar y analizar imágenes, paisajes y realidades de otras épocas, sean anteriores o posteriores; y algunas son tan posteriores, que las hemos sacado del tiempo que estamos viviendo. El resultado de esta acumulación será un marco en el que, a través del tiempo y del espacio, se desarrolla una historia a cámara lenta que permite descubrir rasgos permanentes. En semejante contexto la geografía debe de ser un fin en sí para convertirse en un medio; nos ayuda a recrear las más lentas de las realidades estructurales, a ver todo en una perspectiva según el punto de fuga de la duración más larga." BRAUDEL, Fernand. *El mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*. México: Fondo de Cultura Económica, 1953. 1 vol. p.30,31.

processos humanos.¹³

Braudel acredita ser necessário libertar-se do tempo exigente e do esquema da história, ter uma visão nova, incitada por novas questões. Para Braudel, a história não pode ser entendida como uma realidade em mudança constante, como um processo progressivo cheio de perdas e novidades, mas sim um movimento de intermináveis durações. Para o historiador Berber Bevernage Braudel não demonstrava crer em uma divisão absoluta entre passado e presente, para ele o presente seria tão estranho quanto passado.¹⁴ Nesse sentido cada realidade reúne movimentos de diferentes origens e ritmos. Nas palavras de Braudel “o tempo de hoje, alternadamente data de ontem, de anteontem e de todos os tempos anteriores. (BRAUDEL, 1978p.61).Vejam um segundo exemplo prático da concepção do duracional de Fernand Braudel. Nos diz o historiador: Ao falar sobre a crise econômica em Florenza, em 1580, chegaremos a documentos que nos indicam o repatriamento de mercadorias provenientes da França e da Alta Alemanha. A crise tão clara, por outros documentos já não parece tão coerente. Deveríamos então buscar, segundo Braudel, documentos que abordem se a questão do recuo econômico ocorre somente na área Toscana ou em Veneza. Deveríamos pensar nas relações da Índia e na China durante o século XVI e o Mediterrâneo. Teremos que refletir sobre os portugueses, os mercadores e a política econômica ibérica do século XVII. (BRAUDEL, 1978,p.26,27)

O que percebemos é que nenhum desses problemas jamais se deixa encaixar num só quadro. É necessário compreender, sobretudo, o movimento e não tão somente o recorte, pois dessa forma estaríamos reduzindo e criando distorções em nossos objetos nas palavras do historiador francês:

Nenhum problema, jamais, se deixa encerrar num só quadro. Se deixarmos o domínio do econômico, da técnica, pelo das civilizações, se pensarmos nessas insidiosas, quase invisíveis fendas que, num século ou dois, se convertem em fraturas profundas para além das quais tudo muda na vida e na moral dos homens, se pensarmos nessas prestigiosas revoluções interiores, então o horizonte, lento em se delinear, se alarga e se complica com mais intensidade ainda (...) Toda progressão lenta acaba um dia; o tempo das verdadeiras revoluções é também o tempo que vê florir as rosas!(BRAUDEL, 1978,p.30,31)

Durante todo o período moderno, as maneiras como o tempo foi percebido pela historiografia (como regular e de sucessão, horas, dias, meses, etc...) como tempo de

¹³ Cf BARROS (2012,p.10).

¹⁴ Cf. BEVERNAGE, (2018,p.226)

absoluta linearidade. Uma espécie de dimensão da vida humana que está separada e não percebida pelos homens, um tempo de vigência social ou de progressão uniforme. Para Aguirre Rojas, Braudel se insere em um contexto polêmico acerca das concepções do tempo

Se analisarmos, com mais cuidado, o modelo de percepção do tempo, que foi dominante durante toda a modernidade, é o de um tempo derivado da física newtoniana, concebido como “marco temporal”, vazio e homogêneo, composto na regular sucessão dos segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos. Ou seja, um tempo abstrato e linear, constituído como dimensão autônoma e separada dos homens, que regula suas atividades sociais e individuais. Trata-se de um tempo de vigência social e de progressão regular e uniforme, que se apresenta como unitário e constituído de uma única dimensão, e cuja única decomposição/recomposição possível é a de sua fragmentação em unidades menores, da referência cronológica de anos, dias, horas, minutos, etc. Frente a este marco temporal, próprio da modernidade, assimilado pelas ciências sociais e pela história, deflagrou-se uma intensa polêmica, a partir da segunda metade do século XIX e impulsionada fortemente pelos postulados da teoria da relatividade de Einstein – que desmontava esta visão newtoniana do tempo absoluto, contrapondo-lhe a relatividade do tempo. Aquela polêmica alcançou seu ponto máximo durante os anos 20 e 30 do século XX, às vésperas da segunda guerra mundial. Foi precisamente nessa atmosfera, de intensa reflexão sobre as estruturas e dimensões da temporalidade, que Braudel elaborou seu modelo dos diferentes tempos e da longa duração. E o fez precisamente numa linha de desconstrução da visão moderna do tempo, para superá-la com a nova teoria da decomposição e diferenciação temporal.(ROJAS ,2013, p.30,31)

Fernand Braudel elaborou um conceito de tempo a fim de propor uma nova imagem da história, um tempo de movimento e não linear. Percebemos, a partir destas análises, as concepções de tempo e o conceito de duração de Braudel que este se coloca além de próximo à filosofia bergsoniana, contrário à concepção física natural do tempo histórico.

1.4 CRÍTICAS E PONDERAÇÕES SOBRE O TEMPO EM BRAUDEL

A concepção temporal do historiador francês provocou a reação de diversos autores. Cabe aqui, após apresentar concepções e impressões duracionais de Braudel, apontar algumas das principais críticas e os mais destacados comentários na historiografia. Nesta seção buscaremos esboçar algumas delas. Na construção de uma elaboração teórica sobre o tempo, Fernand Braudel, por ser um nome central, é analisado com muitíssima frequência e de forma incisiva. Nesta seção, pretendemos demonstrar, de forma ampla, algumas das críticas mais assíduas à composição teórica das escalas

duracionais do historiador francês. No segundo capítulo deste trabalho algumas destas críticas serão aprofundadas, no que se refere aos aspectos estilísticos do intelectual.

O historiador José Carlos Reis nos apresenta uma série de contra argumentações teóricas às obras e conceitos de Fernand Braudel. Segundo ele, alguns analistas chegam a pôr em risco o caráter inovador tão enaltecido nas obras de Braudel em detrimento de críticas acerca do caráter estrutural particular que Braudel concede ao tempo em sua escrita historiográfica (REIS, 2003, p.114).

Claude Lefort

Acusado, por exemplo, de imprecisão conceitual na formulação de estrutura, como faz Claude Lefort. Braudel é visto como confuso e sem unidade de sentido em suas configurações explicativas. “Lefort considera que a obra de Braudel é caracterizada por um pontilhismo não-causal que contradiz sua pretensão sociológica. O método de Braudel, conclui Lefort, oscila entre o racionalismo e o empirismo” (REIS, 2003, p.114). Devemos compreender que a própria escrita braudeliiana é uma estrutura fluída, e que talvez essa falta de “unidade de sentido, a que se refere Lefort, seja a relação de movimento atribuída pelo autor de O Mediterrâneo ao seu tempo histórico e seus conceitos adjacentes. Reis aponta que a crítica de Lefort pode estar vinculada a uma concentração excessiva nos pontos de explicação utilizados por Braudel em sua construção conceitual, levando a uma eventual perda da conjuntura ou figura maior construída pela relação entre os pontos (REIS, 2003, p.114).

Samuel Kinser

Outra crítica, realizada de forma mais dura, pertence a Samuel Kinser. O analista americano ao escrever sobre a principal obra de Braudel ressalta uma descontinuidade entre as edições de 1949 e 1966. Na primeira edição, observa Kinser, o que ele considera ser uma visão antiquada da historiografia em relação a geografia, além de levantar problemas metodológicos complexos. Já na segunda edição, Kinser indica que o historiador francês estaria atrelado a um perfil estruturalista. Ainda sobre a segunda edição, Kinser aponta falhas na resolução dos problemas metodológicos percebidos por ele na primeira edição (REIS, 2003, p.114,115).

As críticas não param por aí. Kinser aponta também, a partir dessas observações, que a obra de Braudel não teria nada de revolucionário. Seria, para ele, um produto de uma reflexão historiadora do tempo das coisas humanas (REIS, 2003, p.115,116). Fernand

Braudel, dessa forma, não estaria conceitualizando um tempo dos ritmos dos filósofos e sim de uma visão costumeiramente humana e espacial. Para Kinser, Braudel não compreende o tempo como não matematizado. Nas palavras do analista:

O tempo tem profundidade e altura , isto é , ele apresentado como movimento através do espaço, com ritmos rápidos e lentos; ele nunca é considerado como caótico ,descontínuo , como possuindo força unitária ou como nada senão um sistema de coordenadas criado pelos historiadores por conveniências ideológicas de variados tipos. (KINSER,1981, p.99, apud REIS, 2003, p.116).

Devemos compreender que a pluralidade de Braudel e suas concepções sobretudo em suas correlações com as outras áreas do conhecimento, tornou sua escrita historiográfica conceitual suscetível a críticas acerca de uma suposta “instabilidade” do autor.

Paul Ricoeur

Para Ricoeur , Braudel acerta em sua tentativa de compreender o tempo, por meio de uma relação entre história e literatura , que explica com riqueza conceitual a percepção temporal (REIS, 2003, p.117).A crítica que pontua Ricoeur, é a de que este lado artístico do historiador francês põe em dúvida a crítica da “Nova História” em relação ao processo teórico na historiografia , que se afasta do elemento narrativo. Para José Carlos Reis:

A narração seria uma abordagem “indireta” da temporalidade. Ela não diz o que a temporalidade é, nem o porquê dela, mas como ela se dá Através de uma configuração narrativa, o leitor redesenha a experiência temporal do mundo humano, da qual ele participa. Ele a reconhece. A configuração narrativa não é uma teoria, isto é, uma abordagem direta do tempo. Ela só atinge o seu ser indiretamente: não possui conceitos que expliquem a temporalidade, mas recria, imita, e o leitor reconhece e compreende. (REIS, 2003, p.117)

A crítica de Ricoeur não é a Braudel em si, mas ao paradigma que se colocou acerca da relação entre a perspectiva narrativa e a questão teórica.

J.H. Hexter

Para J. Hexter, Braudel , em o Mediterrâneo , é bem sucedido ao propor uma linguagem da longa duração , adotado pelos anales de forma tácita. Hexter valoriza o conteúdo dialético da duração. (REIS, 2003, p.119)

O apontamento crítico do analista americano reside majoritariamente na divisão tripartite do tempo. Segundo Hexter, isto é mais uma herança da mentalidade cristã do que uma necessidade racional. Isto, para o autor em questão, é um reducionismo e não resolve o “problema” apresentado pelo próprio Braudel (REIS, 2003, p.119 . A solução, para Hexter, é utilizar a história problema como método para ligar duração e mudança. Para o analista, os sucessores dos estudos braudelianos teriam se enveredado pela história total. Reis contrapõe esta análise ponderando que:

Os trabalhos que sucederam essas obras não são imitações,mas tem nelas as suas raízes, a sua inspiração. Sobretudo, no que diz respeito à noção de tempo histórico: todos usarão a linguagem da longa duração e a dialética do presente/passado, todos abordarão objetos e fontes que possibilitem o uso dessa linguagem temporal. Os sucessores de Braudel, quando produzem, têm como referência sua obra , o seu padrão de qualidade, o seu exemplo, a sua forma de organizar e dispor os materiais. “Imitar” não significa sempre “ fazer igual”. Em ciências humanas,“imitar” significa sobretudo “inspirar-se”, “nutrir-se” e fazer diferente! (REIS, 2003, p.119).

Para o historiador Marcos Lopes, a ideia do tempo e suas percepções teóricas foram as principais ocupações de Fernand Braudel. Nesse sentido, devemos compreender que Braudel configura diversas temporalidades em uma complexa rede de aspectos e que movimentam dinâmicas duracionais distintas. Braudel altera decisivamente o pensamento acerca do tempo justamente por se esquivar de uma concepção estanque da vida e dos processos históricos. (LOPES,2003,p.91).

Polissemia na duração

Um conceito é, por excelência, polissêmico. Em seu empreendimento conceitual Braudel constrói um repertório amplo que atravessa vários campos do saber e outros conceitos. O próprio conceito de duração do historiador compreende uma relação não progressiva, a duração em si mesma não era uma definição, mas uma imagem da vontade conceitual de Braudel. Segundo ele, esta não deveria ser vista em apenas um só quadro ou perspectiva. Segundo Barros, a polissemia para as ciências humanas deve entendida como uma característica, pois estas são multiparadigmáticas e abertas. (BARROS,2016, p.58).

O debate historiográfico, a partir da segunda geração da *escola do annales* da qual Braudel talvez seja o principal expoente, dá início a uma série de diálogos entre o estudo da história e outras áreas das ciências humanas a fim de cooperar e, em alguma medida ,sustentar concepções, teorias e métodos. Nesse sentido , a relação aberta de Braudel com as demais áreas das humanidades corrobora a perspectiva múltipla que Braudel priorizava em seu desenvolvimento conceitual (ROJAS,2013,p.30,31)

Braudel não só é consciente da polissemia de sua *duração* como entende que a própria intenção do conceito não é possível sem ela. Não é para ele um empecilho e sim um ponto a favor. Segundo Barros, de alguma maneira as ciências humanas lidam com os seus conceitos a partir de uma atitude flexível que as coloca simultaneamente equidistante da rigidez científica e da fluidez filosófica. (BARROS, 2016, p.60)

Empréstimos conceituais e transversalidade

Para Antoine Prost, a história não cessa de pedir empréstimos quando se trata de conceitos. Isso é positivo na medida em que as ferramentas conceituais emprestadas sejam flexibilizadas de forma criteriosa e, se necessário, que sejam feitas ressalvas em suas reapropriações (PROST, 2008, p.126, 127).

Como já vimos anteriormente, o termo duração empregado por Braudel é uma reapropriação da *duração* do filósofo Henri Bergson. A relação entre estes dois conceitos do mesmo termo é objeto central em minha pesquisa de mestrado. Não cabe neste trabalho apresentar todas as similaridades, contudo, gostaria de discorrer brevemente sobre como Fernand Braudel amplia sua elaboração conceitual por meio de empréstimos de ferramentas conceituais de outras áreas. Além da mais evidente, o termo tomado de empréstimo da filosofia bergsoniana, o historiador francês usa com muita frequência termos da sociologia para explicar a relação duracional de forma dialética.

Reinhart Koselleck

Sob um olhar mais rigorosamente historiográfico na esteira da construção das teorias da história, Koselleck se apresenta como um grande contribuinte para os debates e interpretações acerca não só da amplitude teórica da questão do tempo, mas especificamente busca introduzir novos olhares da *duração* como em *Futuro Passado* (1979). O historiador alemão observa o próprio conceito de tempo utilizado pela história e pelos historiadores, verificando, por exemplo, a diferença do conceito de tempo de sucessão ou progresso para o da experiência e das temporalidades na transição do século XIX para o XX (BENTIVOGLIO, 2010, p.4).

Koselleck se harmoniza teoricamente em relação aos pressupostos braudelianos de apreensão do tempo, quando dimensiona a experiência na história em três dimensões, dando o que o próprio historiador chama de temporalidade multinivelada, trabalhando os diferentes ritmos, acelerados e desacelerados do tempo (WHITE *apud* KOSELLECK, 2002, p.12). Nesse entendimento, Koselleck procura ainda expor uma interpretação de duração ligada ao ritmo denominada *Sattelzeit*, uma espécie de tempo da modernidade que, para o autor, configura aceleração. (BENTIVOGLIO, 2010, p.4).

Especificamente em sua obra *Futuro Passado* Koselleck estabelece uma relação entre experiência e expectativa que se torna fundamental na compreensão da relação do tempo histórico. A novidade trazida pelo historiador alemão consiste no fato de que as experiências do passado se realizam efetivamente no presente, por meio da memória, das fontes e dos próprios vestígios ínfimos de um modo de vida, fazendo do tempo presente um tempo de construções a partir do passado não uma espécie de zona de idoneidade e questionamento, mas de transição. Nesse sentido Koselleck compreende que estas consolidações da experiência são concretizadas também inconscientemente.

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p.309-310).

Ainda nessa perspectiva, o autor aborda a expectativa como parte fundamental desse sistema de compreensão e interpretação. As expectativas são para o autor as antecipações do porvir, concebidas por um *horizonte* de medos, desejos, prevenções entre outras formas de construir imagens do movimento seguinte em relação ao anterior. É ímpar observar que o tempo presente, é o tempo que absorve as experiências e cria expectativas, e mais do que isso, produz novas experiências que só se concretizarão em um tempo futuro. Para a historiografia, Koselleck fornece uma nova perspectiva para a compreensão da escrita da história e de como os conceitos, que permeiam e emergem da intelectualidade e da produção de conhecimento de cada momento da história, podem ser concebidos através de uma relação de movimento entre a experiência e a expectativa. A tensão entre esses dois pontos é a chave para pensar a produção da história e do conhecimento, cada *presente* apresenta uma tensão diferente, fruto não de uma ruptura temporal ou uma permanência imóvel, mas das vicissitudes de cada encontro entre uma experiência e uma expectativa.

Podemos citar um exemplo simples: a experiência da execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao rei não encontrou eco. Mas entre a Revolução Inglesa Passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas”

(KOSELLECK, 2006, p.308-309)

R.G Collingwood

A perspectiva acerca do tempo, do historiador, filósofo e arqueólogo inglês, está ligada ao que ele denomina de *reconstrução subjetiva*. Basicamente, o historiador deveria perceber o passado em seu “exterior” (tudo que pode ser descrito enquanto observação) e o “interno”(aquilo que só poder ser descrito em termos de pensamento) ,e não deve ser focado em apenas um desses, e sim em sua “totalidade” (BEVERNAGE,2018,p233,234).

Nesse sentido, o historiador inglês nega ausência ou distância total do passado e, para isso , ele repensa tempo e história. Segundo Bevernage, Collingwood argumenta que a concepção ordinária do tempo é instável e vai contra a noção de um tempo progressivo e em “linha reta” (BEVERNAGE, 2018, p.236). Collingwood rejeita a espacialização do tempo e propõe uma solução a essa espacialização :

Podemos considerar o passado como uma pré-condição necessária do presente, Collingwood afirma, mas ele não tem uma existência real (em oposição uma existência ideal). Ainda assim, se reconhecermos apenas a realidade do presente negar- toda a realidade do passado (e do futuro) não poderia haver conhecimento algum do passado, e o presente,que “reduzido a um ponto matemático”, desapareceria completamente. “Os termos do nosso problema”, ele escreve,“exige que em *algum sentido*,devemos restaurar ao passado e ao futuro a sua realidade para, que o presente não possa ser exaurido de todo seu conteúdo. A solução proposta por Collingwood é encontrada em um raciocínio complexo que distingue o “ser” do “existente”, contrasta o ser “real” com o “ideal” e conclui que “Nós chamamos o passado em *si* à existência para recordar e pensar historicamente; mas nós fazemos isso pelo desembaraçamento dele do presente, em que realmente existe transformando, e re-transformando-o em pensamento naquilo que era”.(BEVERNAGE, 2018,p.236,237).

Temos aqui uma clara relação com pensamento braudeliano. A concepção duracional /temporal de Braudel principalmente se relaciona com Collingwood em vários aspectos, mas os principais estão vinculados àquilo que se refere a uma maneira de repensar a perspectiva da história e da vida ,uma concepção não linear do movimento e do *devir* histórico. Além disso , o empréstimo dos aparatos conceituais teóricos da filosofia também se faz presente.

1.5 BERGSON E BRAUDEL: DIÁLOGOS DURACIONAIS

Ao se debruçar sobre os conceitos de duração em Bergson e Braudel, observa-se mais do que semelhanças, vislumbra-se uma nova percepção ou imagem dos movimentos do tempo. Há entre os dois autores uma espécie de diálogo aparentemente invisível, na tentativa de apresentar um novo tempo, para uma nova ciência, fora das reduções da modernidade e que, apesar de existente, não prevalece nos termos mais gerais das exposições científicas¹⁵. Assim como Bergson (que pensa a duração como o tempo múltiplo e total sem contradições e propõe um novo método de percepção da vida) Braudel contesta o paradigma temporal de seu tempo ao propor uma relação de movimento entre durações que privilegiam o fluxo e recusam um tempo sucessivo. O historiador francês incita a necessidade de uma nova forma de se conceber a história.

A fim de observarmos esta autoiluminação recíproca de forma mais clara vamos expor dois aspectos semelhantes nas concepções de duração entre os autores. O primeiro trata da contestação de uma percepção sucessiva do tempo e o segundo diz respeito à percepção fluída do tempo, múltiplo e único, sem contradição. Bergson, ao longo de sua produção sobre a percepção real do tempo deixa claro que a duração sobre a qual se debruça não é um mero recorde sucessivo cronológico. Em Bergson não encontramos a divisão entre passado e presente, esta divisão representa uma linearidade virtual, desta forma o espaço passa a responder pelo tempo, pois ao dividi-lo em movimentos extraímos seu caráter imóvel ocupador de espaço e não observamos a transição, o movimento. A duração bergsoniana não é formada por instantes em sucessão, *a duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança*, nas palavras do autor. (BERGSON,2006,p.47).

A essência da duração bergsoniana está no fluir, o tempo real não são os “estados” tomados por nós. De forma oposta, o tempo real, a duração, é um fluxo, é continuidade e mudança. Para o filósofo estados e instantes são reduções que fazemos na tentativa de estabelecermos uma unidade. Contudo, esta unidade é também artificial e vazia, pois não

¹⁵ Um exemplo desta permanência de uma concepção linear do tempo está explicada nas palavras do historiador Aguirre Rojas, na obra *Fernand Braudel e as Ciências Humanas* (2013) ao falar como grande parte da leitura de Fernand Braudel gerou uma cristalização das dimensões duracionais, justamente o oposto da percepção braudeliana, calcada no movimento: *Como vimos acima, ele já foi muito difundido, mas, ao mesmo tempo, também amplamente vulgarizado. Pois, uma coisa é postular a exigência de aproximar-se de uma maneira nova e inédita dos fenômenos do tempo; outra, muito distinta, é ser capaz de deslocar-se efetivamente de uma concepção anterior para outra, completamente nova. Por isso, é bastante freqüente encontrar autores ou textos que equiparam a longa duração com o longo prazo dos economistas, ou que acreditam que basta que uma realidade qualquer dure mais de cem anos, para qualificá-la como estrutura de longa duração.* p.24.

carrega a mudança ininterrupta de si mesma. Torna-se, desta forma, uma unidade para fins não objetivos mas cientificamente e usualmente limitados. Sobre essa percepção duracional e temporal fora da sucessão de instantes, Deleuze nos esclarece que para Bergson, a duração é essencialmente memória, consciência e liberdade (DELEUZE, 1999, p.39). Existe, portanto, uma acumulação do passado no presente na compreensão de tempo como duração em Bergson, ou seja, o presente sempre traz em si a imagem crescente do passado. A memória, por sua vez, recobre com uma capa de lembranças as percepções imediatas, ao mesmo tempo em que contrai em si uma multiplicidade cada vez maior de momentos. A duração, portanto, não consiste em ser uma série de instantes idênticos, pois o momento seguinte guarda ainda, além daquele que o precedeu, a lembrança deixada por este. Além disso, como um momento ainda não desapareceu quando o outro já apareceu, eles se contraem e se condensam um no outro.¹⁶

De forma semelhante, Braudel passa a questionar a percepção de tempo estabelecida pela historiografia. O historiador não aceita uma progressão sucessiva do tempo e sim uma imagem muito mais complexa e móvel, suspendendo a visão de uma realidade histórica pacífica e harmônica, que foi refeita apenas em função de suas linhas dominantes. Fernand Braudel propõe uma percepção temporal por meio das durações. Contudo, estas durações não são momentos ou instantes e sim percepções de ritmo acerca dos acontecimentos. Estes ritmos não estão em encadeamento linear, mas em contínuo entrecruzamento. Nesse sentido, as durações braudelianas buscam priorizar o movimento do tempo, percebendo que não há um progresso cronológico fragmentado, mas uma realidade complexa e densa. Esta dinâmica para Braudel é o próprio devir histórico.¹⁷ Para Fernand Braudel, então, a realidade não se reduz a níveis ou a ordens, ela seria, sobretudo, uma complexa unidade em movimento. O que é fundamental, portanto, para o historiador, é observar como as diferentes cadências temporais observadas se relacionam e se influenciam mutuamente.¹⁸

Ao criticar as compreensões vulgares do tempo utilizadas pelas ciências sociais, Braudel indica que uma nova percepção de tempo não sucessivo deve ser incorporada, ao lidarmos com a realidade histórica.

Com essa gama de cores, ser-lhe-ia impossível reconstituir a luz branca unitária, que lhe é indispensável. Ele percebe também rapidamente, que esse tempo camaleão assinala sem mais, com um sinal suplementar, com um toque de cor, as categorias anteriormente distinguidas.(...) Cada realidade social

¹⁶ Cf. a respeito: GURGEL, (2012, p.79).

¹⁷ Cf. ROJAS, (2013,p.23).

¹⁸ Cf. CRACCO, (2009, p.82).

secreta seu tempo ou suas escalas de tempo, como vulgares conchas. Mas o que nós, historiadores, ganhamos com isso? A imensa arquitetura dessa cidade ideal permanece imóvel. A história está ausente dela. O tempo do mundo, o tempo histórico aí se encontra, mas como o vento em Éolo, encerrado numa pele de bode. Não é à história que os sociólogos, final e inconscientemente, querem mal, mas ao tempo da história, — essa realidade que permanece violenta, mesmo se se procura arranjá-la, diversificá-la.(...) Em todo caso, não é útil repetir, à guisa de conclusão, seu *leitmotiv* exposto com insistência. Se a história está destinada, por natureza, a dedicar uma atenção privilegiada à duração, a *todos* os movimentos em que ela pode decompor-se, a longa duração nos parece, nesse leque, a linha mais útil para uma observação e uma reflexão comuns às ciências sociais. É pedir muito, a nossos vizinhos, desejar que a um dado momento de seus raciocínios, reconduzam a esse eixo suas constatações ou suas pesquisas?(BRAUDEL , 1978, p.75,75).

Podemos observar, desta maneira, a consonância conceitual entre os dois autores ao se oporem à uma imagem sucessiva do tempo, é evidente que as formas como chegam até as suas críticas são distintas, mas possuem o mesmo horizonte epistemológico. Isto fica claro ao analisarmos os seus conceitos de duração, ou melhor, durações.

Analisemos a partir de agora outro ponto em comum entre as concepções duracionais de Bergson e Braudel, o caráter fluido do tempo. Ao tratarmos do primeiro ponto em comum já nos é perceptível que as concepções de tempo, que propõem os autores para substituir o tempo das sucessões, são carregadas de movimento e espontaneidade. Em Bergson, por exemplo, o tempo real, a duração, é dotada de fluididade e de uma continuidade de elementos que se prolongam aos outros, ou seja, é uma fluidez contínua de mudanças. Ao tecer sua crítica à análise corrente de tempo, Bergson enfatiza que o homem perde da realidade o mais importante, o movimento. Ao perdermos o movimento, perdemos a experiência, a própria vida. A duração é, portanto, a criação constante e ininterrupta.

Assim a metafísica foi levada a procurar a realidade das coisas acima do tempo. Além do que se move, do que muda conseqüentemente fora daquilo que nossos sentidos e nossa consciência percebem. Desde então ela não poderia ser mais do que um encadeamento mais ou menos artificial de conceitos, uma construção hipotética. Pretendia ultrapassar a experiência; na realidade, apenas substituí-a a experiência móvel e plena, suscetível de um aprofundamento crescente, repleta, por isto, de revelações, um extrato fixo, seco, vazio, um sistema de ideias gerais abstratas, tiradas desta mesma experiência, ou antes, de suas camadas mais superficiais. (...) Ao observar o movimento como caráter primeiro do tempo, Bergson expõe por meio de uma metáfora sua crítica à imobilidade do tempo vulgarmente concebido. Ao tratar da superficialidade com a qual o senso corrente dialoga, ele diz: Seria o mesmo que despertar sobre o invólucro donde sairá a borboleta, e pretender que a borboleta voando, transformando-se, vivendo, tenha sua razão de ser em sua perfeição. Libertemos a crisálida. Restituamos ao movimento sua mobilidade, à mudança sua fluidez, ao tempo sua duração quem sabe se os “grandes problemas”

insolúveis não ficaram na película? Eles não diziam respeito nem ao movimento nem à mudança, nem ao tempo, mas somente ao invólucro conceitual com o qual falsamente os confundíamos ou tomávamos por equivalente. A metafísica tornar-se-á então a própria experiência. A duração revelar-se-á á criação contínua, ininterrupto jorro de novidade. (BERGSON, 1984, p.105).

O tempo, duração, em Bergson é um prolongamento ininterrupto do passado no presente que penetra no futuro e não uma progressão. Perceber o tempo real é substituir os estados divisíveis por algo substancialmente, fluido, algo que é sentido e que vivemos, algo espontâneo, a duração. (BERGSON, 1984, p.103, 104).

No mesmo sentido, Braudel propõe uma abordagem historiográfica do tempo que privilegia o movimento. As durações, curta, média e longa, dialogam entre si. Esta relação dialética entre as durações é a chave central para compreendermos a percepção das transitórias e fluidas durações, e do próprio tempo em Braudel. O tempo que é múltiplo e uno, assim como em Bergson, está presente na percepção do historiador francês¹⁹. A relação contínua entre as durações faz parte da proposta de uma conexão interativa entre os tempos, de forma a percebermos a dimensão fluida de escoamento do tempo. Vejamos um exemplo: Braudel ao tratar da história do mediterrâneo, ele contextualiza o aspecto ambiental, social e cotidiano do território. O historiador compreende que as características geográficas, de longa duração, são fundamentais para entender as atividades e o pensamento humano naquela região por um determinado período. Ao mesmo tempo, é necessário considerar imagens posteriores ao período histórico estudado. A história em Braudel é viva e dinâmica:

Neste livro, os barcos navegam; as ondas repetem o seu canto; os vicultores das serras de Cinque Terre, na Rivieira genovesa; as azeitonas são feridas na Provença e na Grécia; os pescadores puxam as redes na lagoa imóvel de Veneza ou em os canais de Djerba; os carpinteiros estão a construir barcos paralelos aos de ontem (...). O que queríamos experimentar é um encontro constante entre o passado e o presente, a passagem repetida de um ao outro, um recital interminável que conduz a duas vozes francas. Se esse diálogo, com seus problemas que ecoam, anima este livro, teremos alcançado nosso propósito. A história nada mais é do que um interrogatório constante de tempos passados em nome dos problemas e curiosidades - e mesmo das inquietações e angústias - do tempo presente que nos rodeia e nos cerca. (BRAUDEL,2017,p.15, tradução nossa)²⁰

¹⁹ Cf. BRAUDEL, (1978, p.43).

²⁰No original: “*Dans ce livre , le bateaux naviguent ;les vagues répètent leur chanson;les vigneron des collines des Cinque Terre, sur la Rivieira génoise ;les olives son gaulées en Provence et en Grèce;les pêcheurs tirent leurs filets sur la lagune immobile de venise ou dans le canaux de Djerba; des charpentiers construisent des barques paretles aujourd’hui à celles d’hier.(...) Ce que nous avons voulu tenter , c’est une rencontre constante du passé et du présent , le passage répété de l’un à l’autre, un récital sans fin conduit à deux voix francas. Si ce dialogue, avec ses problèmes en écho les uns des autre, anime ce livre , nous aurons réussi dans notre propos. L’Histoire n’est pas autre chose qu’une constante interrogation des temps*

Braudel privilegia, deste modo, o movimento em sua apreensão da história, compreende seu objeto de estudo como um complexo de elementos temporais distintos, ao passo que, também o considera entidade singular. Braudel, de forma muito clara, em seus escritos, destacava a longa duração como a mais importante. Isso se deve ao fato desta possuir uma semio-imobilidade em sua cadência, que é capaz de agregar as transformações mais aceleradas e por ter a duração menos aparente. Seja ao historiador mais distraído ou àquele encantado com efemeridades escandalosas, como batalhas e tratados, para Braudel, a infinidade de eventos se liga de forma dinâmica e viva às totalidades históricas. Segundo ele: *o tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganosa das durações* (BRAUDEL, 1978, p.46). O historiador está preocupado com uma compreensão do tempo que contemple a vida, os ritmos diferentes das durações e não somente uma arquitetura de tempo. O interesse de Braudel é buscar o movimento do devir histórico, o tempo em sua relação duracional assim nos diz autor:

Para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida, articulação, arquitetura, porém mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. Certas estruturas, por viverem muito tempo, tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações: atravancam a história, incomodam-na, portanto, comandam-lhe o escoamento. Outras estão mais prontas a se esfarelar. Mas todas são ao mesmo tempo, sustentáculos e obstáculos. Obstáculos assinalam-se como limites (envolventes, no sentido matemático) dos quais o homem e suas experiências não podem libertar-se. Pensai na dificuldade em quebrar certos quadros geográficos, certas realidades biológicas, certos limites da produtividade, até mesmo, estas ou aquelas coerções espirituais: os quadros mentais também são prisões de longa duração. (BRAUDEL, 1978, p.49,50).

Para o historiador, ao viver o seu tempo, os homens tomam para si a impressão de captar dia a dia o desenvolvimento da vida e da realidade, e não percebem que não é real esta consciência que concebem como sequencial e lógica. Fernand Braudel nos indica que o caminho para uma concepção da realidade histórica concreta está vinculado aos entroncamentos e sulcos dos ritmos duracionais:

Os homens tiveram sempre a impressão, vivendo no seu tempo, de captar dia a dia o seu desenvolvimento. Será abusiva essa história consciente, clara, como pensam muitos historiadores, desde algum tempo? Ainda não há muito, a linguística acreditava poder deduzir tudo das palavras. Quanto à história, forjou a ilusão de que tudo podia ser deduzido dos acontecimentos. Mas um de nossos contemporâneos inclinaria a pensar que tudo provém dos acordos de Yalta ou de Potsdam, dos acidentes de Dien-Bien-Fu ou de Sakhiet-Sidi-Yussef, ou deste outro acontecimento- de importância muito diferente é

révolus au nom des problèmes et curiosités - et même des inquiétudes et des angoisses- du temps présent qui nous entoure et nous assiège.” BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée*. Flammarion, 2017, p.15.

verdade- que constituiu o lançamento do Sputnik. A história inconsciente transcorre para lá destas luzes, dos seus flashes. Admita-se, pois, que existe a uma certa distância um inconsciente social. Admitamos, além disso, à falta de melhor, que este inconsciente seja considerado como o mais rico cientificamente que a superfície relampejante a que estão acostumados os nossos olhos; mais rico cientificamente, isto é, mais simples, mais fácil de explorar, senão de descobrir. Mas a divisão entre superfícies claras e profundidades obscuras- entre ruído e silêncio é difícil, aleatória. Acrescentemos ainda que a <história inconsciente>- domínio parcial do tempo conjuntural e, por excelência, do tempo estrutural- é muitas vezes mais nitidamente percebida que aquilo que se quer admitir. Todos nós temos a sensação, para além da nossa própria vida, de uma história de massa, cujo poder e cujo impulso são, na verdade, mais fáceis de perceber que as suas leis ou sua duração. E esta consciência não data unicamente de ontem (assim, por exemplo, no que concerne à história econômica) ainda que seja hoje cada vez mais viva. A revolução- por que se trata, na verdade, de uma revolução no espírito- consistiu em abordar de frente, esta semi obscuridade, em dar-lhe um lugar cada vez mais amplo ao lado- para não dizer à custa dos acontecimentos. (BRAUDEL, 1986, p.24)

Ao analisarmos as concepções duracionais de Bergson e Braudel, percebemos que ambos corroboram para uma imagem do tempo bastante similar. Respeitando as diferenças entre os campos de saber, os pensadores constroem percepções dinâmicas e não matematizadas do tempo. Apesar do termo duração, ser utilizado de formas diferentes entre eles, ao nos aprofundarmos em seus escritos, ficam claras as conexões que norteiam as duas concepções. Talvez a questão mais evidente seja a concepção fluida. Este aspecto se revela, inclusive, na semelhança entre as metáforas utilizadas pelos autores. Além disto, é importante ressaltar como os conceitos de duração de ambos buscam dialogar com outras áreas do conhecimento. No caso de Bergson, a física e a psicologia são as mais visíveis. Em Braudel, o diálogo com a geografia, a sociologia e a filosofia é elemento central em suas produções. Ainda nessa perspectiva, as concepções de duração de Braudel e de Bergson têm um caráter contestador ao discurso científico que foi estabelecido durante a modernidade e que, apesar de não ser exatamente o mesmo dos atuais, ainda estabelece paradigmas e embasa conceitos e percepções, como é o caso do conceito de tempo.

Henri Bergson caminha em busca de uma metafísica que esteja interessada no movimento da vida. O filósofo, ao apresentar um tempo que não se ajusta às medidas matemáticas e mecanicistas, propõe um horizonte científico diferente. Uma ciência, uma concepção que esteja adequada aos objetos não inertes, a vida. A duração bergsoniana navega em direção a um tempo não manejável pelos interesses da humanidade. Segundo Franklin Leopoldo Silva, o principal ponto de incidência da crítica bergsoniana mora na teleologia do pensamento lógico tradicional, uma forma de apreensão do tempo que o

reduza a uma reconstituição de momentos históricos de uma trajetória. É em nome de uma duração real que o filósofo critica a percepção temporal do pensamento moderno.²¹ Fernand Braudel, por sua vez, apresenta-se de igual forma, como um expoente do pensamento móvel do tempo e da apreensão das continuidades e rupturas da história. O historiador francês contrapõe a visão moderna de tempo, desconstruindo um tempo físico, unitário e historiograficamente tradicional. Braudel inaugura uma visão duracional que absorve o tempo em seu caráter descontínuo e transitório. Nos dois pensadores encontramos uma harmonia conceitual, pensamentos que não buscam apenas novos esquemas de explicação, mas propostas interpretativas que valorizem essencialmente a vida e sua espontaneidade.

II- A ESCRITA BRAUDELIANA DO TEMPO: ASPECTOS DO ESTILO HISTORIOGRÁFICO DE BRAUDEL SOBRE O TEMPO E ALGUMAS AFINIDADES COM O HENRI BERGSON

2.1 A ESCRITA NARRATIVA DE BRAUDEL

Nesta seção da pesquisa, o objetivo primeiro é o de apresentar o estilo da escrita historiográfica de Fernand Braudel. Nesse sentido, pontuar suas características narrativas e o uso de metáforas em sua assimilação teórica do conceito de duração. Em um segundo momento, indicar alguns possíveis traços bergsonianos dialogáveis com a narrativa teórica do historiador francês.

Grande parte do fazer historiográfico se concentra na escrita da história, portanto, mais do que acumular conceitos, o historiador escolhe determinados caminhos e encadeamentos acerca do objeto que estuda. A escolha da abordagem com leitor (direta ou indiretamente), o ritmo das ideias e o estilo literário a serem empregados fazem parte do próprio pensamento exposto. É corrente na historiografia que o uso narrativo mais dinâmico e artístico de sua condução teórica na produção historiográfica seja duramente

²¹ Cf. SILVA, 1994, p.172-76

criticado e, por vezes, descredibilizado. Ao tratar da relevância da construção de “imagens” narrativas ao escrever a história, o historiador José D’Assunção Barros nos apresenta um exemplo do condicionamento historiográfico que, normalmente, é posto pela academia.

Assim, se um historiador criativo nos seus modos de apresentação do texto utiliza uma linguagem demasiado poética ou metafórica, se ele cria imagens inusitadas e compara, por exemplo, o dinamismo das relações de poder ao “mar” com suas ondas revoltas e com o seu ir e vir, ele logo se vê depreciado por um “historiador objetivo” que o acusa de estar fazendo poesia e não história. O que este “historiador objetivo” faz, neste sentido, é apenas depreciar umas imagens em detrimento de outras, sem perceber que o seu próprio discurso está inevitavelmente carregado de imagens. O que ele deprecia, na verdade, são os discursos que incorporam mais conscientemente uma dimensão poética na representação historiográfica. (BARROS,2008,p.35)A construção de uma narrativa historiográfica, tal como faz Braudel, se propõe a criar um tecido de imagens dinâmicas para ilustrar os conceitos que deseja apresentar ao leitor. Foge, dessa forma, de uma instrumentalização óbvia de um recorte, por vezes, estático e engessado do contexto histórico a ser aprofundado. O autor de *O Mediterrâneo* tem como premissa, ao escrever, recriar imagens cristalizadas na cognição histórica, tornando a fluidez de seus conceitos tão moventes quanto às impressões de quem consome sua produção. Uma forma científica que oportuniza uma compreensão dialética dos conceitos e da vida em suas durações. Nas palavras de D’Assunção:

A imagem instrumentalizada transforma o olho do cientista: abre-lhe novos horizontes e fecha outros, habitua este olho a enxergar em uma direção específica com a exclusão de outras, ou a constituir de um modo e não de outro os contornos de determinado objeto. Compreendido isto, a questão não é lutar em vão contra as inevitáveis limitações de uma imagem instrumentalizada ou de uma direção metodológica estabelecida para tal o qual fim, mas sim devolver a estas imagens e direções metodológicas a sua dimensão instrumental e transitória, dominá-las então se deixar dominar por elas, superá-las sempre que for necessário e propor constantemente novas maneiras de abordar ou constituir o objeto – sempre a partir de uma imaginação criadora e demolidora de imagens e conceitos congelados. (BARROS, 2008, p.37)

Braudel contrapõe uma visão distorcida proveniente de um rigor científico moderno, um conservadorismo que ao criticar o narrador romancista do século XX, julgando-o parte de uma representação pessoal e orientada por literatos, esquece-se de que se prende a pareceres burocráticos sobre a passagem do tempo, e que faz dos historiadores tão lineares em suas produções quanto o enredo de personagens das obras literárias criticadas. Braudel pensa a escrita historiográfica como uma ação criativa e viva, rompendo os padrões que restringem a historiografia a uma produção independente das estruturas narrativas da literatura, do teatro e do cinema. Representar o tempo em Braudel é criar uma profusão arrojada que despeje nas palavras o manar e o dissipar da duração. O fazer historiográfico que se dispõe em uma tentativa de apreender e apresentar a questão temporal deve, para

D'Assunção, investir em novas maneiras de dizer o tempo em substituição às mesmas formas banais e estereotipadas, nas palavras dele (Cf. BARROS,2008,p.43). É o contraponto que existe em Fernand Braudel, ainda que os *Annales* representem uma mudança entre um tempo narrativo e tempo estrutural, o historiador das durações valoriza a carga expressiva da narrativa em escrita historiográfica. É relevante ressaltar que esta inovação trazida por Braudel mais se tornou uma referência encastelada e cristalizada para grande parte dos historiadores do que um fator de incentivo a singularidade:

De outra parte, alguns anos depois Fernand Braudel buscou enfrentar criativamente o problema do tempo, e organizou sua obra *O Mediterrâneo* (BRAUDEL, 1984) a partir de três modalidades de tempo ou durações, embora tenha predominantemente compartimentado cada uma destas perspectivas temporais em um volume de sua obra. Já se tratava, em todo o caso, de uma quebra no padrão tradicional de tratamento historiográfico do tempo – não propriamente no que se refere ao aspecto da progressão linear, mas certamente no aspecto da duração. Propunha-se, de maneira inovadora, a percepção simultânea de ritmos diferenciados de duração temporal. O estabelecimento de uma relação dialética entre temporalidades foi a contribuição maior deste grande historiador francês, embora rigorosamente tenhamos de reconhecer que esta criatividade braudeliiana permanece hoje mais como uma referência do que como um modelo em que os historiadores de hoje realmente se inspiram.(BARROS,2008,p.45)

Segundo José Carlos Reis, ao analisar as construções teóricas sobre o tempo, Ricoeur conclui que todas o deixaram escapar, esbarrando em impossibilidades filosóficas. Ricoeur, por isso, propõe que a abordagem para superar as aporias da questão temporal está ligada à correlação entre a história e a literatura. A narração, dessa forma, se apresenta como um modo de compor a teoria à experiência vivida humana da temporalidade²². Braudel tem de tão rico em sua narração a sua configuração narrativa, um estilo de escrita que privilegia o movimento e a percepção do leitor. Nas palavras do historiador José Carlos Reis:

A narração seria uma abordagem “indireta” da temporalidade. Ela não diz o que a temporalidade é, nem o porquê dela, mas como ela se dá. Através de uma configuração narrativa, o leitor redesenha a experiência temporal do mundo humano, da qual ele participa. Ele a reconhece. A configuração narrativa não é uma teoria, isto é, uma abordagem direta do tempo. Ela só atinge o seu ser indiretamente: não possui conceitos que expliquem a temporalidade, mas recria, imita, e o leitor reconhece e compreende.(*Ibidem e idem*)

Uma das características mais marcantes das obras braudelianas é a condução narrativa. Ao construir uma literatura teórica dos tempos, o historiador demonstra os ritmos entrelaçados dos instantes, décadas e séculos. Um todo fragmentado, que permite perceber as interferências existentes entre os planos e níveis duracionais, uma escrita que evidencia o processo.

Em sua análise do livro *La Méditerranée*, Ricoeur conclui de forma

²² (Cf. REIS, 2003p. 117).

perturbadora, pois põe em dúvida um dos princípios centrais da *nouvelle histoire*: a recusa da narrativa e do historiador literato. Considera Braudel um dramaturgo! Um exímio narrador! Braudel teria criado os três níveis de *La Méditerranée* em uma única narrativa. Mas procedeu analiticamente, distinguindo planos, deixando as interferências entre os planos, o trabalho de engendrar uma imagem implícita do todo. Obtém-se então, uma *quase-intrigue-virtuelle*, fragmentada em sub intrigas. Ricoeur, portanto, considera Braudel um artista, um grande narrador. (*Ibidem e idem*)

Em *Tempo e Narrativa* (1994) Ricoeur apresenta um Braudel que escreve o Mediterrâneo permeado por “intrigas”. Um jogo de retomadas explicativas que expressa ao leitor a relação dialética entre as durações apresentadas. A narrativa historiográfica do autor em *O Mediterrâneo*, por exemplo, propõe exposições e análises de acontecimentos de transição (que pertencem a diferentes ritmos duracionais), o que permite ao leitor conceber as durações em um único “golpe”, não há como compreender cada duração separadamente. Braudel preconiza uma escrita não estanque. Trata de uma apreensão de macro e micro do processo histórico, da duração. Da mesma forma, elabora uma escrita dialeticamente capaz de expressar essa relação entre todo e parte.

A quase intrigante narrativa do historiador francês permite uma interpretação transicional da obra e da teoria que propicia, segundo Ricoeur, que o leitor leia a obra de frente para trás e de trás para frente²³. Ao tratar do mediterrâneo, Braudel elenca painéis e personagens de forma conectada como grandes obras da literatura narrativa. Em uma primeira parte trata, sobretudo, da geografia e dos aspectos físico-históricos perenes.

Em um mapa do mundo, o Mediterrâneo é um simples corte na crosta terrestre, um fuso estreito e alongado de Gibraltar ao istmo de Suez e ao Mar Vermelho. Quebras, falhas, dobras terciárias criaram poços líquidos muito profundos e, diante de seus abismos, como resultado, infinitas guirlandas de montanhas jovens, muito altas, com formas vivas. Um poço de 4.600 metros é cavado perto do Cabo Matapan, o suficiente para afogar facilmente o pico mais alto da Grécia, os 2.985 metros do Monte Olimpo (BRAUDEL, 2017, p.21)²⁴

Braudel apresenta, deste modo, o pano de fundo de narrativa, que serve de conjuntura e a tela do quadro que passará a ilustrar e ritmar as imagens da vida e da duração do seu “drama” teórico histórico. O historiador usa de diversos recursos poéticos para dar noções vivas a espaços que nós nos habituamos perceber imóveis. Torna dinâmico e integrado o quantificado nos mapas e manuais geográficos. Diz Ricoeur:

Consideremos o primeiro nível: o espaço, mais que o tempo parece ser seu tema. O que é imóvel é um Mar Interior e, contudo, nada está escrito já que não pertençam a uma história do Mediterrâneo. Sejam os três primeiros

²³ (Cf. RICOEUR, 1994, p.295).

²⁴ No original: *Sur une carte dumonde ,laMediterranee est une simplecoupure de l'ecorce terrestre, un fuseau étroit, allongué de Gibraltar jusqu'àl'isthme de Suez et à lamerrouge . Cassures,failles,plissementstertiairesontcréésdes fosses liquides trèsprofondes et ,face à leursabîmes , par contrecoup,d'interminablegurlandes de montangnesjeunes,tréshautes,aux formes vives. Une fosse de 4.600 mètres se creuseprèsducapMatapan, de quoinoyer à l'aisela plus haute cime de Grèce ,les 2985 mètresdumontOlympe.BRADUEL, Fernand. La Méditerranée .Flamarion,2017,p.21.*

capítulos consagrados a esse mar entre as terras. Só se trata de espaços habitáveis ou inabitáveis, inclusive das planícies líquidas. O homem está aí presente em toda parte, e com ele, uma profusão de acontecimentos sintomáticos: a montanha aí figura como um refúgio e como abrigo para os homens livres. Quanto às planícies costeiras, não são invocadas sem a colonização, o trabalho de drenagem, a melhoria das terras, a disseminação das populações os deslocamentos de todos os tipos: transumância, nomadismo, invasões(RICOEUR, 1994, p.297).

Ao compor e traçar historiograficamente o “cenário”, Braudel torna aos aspectos físicos e geográficos “ator” da narrativa conceitual que desenvolve. Nesse sentido, o espaço não é apenas ambientação para o desenrolar da história, mas um elemento participativo fundamental da própria história. Um dos elementos deste “cenário” é justamente o homem em seu enfrentamento com o ambiente, seja do complexo de mares, das planícies litorais e suas inundações, a malária ou a imposição dos ventos na Espanha. Braudel estabelece uma relação dramática, no sentido mais literário do termo, entre a humanidade e seu meio²⁵. O autor aponta para a condição dialética que existe entre as imperiosas unidades físicas, que dão um tom homogeneizante à vida em determinado contexto, mas que se desenvolve a partir delas e para elas mesmo. Salienta Braudel:

O Mediterrâneo nem sequer é um *mar*, antes é um “complexo de mares”, de mares peçados de ilhas, cortados por penínsulas, cercados por costas rendilhadas: a sua vida está ligada à terra, a sua poesia é predominantemente rústica, os seus marinheiros são camponeses nas horas vagas: é o mar dos olivais e das vinhas, tanto como dos esguios barcos ou navios dos mercadores, e a sua história não pode ser separada do mundo terrestre que o envolve, tal como a argila não pode ser separada do artesão que a modela.(BRAUDEL, 1983,P.21)

Os ritmos operam em sua obra em conjunto com as descrições das unidades físicas, que conservam e impõem seus ritmos aos homens, que ao estabelecerem rotas para as novas especiarias, engendram lutas e cooperações. Aceleram e desaceleram variados movimentos. A produção de moedas pelos árabes ou a mudança nas estações em tempos primaveris nos portos ibéricos, são exemplos deste processo de confronto entre durações, em que os ritmos do homem passam a se confundir com os das chamadas unidades físicas.

Segundo Eliana Dutra:

O Mediterrâneo nos surge assim como um vasto complexo de relações econômicas, sociais e culturais, um mundo diversificado que o autor acredita dotado de coerência interna e configurado enquanto uma unidade. Para organizar esse imenso conjunto geográfico composto de mares, ilhas, montanhas, planícies, desertos, enfim, de Ocidente e Oriente, de cristãos e muçulmanos, é que Braudel elabora sua teoria dos distintos tempos históricos, da pluralidade das durações. A história é então decomposta em planos sobrepostos, ordenados segundo a variação dos seus ritmos, os quais, no Mediterrâneo, permitem a distinção no tempo da história, de um tempo

²⁵ (Cf. DUTRA,2003,p57)

geográfico, um tempo social e um tempo individual. (...) Em cada um desses lugares descritos por Braudel, vigora um tipo diferente de vida, mas sobre eles impera uma poderosa unidade física, resultante de “um clima unificador das paisagens e dos gêneros de vida”. O clima nos surge, assim, no dizer de Lefort, como “o principal artesão da unidade física”, o responsável pela homogeneidade da vida mediterrânica. Os ritmos das estações formam o ritmo do tempo social, ora acelerado, ora mais lento, a depender das condições do inverno e do verão, se mia brandas ou mais intensas. Os homens vivem de um mesmo sopro oriundo de um Mediterrâneo aéreo construído, como quer Braudel, “de fora por uma dupla respiração: a do Oceano Atlântico, seu vizinho do oeste, e a do Saara, seu vizinho do sul.” Do Atlântico vem um clima úmido, frio e chuvoso; do Saara, um clima seco e quente. (DUTRA, 2003, p.58 e 59)

Nesse sentido, a figura do desgaste do tempo imenso frente às transformações da breve vida humana caracteriza uma longa duração, que se propõe apoteótica e narrativamente contextual ao seu leitor. Em *História e Ciências Sociais* (1976) o autor acentua:

Certas estruturas são dotadas de uma vida tão longa que se convertem em elementos estáveis de uma infinidade de gerações: obstruem a história, entorpecem-na, portanto, determinam o seu decorrer. Outras, pelo contrário, desintegram-se mais rapidamente. Mas todas elas constituem, ao mesmo tempo, apoios e obstáculos apresentam-se como limites (...) dos quais os homens não podem se emancipar. (BRAUDEL,1976,p.21)

No segundo momento, Braudel conduz a narrativa do seu drama mediterrâneo construindo e tecendo fios historiográficos entre os passos de um homem, trata-se, portanto, de uma média duração. Ressalta que não são os mares que ligam os comerciantes e sim os homens Comerciantes se ligam por meio dos mares. Nesse sentido, dá ênfase a dimensão geopolítica que acelera o ritmo sem perder os “chiados” mais baixos dos ruídos das grandes monções ou vales. O espaço movimento é narrado e explicado por Braudel, evidenciando a remodelagem ou adaptação do homem em relação à paisagem. O tráfico, o banco, a família (...) integram esse nível duracional do autor que costura cada vez mais linhas a um novelo que se entrelaça.

A riqueza entre riquezas é o mar - superfície de transporte - que a traz. O mestre da riqueza é o mestre do mar. O ouro ,por mais vasto que seja, admite, um dia ou outro, apenas um mestre, não necessariamente um mestre político como Roma deu a princípio, mas um nascimento de trocas, de desigualdades e nivelamento da vida comercial. Esses direitos de realza silenciosos não são construídos em um dia. As lutas os precedem, os acompanham. Nos séculos IX e X, em todo o esplendor de sua civilização, o Islã dominou inquestionavelmente o mar imperial. O cristão (mal conseguia flutuar uma prancha ali). Mas, a partir do século XI, graças ao movimento contínuo das cruzadas, a situação começa a se inverter. (...)o mar no sentido estrito da palavra, a água marinha é conquistada pelo cristão, por seus navios de guerra, seus navios piratas, suas expedições guerreiras e, por trás desses movimentos protetores, por seus navios comerciais cada vez mais numerosos²⁶(BRAUDEL, 2017, p.153)

²⁶ No original: *La richesse entre larichesse ,c'estlamer - surface destransports- quil'apporte. Le maître des richesses, c'est le maître de la mer. Or , si vaste soit - elle , elle n'admet, un jour ou l'autre , qu'un su maître , pas forcément un maître politique tel que Rome en a donné l'image première , mais un maître de se changés , des inégalités et de nivelation de laviemarchande. De telles royautés, peubruyantes , ne se bâtissent pas en un jour. Des lutt es précédentes , les accompagnent. Aux IX et X siècles*

Ao tratar dos grupos e conjuntos, esta dimensão narrativa de Braudel é certamente mais voltada aos aspectos econômicos, apresentando as ferramentas econômicas do século XVI evidenciando seus poderes de transformações, mas também seus limites²⁷. A narrativa aqui ganha alto teor descritivo e até estatístico. Aqui está um Fernand Braudel que compreende os ritmos e o desenvolvimento dos homens em uma *média* duração contida em dinâmicas mercantis, que darão origem as suas análises e do capitalismo em escala global. Na análise de Carlos Aguirre Rojas, autor de *Braudel, o mundo e o Brasil* (2021), em seu artigo *A história da civilização latino-americana* (2003), interpreta que: Braudel compreende as bases econômicas e sociais desenvolvidas no Mediterrâneo nesta duração coletiva, que levarão à preponderância o continente europeu em relação ao continente americano. Nas palavras de Rojas:

(...) a Europa não pôde superar a instalação da configuração moderna da velha dialética Oriente/Ocidente nem naquelas regiões do Velho Mundo povoadas por civilizações tradicionais da Índia e da China, nem na zona natural hostil e pouco fecunda do Islã. E se, nesses três casos mencionados, foram os homens comprometidos com outras vias de historicidade que tornaram impossível uma expansão européia mais orgânica, na África meridional foi mais a natureza exuberante que, durante séculos, desempenhou o papel de freio para os europeus. Mas, há na visão de Fernand Braudel – apesar desses relativos “fracassos” da expansão européia -, dois grandes êxitos compensatórios: a enorme Rússia, com sua própria “invenção” ou prolongamento siberiano, e a jovem América, localizada nesse “traje incomensuravelmente grande” que é o vasto e complexo espaço do continente americano. A Europa cresce e dá à luz essas “Europas fora da Europa”, que são seus verdadeiros triunfos, seus resultados mais proveitosos, justamente ali onde “o terreno não estava ocupado ainda pelos outros ou onde se podia dispensar suas populações e suas frágeis culturas: assim como uma parte da América, na Sibéria, na Nova Zelândia, ou mesmo na Austrália, ela mesma um continente, e praticamente vazio(...)” (ROJAS, 2003, p.153).

Segundo Rojas, há em Braudel uma construção de “personagens” que alteram seus ritmos em suas relações econômicas e que dão ao personagem-cenário, o Mediterrâneo, uma nova intriga, desta vez, no que compreende ser a formação civilizatória da América Latina.

Para Braudel, “a América é o produto da Europa, a obra na qual esta última melhor revela a sua essência”. Em outras palavras, é, sobretudo o Novo Mundo, e precisamente durante o “longo século XVI”, que se constitui a

,dans tout l'éclat de sacivilisation, l'islam a dominéincontestablementlamerimpérieure. Le chrétien(àpeine put-il y faire flotteruneplanche). Mais, à partir du XI siècle, puis à lafaveurdumouvementcontinudes croisades, a situationcommence à renverser(...) La merausensstrictdumot ,l'eau marine est conquise par lechrétien, par se vaisseaux de guerre, sesnavirespirates ,sesexpéditionguerrières et, derrièrecesmouvementsprotecteurs par sesnavires de commerce de plus en plus nombreux .BRADUEL, Fernand. La Méditerranée .Flamarion,2017,p.153.

²⁷ (Cf. DUTRA,2003,p.60).

primeira etapa das grandes incursões da Europa “fora de sua casa”, onde se constrói lentamente essa “Europa fora da Europa” por excelência que é o mundo americano (...). Seguindo a linha de interpretação braudeliana, podemos dizer que o século XVI vivenciado pelo Novo Mundo não é, paradoxalmente, um século americano, mas um século “europeu” da história da América. E isso em vários sentidos. Em primeiro lugar, porque a América constitui-se nessa época na principal e mais importante “empresa” da expansão européia. (ROJAS, 2003, p.154,156).

A dimensão se eleva no jogo estrutural de Braudel. Os ritmos e personagens interagem em suas explicações para conduzir o leitor ao entendimento dinâmico da vida no mediterrâneo. Um balanço narrativo que se movimenta e dá ao leitor a sensação, mesmo, dinâmica. É importante destacarmos a forma como o Braudel desenvolve suas metáforas. Em um jogo de imagens sutil enseja as transições rítmicas que deseja teorizar. É raro ver uma construção em seus textos que não seja permeada pelas alegorias que entremeiam séculos em duas ou três linhas em um navio comercial veneziano, que chega a um porto de difícil acesso na costa espanhola.

Em um terceiro momento, temos uma análise da construção dos ritmos individuais. A escrita de Braudel nesta dimensão recorre à criação coerente e explicativa de uma multiplicidade na superfície e na esteira dos acontecimentos, o autor se preocupa estilisticamente em não ser um simples locutor ou burocrático estatístico. Apresenta as acelerações que ocorrem no campo político-administrativo do Mediterrâneo, associado - como faz um excelente romancista - aos primeiros “atos” desenvolvidos por ele. Evidente que este processo não ocorre de forma diletante, estas associações ocorrem não necessariamente como consequências mas como elementos parte do todo móvel da história. Esta última dimensão se encontra em um eixo bastante diferente de sua narrativa teórica e histórica, pois:

Uma história global não se pode reduzir apenas ao estudo das estruturas estáveis, ao lento progresso da evolução. Estas realidades permanentes, estas sociedades conservadoras, estas economias prisioneiras da impossibilidade, estas civilizações à prova dos séculos, todas estas lícitas maneiras de distinguir a história em profundidade, dão (...) o essencial do passado dos homens, pelo menos aquilo que nos agrada considerar, na época em que vivemos como o essencial. Mas este essencial não é a totalidade. (BRAUDEL, 1983, p.273).

Ganham destaque aqui as batalhas e as guerras civis, mas nunca tratadas de forma segregada de uma trama infundável e profunda, e que, para Braudel, se compreende por meio de uma concepção móvel da existência²⁸. As estruturas narrativas construídas por Fernand Braudel têm objetivos, possuem método e são inerentemente historiográficas, sem perder sua dimensão artística. A teorização e a explicação Braudeliana não se

²⁸ (Cf. DUTRA, 2003, p.62).

estruturam por datas e marcos factuais em sua mobilidade. Em sua dialética duracional a escrita do historiador francês busca reenraizar estruturas e conjunturas socioeconômicas, em novos tecidos testemunhais.

Na perspectiva de Ricoeur Braudel estabelece uma história política sem realizar suntuosas páginas acerca da morte de Felipe II. Braudel prefere dar ênfase aos movimentos espanhóis comerciais, que aos poucos se viram para o Atlântico e a América, e de como isto “tira” o Mediterrâneo da chamada grande história.²⁹ Em sua trama mediterrânea, Braudel tece sua “quase intriga” por meio de um entrelaçamento de movimentos culturais, econômicos e políticos que combatem a factualidade historiográfica. Segundo Ricoeur, o autor do *Mediterrâneo* desbota os “eventos” históricos, como 1492 ou a própria morte de Felipe II. Nesse sentido, a carga estilística presente na escrita braudeliana não pertence a uma história narrativa diletante ou sem rigor científico. Aqui há uma análise histórica, segundo Ricoeur, explicando, por meio das sinuosidades artísticas que alcançam a inexorável tarefa de metodologizar, o devir temporal.³⁰ Ricoeur nos apresenta a maneira coerente como Braudel explica os “encontros e desencontros” dos níveis duracionais da civilização sobre os quais se debruça, compreendendo as contradições dos personagens que desenvolve em sua obra, ao deixar claro que:

Para falar dessas surpreendentes permanências, Braudel tem uma frase magnífica: “Uma civilização é, na base, um espaço trabalhado, organizado pelos homens e pela história. É por isso que há limites culturais, espaços culturais de uma extraordinária perenidade: todas as misturas do mundo nada podem quanto a isso” (II, p.107). Mortais? Certamente civilizações o são, “mas os fundamentos permanecem. Se eles não são indestrutíveis, pelo menos são mil vezes mais sólidos do que se crê. Resistiram a mil supostas mortes. Mantêm suas massas imóveis sob a passagem monótona dos séculos” (II, p.12) (RICOEUR, 1994, p.301).

Por esta perspectiva, compreendemos que os aspectos narrativos de Braudel não incorrem em uma percepção encadeada ou manipulada de um estruturalismo frágil. A Arte literária presente na diegese braudeliana é histórica, material e essencialmente crítica. O historiador estadonidense Hayden White, a partir de suas contribuições mais relevantes, sobretudo, nas obras *A Meta História* (1992) e *Trópicos do Discurso* (2001), evidencia que a ideia de que o texto de história é fundamentalmente uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. Desse modo, construir alegorias, termos, ou seja, elaborar uma dimensão linguística, em sua complexidade léxica e semântica é a

²⁹ Cf. RICOEUR, 1994, p.304.

³⁰ Cf. RICOEUR, 1994, p.302.

natureza do labor historiográfico. Evidente, que esta construção está a serviço das explicações e representações teóricas. Contudo, estas serão feitas por meios narrativos e corroboram suas tramas teóricas historiográficas.³¹ A estrutura verbal, apresentada por Hyden White, é uma condição a que todo historiador até o atual desenrolar histórico tem de lidar, na medida de suas limitações. Superar tais condições é uma tarefa, pelo menos até o presente momento, do historiador atual. Existem formas de se “escapar” a uma escrita prisioneira e ao mesmo tempo conduzir artisticamente a estrutura verbal das teias historiográficas. Sobre isso, Barros no aponta que:

Durante muito tempo ainda o escritor terá de se defrontar contra esta ‘ausência de um contraponto’, que encontra uma relativa válvula de escape em um sistema mais elaborado de notas eruditas de pé de página e apêndices ou, com mais propriedade ainda, na linguagem computacional dos intertextos entrelaçados. Mas, até mesmo nestes casos, não há como se deixar de prestar contas à evidência de que o olho humano só pode ler uma linha de cada vez, e de que mesmo o ouvido humano, quando presta atenção em um discurso do tipo verbal, só pode captar com atenção concentrada uma linha discursiva de cada vez. Somente na música – através da mágica dos timbres, do contraponto e da harmonia– o ouvido pode “ler” ou captar simultaneamente várias realidades sonoras que se entrelaçam e que encaminham simultaneamente vários desenvolvimentos sem impossibilitar uma plena compreensão por parte do ouvinte. (BARROS, 2008, p.51,52)

Em Braudel, percebemos, portanto, este esforço de superar, por meio da narrativa, uma concepção historiográfica fora do engessamento da escrita tradicional, sem recorrer a um diletantismo ou a uma história narrativa que remeta a uma percepção factual do devir histórico.

2.2 AS METÁFORAS BRAUDELIANAS

Ao construir e tecer sua dialética duracional, a escrita braudeliiana procura meios para interpretar³² o passado. Dessa forma, cabe ao historiador transformar as estruturas verbais em imagens teóricas de suas interpretações e pesquisas. Para o filósofo francês Gaston Bachelard, coetâneo a Braudel, a metáfora é base explicativa e imagética da duração. As ligações dos instantes genuinamente ativos são sempre realizadas sobre um plano que difere do plano em que se efetua a ação, ele não estará distante de concluir conosco que a duração é, estritamente falando, uma metáfora, diz o filósofo:

Nada de espantoso, com efeito, no fato de que se possam encontrar metáforas para ilustrar o tempo, se fazemos dele o único fator das ligações nos domínios mais variados: vida, música, pensamento, sentimentos, história. Superpondo

³¹ Cf. Sobre a narrativa de Hyden White, BARROS, 2008, p.50.

³² Hayden White considera que esta é a tarefa irredutível e inexpugnável do ofício historiográfico. Cf. WHITE, 1994, p.65.

todas essas imagens mais ou menos vazias, mais ou menos em branco, acredita-se poder tocar o plano do tempo, a realidade dos tempos acredita-se passar da duração em branco e abstrato, onde se alinhariam as simples possibilidades do ser, à duração vivida, sentida, amada, cantada, romanceada. Esboçemos ainda essas superposições: enquanto vida, a duração é solidariedade e organização de uma sucessão de funções em sua contínua tomada de consciência, a vida. (BACHELARD, 1988, p.104)

Um das maneiras encontradas por Fernand Braudel, e amplamente utilizada por ele em sua escrita, é a metáfora. As metáforas, para Hayden White, fornecem modelos de pensamento, dando sentido às áreas da experiência ainda não garantidas pelo consenso, pelo conhecimento tradicional ou científico.³³ Ao criar, em seu texto, imagens por meio de metáforas, Braudel busca a “quase intriga” da constituição teórica que ele desenvolve nas três durações. Os termos que se referem aos movimentos, as comparações entre biomas e práticas do cotidiano, dentre outros tantos exemplos, que abordaremos, ao menos, em parte, aqui.

Percebemos, no historiador em questão, um desejo didático acentuado em suas produções. Existe um empenho de Braudel em compor ideias ou representações conceituais moventes, que visam explicar ao seu leitor sem abandonar a complexidade teórica, sua “quase intriga” em sua obra. Nas palavras de Ricoeur:

Dito isso devo confessar que a grande intriga que constitui a unidade da obra permanece uma entrega virtual o didatismo exige que as “três temporalidades diferentes” permaneçam disjuntas a finalidade sendo de “apreender nos seus mais amplos de financiamento todos os tempos diversos do passado sugerir a sua coexistência as interferências as contradições, a múltipla espessura”...) Finalmente brother por seu método analítico e disjuntivo inventou um novo tipo de entrega se é verdade que entrega é sempre algum grau uma síntese do ator o gênio a intriga virtual do livro de Braudel conjugando temporalidades heterogêneas cronologias contraditórias ensina-nos a conjugar estruturas ciclos e acontecimentos. (RICOEUR, 1994, p.308,309)

É evidente que a metáfora, ao criar abstrações, nos lança para outros elementos, que não os que o autor tem como interesse em esclarecer. Contudo, é por meio da diferença e do “fora” que se dá o sentido de semelhança, o objetivo da explicação. Em Hayden White vemos que: “A metáfora, não importa o que ela faça, afirma explicitamente uma similaridade e, uma diferença e pelo menos implicitamente, uma diferença numa similaridade. A isso podemos chamar provimento de sentido em termos de equivalência ou identidade.” (WHITE, 1994, p.92). Portanto, ao analisarmos com acuidade a escrita do historiador francês, podemos notar diversas ferramentas metafóricas a serviço da *intriga* historiográfica conceitual do autor. Segundo Paul André Rosenthal: É através de

³³ Por exemplo, é assim que pensa Hayden White, cf. WHITE, 1994, p.92.

metáforas que Braudel passa a desvalorizar a história tradicional e apresenta a sua nova história, seus novos objetos e elabora a ideia de um sistema Mediterrâneo, que esclarece aos conceitos e explicações, sobretudo, as causais, as metáforas servem como ersatz a um discurso teórico construído como máquina de guerra contra a escola histórica dominante³⁴

Nesta perspectiva, vamos nos ater a algumas das matrizes metafóricas desenvolvidas por Braudel em *O Mediterrâneo* e em outras obras relevantes do autor. É certo que não é objetivo aqui esgotar as múltiplas interpretações possíveis das imagens e figuras do historiador.

A primeira matriz de metáforas a que nos debruçarmos são as alegorias, que dão movimento a suas construções teóricas, sobretudo quanto a dialética duracional. A segunda se refere ao uso dos paradoxos. Nesta última, além do movimento o autor busca explicitar as dimensões “maiores” e “menores” das durações temporais.

2.3 ALEGORIAS DO MOVIMENTO

Segundo o Dicionário de Termos Literários Massaud Moises (2004) a palavra alegoria é etimologicamente constituída a partir do grego e está diretamente ligada ao discurso acerca de uma coisa para se fazer compreender outra (MOISÉS, 2004, p.14). Dessa forma, entre tantos usos ao longo da história, um dos sentidos mais utilizados da alegoria é aquele que apresenta um discurso próprio inicial, e que se estabelece por meio da comparação para ter em outro sentido que não expresso inicialmente, de forma inegável. Caracteriza-se, além disso, como figura de estilo que designa algo pela relação dialética entre linguagem e sentido (MOISÉS, 2004, p.15). Nesta perspectiva, Fernand Braudel realiza estes jogos comparativos, que buscam explicar conceitualmente sua escrita tornando-a dinâmica, e até mesmo o método entre leitor e palavras, com que expressa o fluir duracional que teoriza. As alegorias de Braudel estão, ainda que não exclusivamente, ligadas aos aspectos mais teóricos do seu estudo sobre o Mediterrâneo e da civilização material. Vejamos um exemplo na escrita do historiador:

Na sua paisagem física como na sua paisagem humana, a encruzilhada mediterrânica, o Mediterrâneo heterogêneo apresenta-se nas nossas memórias como uma imagem coerente, como um sistema onde tudo se mistura e se recompõe numa unidade original. Esta unidade óbvia, este ser profundo do Mediterrâneo, como se explica? Será necessário lutar por isso em várias ocasiões. A explicação não é apenas a natureza, que tem feito muito para esse fim; não é apenas o homem que teimosamente amarrou tudo; são tanto as graças da natureza quanto suas maldições - tanto os numerosos quanto os múltiplos esforços dos homens, ontem como hoje. Ou uma soma infinita de acasos, acidentes, sucessos repetidos.(...) Desde o século I aC até os dias de

hoje (1928), sucessivas erupções fizeram surgir uma série de ilhas e ilhotas vulcânicas na água da antiga cratera e do mar fervente ainda hoje ao largo de Santorini, a ilha de cores estrangeiras. o fogo é, portanto, sempre aceso sob o caldeirão do diabo(...)O Mediterrâneo é uma grande oportunidade para apresentar outra forma de abordar a história. Porque o mar, como podemos vê-lo e amá-lo, é, no seu passado mais espantoso, o mais claro de todos os testemunhos.³⁵ (BRAUDEL, 2007, p.17,18,24,25)

Ao tratar do desenvolvimento humano no Mediterrâneo por uma ótica histórica, Braudel traça diferentes paralelos semânticos. Usa de referências mais habituais e comuns ao explicar o imbricamento vulcânico que se insere no Mediterrâneo, dando poeticamente, uma harmonia historiográfica das condições geológicas que moldaram a civilização mediterrânea, entregando ao leitor uma profundidade compreensiva, rica e imersa do processo histórico em questão. Ao ocupar-se mais propriamente das “paisagens” mediterrâneas, Braudel constrói alusões a imagens de memória que se contrapõem e se recompõem. Busca, dessa forma, ilustrar a coerência da chamada “encruzilhada” do Mediterrâneo. Nos leva, nesse sentido, a concebermos a conexão conflituosa de nossas memórias. O caráter poético do autor é pautado por este fluxo de imagens a serem concebidos pelo leitor, nas palavras de Jean Claude Perrot “O fluxo de referências, o contraponto de gráficos ,mapas ou imagens que correm à frente do texto , o ritmo dos espaços e dos tempos abraçados vão dar-lhe esta luz , esta agradável embriaguez que se julga triunfar”(PERROT,1981,p.3) . Neste sentido, Ricoeur, também, destaca o uso de analogias na escrita de Braudel como aspecto estilístico que visa coerentemente incorporar o leitor na “quase intriga” das temporalidades e níveis de que se vale para interpretar a realidade histórica, segundo ele:

Essa analogia ,ao nível do temporalidade é da mesma natureza que analogia que buscamos preservar ao nível dos procedimentos entre atribuição causal e armação da intriga, depois ao nível das entidades entre sociedades (ou as civilizações) dos personagens do drama. Nesse sentido, *toda mudança entra no campo histórico como quase acontecimento.* (RICOEUR, 1994, p.320)

³⁵ No original: *Dans son paysage physique comme dans son paysage humain, carrefour méditerranéen, la Méditerranée hétérogène se présente dans nos mémoires comme une image cohérente, comme un système où tout se mélange et se recompose dans une unité originelle. Cette unité évidente, cet être profond de la Méditerranée, comment l'expliquez-vous ? L'explication n'est pas seulement la nature, qui a beaucoup fait à cette fin ; il n'y a pas que l'homme qui s'obstine à tout lier ; elles sont à la fois les grâces de la nature et ses malédictions autant qu'hier et les exercices des hommes qu'elles le sont aujourd'hui. Ou une infinité d'accidents, de succès répétés(...) Du 1er siècle avant JC à nos jours (1988), une série d'îles et d'ilots peuvent surgir, des accidents survenant dans l'eau de l'ancien cratère et la mer. encore fervente aujourd'hui au large de Santorin, l'île aux couleurs étrangères.Le feu est, portero, toujours allumé sous le chaudron du diable(...)La Méditerranée est une belle occasion de présenter une autre façon d'aborder l'histoire. Parce qu'elle voit la mer, comme nous pouvons et l'aimons, elle est, dans son passé le plus étonnant, le plus clair de tous les témoignages.* BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée*. Flammarion,2017,p.17,18,24,25.

As metáforas de Braudel que tratam enquanto substância o movimento, também abordam a própria questão metodológica do conceito de duração. Seu tratamento comparativo para demonstrar a semelhança por meio da diferença ocorre na própria escrita do historiador francês. Ao desenvolver as metáforas do movimento, suas comparações subsistem dentro de uma alegoria que ao mesmo tempo explica e critica a história factual e a história tradicional. Para o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein, em Braudel, a chamada massa das "pequenas particularidades", ora ofuscantes ora obscuras, que na maior parte das vezes se reduz à história política, constitui apenas uma parte da realidade, a bem dizer um pequeno componente. Braudel observa que as ciências sociais, ditas nomotéticas "têm quase horror ao acontecimento. Não sem razão: o tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações". Afirmção que dá a chave da famosa tirada em *O Mediterrâneo*, "os acontecimentos são poeira"³⁶. Nos termos do próprio Braudel:

Por estrutura os observadores do social entendem uma organização, uma coerência, relações bastante fixas entre realidades e massas sociais. Para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida articulação, arquitetura, porém mais ainda uma realidade que o tempo mal desgasta e transporta muito longamente (...). Todas [as estruturas] são ao mesmo tempo sustentáculos e obstáculos. (BRAUDEL, 1969, p.50)

Ao destacar a diferença das durações dos movimentos, ao dizer que os acontecimentos são poeira e fazer comparações sobre as pequenas particularidades, ora ofuscantes, ora obscuras, Braudel tenta, a partir de um esforço literário narrativo, explicar as diferentes formas e desenvolvimentos de interpretação duracional e abrangente das particularidades da historiografia. As menções alegóricas de construção teórica com a arquitetura como termos, como: sustentáculo e relações físicas se fazem presentes nesse esforço. Nesse sentido, as metáforas de Fernand Braudel, ao mesmo tempo em que explicam sua relação conceitual, sua chave explicativa teórica, conceituam o tempo cronológico e criticam a formatação de uma história narrativa tradicional. Ao desenvolver, portanto, uma alegoria acerca dos modelos comparativos temporais entre "navios" e "naufrágios", Braudel, em sua explicação, busca evidenciar as falhas na concepção temporal não só na "ciência" do historiador, mas também da antropologia e das chamadas ciências naturais.

Uma forma alegórica comparativa que busca, por meio de uma valorização do movimento, analisar o fluxo e a pluralidade da duração ao mesmo tempo em que tece críticas sobre a teorização tradicional do tempo na produção científica.

³⁶ Cf. WALLERSTEIN, 2003, p.74.

Reintroduzamos a duração. Eu disse que os modelos eram de duração variável: valem o tempo que vale a realidade que registram. (...) Comparei algumas vezes os modelos a navios. (...) O naufrágio é sempre o momento mais significativo, () Estarei errado em pensar que os modelos das matemáticas qualitativas (...) se prestariam mal a tais viagens, antes de mais nada porque circulam em uma só das inúmeras notas do tempo, a da longa, muito longa duração, ao abrigo dos acidentes, das conjunturas, das rupturas. (BRAUDEL, 1969, p.71,12)

Para Wallerstein, Braudel está propondo, em vez de um tempo que não teria outra existência além de um parâmetro físico externo, insistiu na pluralidade dos tempos sociais: os tempos que são construídos e que, sendo construídos, tanto nos auxiliam a organizar nossa realidade social, quanto nos impõem constrangimentos à ação. Contudo, tendo assim demarcado os limites e o descaminho da história acontecimental, ele acrescentou que os historiadores não são os únicos a se enganar. Aqui, as metáforas a alegorias comparativas que valorizam movimento têm uma similaridade. Tanto a poeira do tempo infinitesimal do acontecimento e a longuíssima duração dos modelos quantitativos matemáticos incorrem modelos naufragados. Um em outra estrutura quantitativa “insensível” às intrigas, grandiosidade de enormes navios. Do outro lado, a milimétrica proporção de poeira dos acontecimentos. As duas alegorias são referências às falhas, são modelos fadados ao fracasso de historiadores ou de ciências que se debruçam não no movimento, no fluxo, mas no pequeno demais ou no gigantesco. Essa valorização, para Wallerstein é a uma compreensão significativa da realidade em Braudel, é a expressão da dialética duracional³⁷. A poesia teórica em Fernand Braudel vai além do objeto que deseja apresentar, é uma questão estética do formato como se apresenta. A forma de teorizar é parte fundamental da concepção.

2.4 PARADOXOS DO MÉTODO DURACIONAL

Trataremos agora de outro tipo de metáfora utilizada por Fernand Braudel, a dos paradoxos. Segundo o *Dicionário de Termos Literários*, o paradoxo é considerado por como uma antítese extremada. Caracteriza-se como a apresentação de duas ideias excludentes e que na literatura pode exercer uma função explicativa por meio da contradição, de forma dialética³⁸.

Para Braudel, estabelecer uma relação alegórica entre grandezas é uma forma de estruturar uma linguagem que trata da longa duração e da curta duração, uma estratégia

³⁷ Cf. WALERSTEIN, 2003, p.74.

³⁸ Cf. MOISÉS, 2004, p.99.

aparentemente simples, mas que esteticamente se apresenta de forma substancial na tentativa do historiador destacar a fluidez duracional ao desenvolver sua pesquisa sobre o Mediterrâneo. Podemos, deste modo, nos deter em um dos exemplos do uso de um caráter paradoxal que Braudel utiliza para evidenciar não as grandezas que propõe, mas justamente a relação entre elas, usando a compreensão da dialética duracional:

Se você quiser dar uma visão geral rápida a todo custo, você deve escolher um tópico comum. E para decidir, o melhor seria questionar com cuidado. No início, o próprio Mediterrâneo, o Mediterrâneo de hoje, buscando o que poderia ser a essência de sua vida atual, de seu equilíbrio visível, e provavelmente de seus antigos equilíbrios. Neste ponto, a resposta será rápida e inequívoca. O Mediterrâneo, além de suas atuais divisões políticas, é composto por três comunidades culturais, três enormes e vivas civilizações, três modos cardeais de pensar, de crer, de comer, de beber, de viver... Na verdade, três monstros sempre prontos mostrar os dentes, três personagens com um destino sem fim, no lugar para sempre, para dizer o mínimo durante séculos e séculos. Seus limites transgridem os limites dos Estados, sendo estes para suas roupas de Arlequim, e tão leves! Essas civilizações são, de fato, os únicos destinos de longo prazo que podem ser seguidos ininterruptamente pelas aventuras e acidentes da história mediterrânea.³⁹ (BRAUDEL, 2017,p.137, 138)

Ao tecer uma apresentação histórica e historiográfica do estudo sobre Mediterrâneo, Braudel apresenta uma divisão naquilo que ele chama de “monstros”. Esses “monstros” representam uma grandeza, as diferentes culturas, as diferentes civilizações, que em sua visão, constituem a grande maioria estrutural do desenvolvimento do Mediterrâneo. Ao mesmo tempo em que desenvolve a grandiosidade dos “monstros Braudel nos mostra que, na verdade, estas grandes composições são pensadas a partir “da crença, a comida, do beber, do viver...” Na visão braudeliana estão sempre prontos a “mostrar os dentes”, exhibir seus pormenores. Essas criaturas possuem destinos ainda pouco sólidos, na metáfora do autor. Em seguida, os monstros que mostram seus dentes de forma grandiosa, ostentando sua transgressão de limites de estados e cidades, estão trajados de roupas de palhaço, são arlequins. O paradoxo, de um gigante

³⁹ No original: *Si l'on veut à tout prix donner une rapide vision d'ensemble, il faut choisir un fil conducteur. Et pour en décider, le mieux serait d'interroger attentivement, au départ, la Méditerranée elle-même, la Méditerranée d'aujourd'hui, en cherchant quel peut être l'essentiel de sa vie présente, de son équilibre visible, et probable ment de ses équilibres anciens. Sur ce point, la réponse sera rapide et sans ambiguïté. La Méditerranée, au-delà de ses divisions politiques actuelles, c'est trois commu nautés culturelles, trois énormes et vivaces civilisations, trois façons cardinales de penser, de croire, de manger, de boire, de vivre... En vérité, trois monstres toujours prêts à montrer les dents, trois personnages à intermi le destin, en place depuis toujours, pour le moins depuis des siècles et des siècles. Leurs limites trans gressent les limites des Etats, ceux-ci étant pour elles des vêtements d'Arlequin, et si légers! Ces civilisations sont en fait les seuls destins de long souffle que l'on puisse suivre sans interruption à travers les péripéties et les accidents de l'histoire médi terranéeenne.* BRADUEL, Fernand. *La Méditerranée*. Flamarion,2017,p.137,138.

em roupas de leves e burlescas exemplifica construção paradoxal entre pequenos ruídos, movimentos irregulares, movimentos da curta duração que se encontram dentro de grandiosidade civilizatória, das grandes construções culturais, dos monstros.

Essa concepção paradoxal, utilizada como recurso de linguagem na escrita em Braudel, é parte integrante do esforço dialético de sua tentativa de abordagem a partir de uma inversão entre passado e presente para explicação. Apesar de substancialmente menos complexos e profundos do que as chamadas aqui, "alegorias do movimento", os paradoxos são mais frequentes no texto de Fernand Braudel por sua maior facilidade na utilização do recurso linguístico, mas, sobretudo, como uma tentativa incessante de estabelecer uma relação com o leitor que evidencie o fluxo a partir de relações e proporções. Diferente de trazer exemplos de modo repetitivo para exprimir-se conceitualmente, o autor permeia sua escrita através de paradoxos, dessa forma, Braudel desembaraça seu texto. Ao delinear imagens conceituais com seus paradoxos ele aproxima o leitor cada vez mais de sua "quase-intriga", na própria forma de investigar os objetos.

Ao analisar a escrita de Braudel, Jean-Claude Perrot destaca o modo de substanciar velocidades variáveis de fluxo desenvolvido pelo historiador: "Para fazer isso. para milhares de outros que passam por camadas de tempo silencioso e duradouro." Nesse sentido demonstra que na análise de Braudel é necessário exprimir por meio das palavras que "vivemos no curto e no longo tempo a língua que falo a profissão que Pratico a paisagem humana que me cerca. Eu as herdei, elas existirão depois de mim" (BRAUDEL.Apud.PERROT,1981,p,7). Nas palavras de Braudel,

os mortos apoderam-se dos vivos e lega-lhes uma confusão de bens em segunda mão onde todas as épocas convivem. afirmam-se como realidades em cada deles testemunha para milhares de outros que atravessam espessuras de tempo. Perrot mostra como em Braudel a oposição de grandezas serve como amostragem da existência duracional como um instrumento tem cinquenta anos, uma corrente de trocas data de ontem, outra de dez séculos atrás. (BRAUDEL. Apud. PERROT, 1981, p, 7)

Essa importante heterogeneidade nos evita de conferir um sentido à duração histórica tão morto quanto o passado, refletimos que ela não diminui a realidade da duração, ao contrário, ela afunda naquilo que só possui uma existência plena, aqui e agora. Para Perrot:

Esta inversão à qual os historiadores estarão atentos "Será necessário... compreender o passado pelo presente, longe de se esforçar constantemente para explicar o presente pelo passado" o futuro não é o que vem em nossa direção, mas para o que vamos" O realismo temporal de Fernand Braudel pertence a essa sutil inversão das abordagens históricas. Antes de tudo, ele o afirma em frases categóricas: "Não pretendo - diz - explicar o presente à luz da história". É isso que, inversamente, constitui sua "tábua da verdade". Então o autor vê a linguagem do longo prazo como a de uma "dialética presente-passado" a ordem dos termos é significativa . (PERROT, 1981, p, 7,8)

Um importante exemplo deste recurso linguístico utilizado por Braudel é o panorama paradoxal ao tratar de Veneza. Ao tratar de seu imbricamento comercial, o autor tece uma análise por meio das águas. Parece-nos óbvio que tratar das águas sobre Veneza seja um ponto importante, mas a forma como Braudel decide criar uma antinomia, um conflito de ideias, nos revela a curta e a longa duração por meio da análise de uma "água divina e demoníaca".

Água divina e demoníaca. Uma cidade ao mesmo tempo irreal e real. Talvez porque pareça nascer do nada, entre a água e o céu, porque não é o conjunto razoável de terra, luz, água, verdura que a geografia oferece regularmente por todas as cidades do vasto mundo. A terra aqui é tão discreta, tão seguramente roubada que só contam o espelho da água e o espelho do céu. A terra existe, claro, mas como aqueles bancos de areia e lama que, na lagoa, mal emergem da água salgada. Para permitir que esta terra levasse Veneza, teve que ser recriada, feita com pedras, ainda mais com milhares ou milhões de troncos de árvores, carvalhos escavados verticalmente. Veneza sobre uma floresta submersa.⁴⁰ (BRAUDEL, 2017, p.322)

Aqui há uma análise sobre a água a partir de uma reflexão que consiste em compreender a vida veneziana do Mediterrâneo ao mesmo tempo em que leva em consideração as longas estruturas geológicas que formaram o território.

Observando com mais profundidade esta e outras metáforas que dão qualidades à água, sobretudo identificando suas características físicas, é possível testemunhar em Braudel uma poesia da imaginação e matéria, nesse caso a água, relação extensa na literatura como estuda e explora Bachelard em *A Água e os Sonhos* (2018). Em uma das

⁴⁰ No original: *Une ville à la fois irréelle et réelle. Peut-être parce qu'elle semble naître du néant, entre l'eau et le ciel, parce qu'elle n'est pas l'assemblage raisonnable de terre, de lumière, d'eau, de verdure que la géographie offre régulièrement à travers toutes les villes du vaste monde. La terre est ici tellement discrète, si sûrement dérobée que seules comptent le miroir de l'eau et le miroir du ciel. La terre existe, bien sûr, mais pareille à ces bancs de sable et de boue qui, sur la lagune, émerge à peine de l'eau salée. Pour permettre à cette terre de porter Venise, il a fallu la recréer, la faire avec des pierres, plus encore avec des milliers ou des millions de troncs d'arbres, de chênes évidés à la verticale. Venise sur plombe une forêt engloutie.* BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée*. Flammarion, 2017, p.322.

análises de Bachelard é indicada essa contraposição das águas calmas como “espelhos” que refletem uma calma se contrapondo às águas confusas e profundas. Percepção explorada por Braudel ao tratar da duração enquanto método de análise da vida veneziana no contexto do Mediterrâneo⁴¹.

Para o professor André Fabiano Voigt, em seu texto, *Um debate sobre a descontinuidade temporal: Fernand Braudel, Gaston Bachelard, Gaston Roupnel e Georges Gurvitch* (2013), à primeira vista podemos ver Braudel e Bachelard de lados opostos, já que Braudel cita uma passagem da obra *Dialética da Duração* (1936) como Apologia da descontinuidade. Contudo, podemos observar a partir de estudos sobre os dois autores que a afirmação do historiador francês se coloca em um âmbito político, e não necessariamente conceitual.

Apesar de nunca terem discutido ou escrito um para o outro, de forma direta, Bachelard e Braudel estabeleceram uma espécie de diálogo de forma indireta, a partir das análises das obras de Georges Gurvitch e Gaston Roupnel no que tange às discussões sobre continuidade e descontinuidade temporal dentro da sociologia e da história. Contudo, é possível perceber uma similitude entre os dois autores no que se refere à escrita, enquanto condicionante conceitual para interpretação da existência e do processo histórico. (VOIGT, 195).

No próximo item veremos como Bachelard é importante para compreendermos partes elementares da duração bergsoniana, sobretudo de sua escrita, identificando, inclusive, diferenças e semelhanças com o pensamento braudueliano.

2.5 AFINIDADES COM A ESCRITA BERGSONINANA

Apesar de não haver uma relação escrita direta entre Braudel e Bergson, vimos no primeiro capítulo do presente trabalho que existia certo diálogo invisível por meio das obras publicadas, dos temas tratados, afinidades conceituais e, por serem contemporâneos deste debates.?

Ao tratar da história da historiografia e dos conceitos ligados ao tempo, José D'Assunção Barros apresenta a autoria de Henri Bergson do conceito de duração, e dessa forma reapropriado por Braudel de maneira específica. É possível observar e identificar uma relação indireta entre os dois autores a partir da crítica de Bachelard a determinadas passagens das obras de Bergson e a posterior crítica de Braudel a noções de descontinuidade, na obra de Bachelard. Barros destaca:

A expressão “dialética da duração” aparece pela primeira vez com

⁴¹ Cf. BACHELARD, 2008,p.6.

Gastón Bachelard, na obra de mesmo nome (BACHELARD, 1936). Neste livro, o objetivo de Bachelard é criticar a concepção de duração proposta por Henri Bergson, que havia antes tratado do tempo nos Ensaio sobre os dados imediatos da consciência [1889] e em Duração e simultaneidade [1922]. A discussão sobre a “dialética da duração” de Bachelard, todavia, remete a aspectos que se referem aos modos de percepção do tempo pelo indivíduo, e não aos aspectos do tempo histórico propriamente dito. Fernand Braudel, em seu artigo sobre “A Longa Duração”, criticará rapidamente a “dialética da duração” de Bachelard (BRAUDEL, 2011, p. 116). Com o historiador francês, a expressão “dialética das durações” referir-se-á às inter-relações que se estabelecem entre as diferentes durações históricas, isto é, entre os diferentes padrões rítmicos a partir dos quais se processam as mudanças históricas. Na concepção de Braudel, está implícita uma arquitetura de três durações (a longa, a média e a curta), através das quais a estrutura enquadra as conjunturas, e estas os eventos típicos da história política. Este é o modelo aplicado em Mediterrâneo (1949). (BARROS, 2012,p.257)

Tratemos de analisar agora os aspectos em comum entre as metáforas utilizadas e a escrita Braudeliiana como um todo, estabelecendo relações com a forma como o filósofo Henri Bergson estrutura seu texto, seus exemplos, sua escrita da duração. Incurrendo no risco de ser repetitivo neste trabalho, é necessário alertar que é evidente e que existem diferenças substanciais entre os autores. Aqui pontuaremos as semelhanças da escrita dos pensadores em questão, sobretudo quando tratamos dos exemplos, de metáforas e da forma como os autores constroem seus argumentos, levando em conta os aspectos estilísticos e suas relações com o leitor, que tentam buscar uma compreensão duracional fora dos padrões de compreensão do tempo da tradição ocidental. Tendo essa perspectiva, damos destaque a dois elementos congruentes entre ambos os autores: primeiro, o caráter poético na argumentação duracional; segundo, o que trata das similitudes alegóricas em seus textos.

É importante destacarmos que enquanto Braudel desenvolve um método de análise dialético duracional na chamada dialética das durações, ou “tripé” de curta, média e longa duração, o método desenvolvido por Bergson é ontológico, trata da duração em si, compreendida como *intuição*. A intuição, dessa forma, desempenha um papel metodológico na teoria bergsoniana para se compreender não só a ideia de tempo, mas também de vida. Em *Introdução à Metafísica*:

Decorre daí que um absoluto só poderia ser dado numa intuição, enquanto todo o restante é objeto de análise. Chamamos aqui intuição a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e, conseqüentemente, de inexprimível. Ao contrário, a análise é a operação que reduz o objeto a elementos já conhecidos, isto é, comum a este objeto e a outros. Analisar consiste, pois, em exprimir uma coisa em função do que não é. (BERGSON, 1984, p.14)

Vejamos como Bergson lida com a explicação inicial sobre a duração, tratando, sobretudo da aceleração e desaceleração, para introduzir o leitor acerca do conceito na obra, *O Pensamento e o Movente* (2006):

Radical, portanto, é a diferença entre uma evolução cujas fases contínuas se interpenetram por uma espécie de crescimento interior e um desenrolamento cujas partes distintas se justapõem. O leque que desdobramos poderia abrir-se cada vez mais rápido, e mesmo instantaneamente, desdobraria sempre o mesmo bordado, prefigurado na seda. Mas uma evolução real, por pouco que se a acelere ou que se a desacelere, modifica-se totalmente, interiormente. Sua aceleração ou sua desaceleração é justamente essa modificação interna. Seu conteúdo é uma só e mesma coisa que sua duração. (BERGSON, 2006, p.13,14).

Ao apresentar a intuição como forma para se chegar à duração, Bergson explica o esforço de conceber o imediato das unidades por meio de uma multiplicidade a partir daí as alegorias e o desenvolvimento da escrita do filósofo se desenrolam em determinadas metáforas que se assemelham às de Braudel na ilustração e na elaboração de imagens que possam traduzir a unidade e as partes.

Diremos então que a duração possui unidades? Sem dúvida, uma continuidade de elementos que se prolongam uns nos outros participa da unidade tanto quanto da multiplicidade, mas esta unidade movente, mutável, colorida, viva, não se parece de maneira alguma com a unidade abstrata, imóvel e vazia, que o conceito de unidade pura circunscreve. Concluiremos daí que a duração deve se definir pela unidade e multiplicidade ao mesmo tempo? Mas, coisa singular poderá muito bem manipular os dois conceitos, dosá-los, combiná-los diversamente, praticar sobre eles as mais sutis operações de química mental: não obterei jamais algo que se assemelhe à intuição simples que tenho da duração; em vez disto, se me coloco na duração por um esforço de intuição, percebo imediatamente como ela é unidade, multiplicidade, e muitas outras coisas ainda. Estes diversos conceitos seriam, pois, outros tantos pontos de vista exteriores acerca da duração. Nem separados, nem reunidos eles nos fazem penetrar na própria duração. (BERGSON, 1984, p.19)

O filósofo utiliza-se dos recursos científicos de proporções e grandezas, Braudel, diferentemente, por sua vez, recorre a usos cotidianos, como outra maneira de nos tornar mais próximos das explicações. Apesar das diferenças sutis entre os estilos do filósofo e do historiador a escrita dos dois pensadores indica um caminho de valorização do movimento por meio da metáfora. Esta valorização do aspecto artístico na escrita científica é bastante perceptível na obra de Bergson. Bergson, continuamente, reconhece em seus escritos a capacidade do artista em reconhecer a vivacidade do mundo e inserir um pouco desta (vivacidade) dentro de sua obra⁴². Nessa perspectiva, seria também o filósofo aquele que se debruça sobre a vida para encontrar uma estrutura que lhe

⁴² Cf. BERGSON (2006, p. 103),

possibilite tratar a vida de tal estilo e dela se aproximar, de seu movimento inerente, evitando a imobilidade e a estabilidade da argumentação filosófica clássica. Sendo o contraponto entre a objetividade da representação conceitual e a dinâmica da criação literária em sua força expressiva para levar o leitor a experimentar. Notamos que Bergson faz mais do que reconhecer a capacidade de observação do artista, nota percebe que o artista possui olhos privilegiados quando contempla a vida e a expõe em sua obra, mas administra para si um pouco destes elementos e insere em sua escrita teórica com os dados da mobilidade da vida, o fluxo dos pensamentos, abrindo o mundo das letras filosóficas para a intuição da duração. Uma das analogias mais conhecidas de Bergson ao tratar das durações e do movimento sob a ótica de um sistema analítico tradicional. Bergson escolhe o cinematógrafo como exemplo teórico em *A Evolução Criadora*. (2005):

Esta consiste em tomar uma serie de instantâneos do regimento que passa e projetar esses instantâneos na tela, de modo que se substituam muito rapidamente uns aos outros. Assim faz o cinematógrafo. Com fotografias, cada uma das quais representa o regimento em uma atitude imóvel, reconstitui a mobilidade do regimento que passa. É verdade que, se nos deparássemos com as fotografias sozinhas, poderíamos olhá-las à vontade, nós as veríamos ganharem animação com a imobilidade, mesmo indefinidamente justaposta a si mesma, não faremos nunca o movimento. Para que as imagens ganhem animação é preciso que haja movimento em algum lugar. O movimento realmente existe aqui, com efeito, está no aparelho. É porque a película cinematográfica se desenrola, levando sucessivamente as diversas fotografias da cena a darem seguimento umas às outras, que cada ator dessa cena reconquista sua mobilidade: ele enfileira todas as suas atitudes sucessivas no invisível movimento da película cinematográfica. O procedimento, portanto, consistiu em extrair de todos os movimentos próprios a todas as figuras um movimento impessoal, abstrato e simples, o movimento em geral, par assim dizer, e pô-lo no aparelho e em reconstituir a individualidade de cada movimento particular pela composição desse movimento anônimo com as atitudes pessoais. Tal é o artifício do cinematógrafo. E tal como também o de nosso conhecimento. Em vez de nos prendermos ao devir interior das coisas, postamo-nos fora delas para recompor artificialmente seu devir. Tomamos vistas quase instantâneas da realidade que passa e, como elas são características dessa realidade, basta-nos enfileirá-las ao longo de um devir abstrato, uniforme, invisível, situado no fundo do aparelho do conhecimento, para imitar o que há de característico nesse devir ele próprio. Percepção, intelecto, linguagem, geralmente procedem assim. Quer se trate de pensar o devir, quer de exprimi-lo, quer mesmo de percebê-lo, não fazemos realmente nada além de acionar uma espécie de cinematógrafo interior. Resumiríamos então tudo o que precede dizendo que o mecanismo de nosso conhecimento usual é de natureza cinematográfica. (BERGSON, 2005, 390, 391)

Henri Bergson compreende o processo de duração de forma imagética e o explica por meio de uma escrita que estabelece uma alegoria por meio do cinematógrafo, estabelecendo relações a partir de metáforas de imagens comuns, e entende o movimento sequencial das imagens, da relação da captura e a forma como a mente humana apreende para explicar seu ponto de vista duracional da impressão do tempo. Percebemos que

assim, como Braudel, Bergson se esforça para criar imagens explicativas, contudo de forma ainda mais aprofundada. Criar imagens na escrita bergsoniana é estabelecer uma relação com próprio método intuitivo, o filósofo compreende que a metáfora é a função relacional entre o método filosófico e a própria imagem. Almeja criar um contínuo entre conteúdo, signo e significado, um meio de aproximação direta da realidade através da teoria.

Segundo o filósofo Franklin Leopoldo e Silva, são de se observar que as imagens bergsonianas que devem suscitar a intuição são sucessivamente concretas: novo, elástico, cores. Percebemos o mesmo em quanto mais concreta for a imagem, mais eficientemente ela exercerá o seu papel. Como se o filósofo devesse mergulhar na estratificação das coisas para aproximar-se da singularidade do processo. A propósito disso, aparenta ser a impossibilidade da transfiguração da linguagem, de modo a torná-la transmissora da fluidez e do caráter movente da realidade. Isso seria uma forma de estabelecer uma relação, de algum modo, afirmativa entre a linguagem e o real.⁴³ É importante lembrar que para Bergson o objetivo não é condensar a explicação em signos. A linguagem para o filósofo é um obstáculo necessário à intuição, o método intuitivo, a compreensão da duração, deve-se entender na relação dialética e dentro das limitações que existem na linguagem. Bergson usa a linguagem, mas não apostando em uma forma final de expressão, e sim um meio. Franklin Leopoldo Silva nos atenta para o fato da relação que Bergson estabelece com a linguagem, os signos e a explicação pela percepção:

[...] já não podemos reconhecer na linguagem a motivação efetiva que estaria na origem das palavras, poderíamos dizer que em Bergson tal motivação situa-se na comunidade da índole espacial que liga as palavras e as coisas. O teor representativo das palavras deriva de que aquilo que elas representam já foi filtrado pela percepção e pela inteligência. A intencionalidade dos signos linguísticos é solidária do fato de que a convenção que lhes deu origem provém da atitude natural da consciência empírica diante do mundo estruturado em termos perceptivos e intelectuais. (SILVA, 1994, p.19)

Vejamos uma das alegorias mais conhecidas de Bergson sobre a duração e a percepção. Assim como na escrita de Braudel, a produção de Bergson se preocupa em apresentar imagens que possam ser intuitivamente compreensíveis uma didática poética da duração.

Imaginemos, pois, um elástico infinitamente pequeno, contraído, se isto fosse possível, num ponto matemático. Estiquemo-lo progressivamente de forma a fazer sair do ponto uma linha que irá sempre se encompridando. Fixemos nossa atenção não sobre a linha enquanto tal, mas sobre a ação que a traça. Consideremos que esta ação, apesar de sua duração, é indivisível, se supomos

⁴³ Cf. SILVA, 1994, p.106.

que ela se realiza sem se interromper; pois, se intercalarmos uma parada, faremos duas ações em lugar de uma e cada uma dessas ações será então o indivisível de que falamos; porque não é a ação de mover que é divisível, mas a linha imóvel que deixa atrás de si como um traço no espaço. Descartemos, enfim, o espaço que subjaz ao movimento para levar em conta somente o próprio movimento, o ato de tensão ou de extensão, enfim, a mobilidade pura. Teremos desta vez uma imagem mais fiel de nosso desenvolvimento na duração. (BERGSON,1984,p.16)

Podemos notar que Bergson tenta exprimir por meio da imagem conceitos e noções de multiplicidade, unidade e, sobretudo, movimento. Para caracterizar a duração na escrita bergsoniana, o movimento é o elemento central. Construir imagens que estejam em movimento é uma das grandes similaridades entre Bergson e Braudel, as imagens em movimento como recurso narrativo conceitual ocorrem também em o *Mediterrâneo* de Braudel ao explicar os processos históricos no jogo de durações.

O filósofo francês não busca o entendimento total e completo próprio - como dissemos anteriormente a partir de Franklin Leopoldo e Silva - ele não espera que a linguagem e a construção das imagens de alegorias sejam suficientes para compreender a duração em si, mas deixa claro que é uma das formas de se aproximar intuitivamente do conhecimento sobre a duração.

E, entretanto, esta imagem será ainda incompleta, e toda comparação, aliás, será insuficiente, pois o desenrolar-se de nossa duração se assemelha em certos aspectos à unidade do movimento que progride, em outros, a uma multiplicidade de estados que se espalham e nenhuma metáfora pode dar conta de um desses aspectos sem sacrificar o outro. Se evoco um espectro de mil nuances, tenho diante de mim uma coisa completamente pronta, ao passo que a duração se faz continuamente. Se penso num elástico que se alonga, numa mola que se encolhe ou se distende, esqueço a riqueza de colorido que é característica da duração vivida para não ver mais que o movimento simples pelo qual a consciência passa de um tom a outro. A vida interior é tudo isto de uma vez, variedade de qualidades, continuidade, de progresso, unidade de direção. Não poderíamos representá-la por imagens. Mas poderíamos menos ainda representá-la por conceitos, isto é, por ideias abstratas, ou gerais, ou simples. Sem dúvida, nenhuma imagem jamais reproduzirá o sentimento original que tenho do escoamento de mim mesmo. Mas não é necessário, também, que tentemos reproduzi-lo. Aquele que não for capaz de se dar à intuição da duração constitutiva de seu ser, nada seria capaz de fazê-lo e os conceitos menos ainda que as imagens. (BERGSON,1984,p.17)

As imagens metafóricas, sobretudo as paradoxais, elaboradas por Fernand Braudel para explicar a duração e o processo histórico estão normalmente ligadas a aspectos físico-geográficos e suas correlações com atividades humanas. Percebemos aqui que com Bergson ocorrerá de forma similar. O filósofo busca, por meio de uma atividade humana, estabelecer vínculos de percepção que sejam capazes de fazer com que o leitor entenda a relação de movimento entre a parte e o todo. Vejamos outros exemplos de recursos que aplicará à duração por meio de metáforas, utilizadas por Henri Bergson para explicar a duração:

Há aí um trabalho análogo ao de um artista que de passagem por Paris, faria, por exemplo, um croquis, de uma torre de Notre Dame. A torre está inseparavelmente ligada ao edifício, que não está menos ligado à terra, à vizinhança, a Paris inteira, etc. É preciso começar por separá-la; anotaremos apenas um certo aspecto do conjunto, que é esta torre de Notre Dame. Ainda mais, a torre é constituída, em realidade, pelas pedras, cujo particular agrupamento é que lhe dá a forma: mas o desenhista não se interessa pelas pedras, ele anota apenas a silhueta da torre. Ele substitui, pois, à organização real e interior da coisa uma reconstituição exterior e esquemática. De maneira que seu desenho corresponde, em suma, a um certo ponto de vista sobre o objeto e à escolha de um certo modo de representação. Ora, é da mesma forma que um psicólogo extrai um estado psicológico do conjunto da pessoa. Este estado psicológico isolado é apenas um croquis, um começo de recomposição artificial; e o todo considerado sob um certo aspecto elementar pelo qual nos interessamos especialmente e que tivemos o cuidado de anotar. Não é uma parte, mas um elemento. Ele não foi obtido por fragmentação, mas por análise. (BERGSON, 1984, p.20)

No exemplo acima, da metáfora de Bergson, podemos encontrar algumas semelhanças conceitual-poéticas com as de Braudel. A metáfora já se inicia com a ideia de um artista, uma sugestão de criatividade e movimento na apreensão da realidade. O elemento da torre dentro da cidade de Paris cria camadas que nos facilitam a apreensão de movimento macro e micro. O próprio modo de encadear as palavras, alternando elementos de grandeza desproporcional, converge para uma compreensão duracional de modo fluído, assim como a curta, a média e a longa duração braudelianas são explicitadas pelo autor por meio de paradoxos de grandeza como vimos neste mesmo capítulo. Assim como na escrita duracional de Braudel, Bergson busca em sua metáfora apresentar as interpretações humanas dentro de um contexto mais amplo provocando assim uma leitura que compreenda as contradições e, ao mesmo tempo, procedimentos de confluências de durações distintas. Importante reiterar que Bergson não pretende com a metáfora enganar ou ludibriar o leitor substituindo a duração em movimento por palavras. Segundo Franklin Leopoldo:

Para que a metáfora sirva como meio de aproximação direta da realidade é preciso que a imagem não cristalize um significado, mas sugira uma visão, que não é interpretação, mas contato. Portanto, a imagem não vai figurar a realidade espiritual; ela vai conscientemente sugerir algo que sabemos situar-se para além da imagem. É neste sentido que a metafísica tem algo a ver com a literatura no sentido em que a entende Bergson, isto é, expressão imagética da fluidez do universo afetivo: assim como o escritor emprega palavras para que não reparemos nas palavras em sua simples opacidade, mas para que atravessemos as imagens na direção da coincidência com a personagem e a trama, assim também o metafísico recorrerá às imagens para que o movimento metafórico que ele estabelece na linguagem provoque o espírito a captar no jogo imagético uma realidade situada mais além (SILVA, 1994, p.97)

A construção de imagens para Henri Bergson é uma forma direta de se chegar à compreensão duracional muito mais próxima do que a chamada linguagem científica, ou objetiva, isto porque cairíamos na opacidade descritiva e não em uma compreensão metafísica do conceito de duração. Nas palavras do filósofo:

Comparações e metáforas sugerirão aqui o que não poderemos chegar a exprimir. Não será um desvio; não faremos mais do que ir direto ao objetivo. Se falássemos constantemente uma linguagem abstrata, e "científica", somente daríamos ao espírito sua imitação pela matéria, porque as ideias abstratas foram tiradas do mundo exterior e implicam sempre uma representação espacial (...). Não sejamos enganados pelas aparências: há casos em que é a linguagem imagética que fala conscientemente com propriedade e a linguagem abstrata que fala inconscientemente de maneira figurada. (BERGSON, 1984, p.122)

A relação do filósofo Henri Bergson com a construção da linguagem, com as metáforas e, sobretudo, com o fato de dar a elas a capacidade de transmitir o movimento quando trata da duração é evidente. Em diversos momentos de sua escrita o autor reitera e reforça a necessidade de discutir as limitações e as vantagens de usar as construções linguísticas metafóricas, em grande parte de modo paradoxal, do movimento para compreender a duração por meio de seu método intuitivo.

Nenhuma imagem substituirá a intuição da duração, mas muitas imagens diversificadas, emprestadas à ordem de coisas muito diferentes, poderão, pela convergência de sua ação, dirigir a consciência para o ponto preciso em que há certa intuição a ser apreendida. (BERGSON, 1984, p.17)

Na concepção de Franklin Leopoldo Silva, Bergson está interessado em buscar as metáforas do movimento, compreendendo os entraves da linguagem, contudo, buscando construir imagens que priorizem o movimento por meio da própria estética da linguagem tal como Fernand Braudel. Dessa forma, Bergson permeia com movimento suas metáforas, alegorias, paradoxos, enfim, em sua linguagem duracional.

Aqueles que, pelo contrário, viram na fluidez e no processo do devir o verdadeiro estofo da realidade, por sua vez, também fracassaram na tentativa de transpor esta fluidez para a articulação descontínua da linguagem, feita de átomos de significação cuja ligação nunca reproduz o entranhamento das coisas. Toda questão é aquela de saber se, e como o pensamento pode habitar uma palavra. Ele certamente não pode, para Bergson, habitar um conceito. A solidez da articulação sistemática se revela vão artifício diante da mera suspeita do que se encontra para além do universo da significação. Sólida é a última coisa que a linguagem filosófica deve ser. A densidade das palavras deve ceder lugar ao ritmo do pensamento que salta de imagem em imagem e mesmo por entre as contradições, destruindo a plasticidade racional com que tradicionalmente se tentou fazer com que a linguagem expressasse o pensamento. A palavra não reproduz movimento, mas o estilo pode sugerir a mobilidade. Não são só as imagens de que a expressão se constitui que sugerirão o que se quer exprimir, mas o discurso enquanto tal deve ser uma metáfora do movimento. (SILVA, 1994, p.110)

As metáforas traçadas pelo filósofo francês estão sempre a caminho de uma sugestão ao

leitor, elaboradas para compreender o método indutivo da duração e não apresentam uma determinada saída definitiva. A linguagem em Bergson é utilizada como sugestão de apreensão por meio da construção de imagens, e não a cristalização destas mesmas imagens como saída analítica estanque e única. Aqui há uma clara semelhança com o esforço linguístico do historiador Fernand Braudel que, ao se debruçar, por meio de uma linguagem paradoxal, sobre a construção de conceitos duracionais tenta manter o seu leitor em uma imagem fluida das durações, por meio de uma narrativa, de uma “quase-intriga” que foge da cristalização conceitual e das durações como se fossem caixas estanques ou, até mesmo, em espaços imóveis como tratamos anteriormente. Este vai e vem das metáforas de Bergson, a busca por essa incompletude na produção linguística do movimento, é um aspecto fundamental para compreender o conceito duracional do filósofo. A metáfora da articulação do elástico, citada anteriormente é um bom exemplo. Vejamos outra destacada alegoria que explicita essa incompletude necessária na linguagem bergsoniana da duração. A do espectro de mil cores.

Seria preciso, pois, evocar a imagem de um espectro com mil nuances, com degradações insensíveis que fazem com que passemos de um tom a outro. Uma corrente de sentimento que atravessaria o espectro tingindo-se, de cada vez, com cada uma das nuances, experimentaria mudanças graduais, cada uma anunciando a seguinte e resumindo nela as que a precedem. Ainda as nuances sucessivas do espectro permaneceriam sempre exteriores umas às outras. Elas se justapõem. Elas ocupam espaço. Ao contrário, o que é duração pura exclui toda ideia de justaposição, de exterioridade recíproca e de extensão. (BERGSON, 1984, p.16)

Ao construir uma imagem de gradação de uma variedade de cores Bergson propõe uma ideia de sucessão das nuances em relação às matizes que apesar de formarem um todo, um englobamento indecifrável, nos aparecem, nos é percebido por meio de uma sucessão exterior e pressupõe uma justaposição, isto é, o filósofo observa a espacialização que fazemos ao observarmos as matizes.

Escolhendo imagens tão disparatadas quanto possível, impediremos que qualquer dentre elas venha usurpar o lugar da intuição que ela está encarregada de evocar, pois, neste caso, ela seria imediatamente expulsa por suas rivais. Fazendo com que todas exijam de nosso espírito, apesar de suas diferenças de aspecto, a mesma espécie de atenção e, de alguma forma, o mesmo grau de tensão, acostumaremos pouco a pouco a consciência a uma disposição bem particular e bem determinada, precisamente aquela que deverá adotar para aparecer a si mesma sem véu. Mas ainda será preciso que ela consinta neste esforço. Pois nada lhe teremos mostrado. (BERGSON, 1984, p.17)

Contudo, mais importante do que a linguagem e as imagens utilizadas propriamente é o jogo realizado pelas imagens construídas pelo filósofo, uma representação não única, mas difusa que mostra a relação entre a multiplicidade e a unidade duracional. A ideia não é consolidar uma única imagem prevalente que seja referência, pelo contrário, é destacar a indistinta forma das imagens para que não se sobressaiam à própria sugestão intuitiva da duração. Evidente que encontraremos

diferenças entre a linguagem e a forma de expressão entre Bergson e Braudel, contudo a forma como constroem as metáforas e paradoxos, como elaboram suas imagens do conhecimento, do pensamento e, sobretudo, como se esforçam linguisticamente para se debruçarem acerca da duração e da dialética que envolve o processo duracional apresentam semelhanças conceitualmente ricas e muito identificáveis. Há grande afinidade argumentativa linguística, esforço poético na construção de imagens vivas e que privilegiam movimento ao tratarem da duração, do processo histórico ou até mesmo da relação com o conhecimento. A duração está presente não só enquanto objeto conceitual, mas também enquanto fio condutor linguístico estético e epistemológico na produção destes dois autores.

III- IMPACTOS DO CONCEITO DE DURAÇÃO: REFLEXOS DA PERCEPÇÃO TEMPORAL DE BRAUDEL EM OUTROS CAMPOS DO CONHECIMENTO

3.1 DO CONTEXTO DA PLURALIDADE BRAUDEIANA

Ao tratarmos de Fernand Braudel estamos nos referindo a um dos historiadores mais importantes e, sobretudo mais impactantes nas ciências humanas. Braudel representa uma guinada não só na historiografia, mas na relação da história com a sociologia, geografia e com a antropologia. A escrita de Braudel possui diálogos, por vezes visíveis e outras tantas vezes invisíveis, com a química, a física e a matemática, além de outros campos do conhecimento que, de alguma forma, foram impactados pela sua concepção duracional. No presente capítulo trataremos, então, dos impactos da conceitualização duracional do historiador francês em diferentes áreas e campos do conhecimento, mostrando como a concepção que estudamos aqui foi relevante e continua sendo, como elemento motivador de debate entre outras áreas do pensamento humano, além da história.

A produção historiográfica de Fernand Braudel é permeada, desde sua ascensão na academia, por influências de outros campos do saber. Uma das influências mais perceptíveis é do materialismo histórico de Karl Marx. Nesse sentido, as obras braudelianas possuem conceitos tais como modo de produção e luta de classes. O historiador parte para compreensão dos processos históricos duracionais carregado de ferramentas sociológicas muito claras. A aproximação de Braudel com o pensamento de Marx e o materialismo histórico em si não o torna necessariamente um marxista, contudo notamos que no contexto intelectual do historiador há ações opostas aos critérios convencionais de análise da realidade material. Para Aguirre Rojas:

O conceito plural das “civilizações” humanas, sua valorização radical do papel efetivo dos elementos da base geográfico-natural, sua singular aproximação ao capitalismo moderno, a partir das esferas cotidianas da civilização material, ou sua visão herética e em ruptura, com relação à

configuração específica da episteme vigente das ciências sociais do século XX. Todas essas teses, em diversos níveis, colocam-se para além das concepções tradicionais da velha cultura dominante europeia anterior à primeira guerra mundial. Em terceiro, Fernand Braudel foi também um homem que preencheu sua existência com experiências fortemente contrastadas. Passou de um extremo a outro das posições sociais e viveu algumas experiências limite e certos choques existenciais, que foram configurando suas concepções de historiador e toda sua personalidade intelectual em geral. (ROJAS, 2013, p. 11)

Estas absorções teóricas orientaram um caráter intelectualmente destacado, um esforço de superação da compreensão conceitual da realidade e da história por meio do estabelecimento de nexos teóricos que cultivaram um arcabouço interdisciplinar nas ciências humanas. No tocante a este aspecto, Rojas evidencia que:

Depois da infância camponesa, Braudel viveu a experiência da capital cosmopolita e tão genuinamente francesa que é a cidade de Paris. Passando da temporalidade lenta e quase imóvel da pequena aldeia ao ritmo vertiginoso e acelerado do tempo urbano parisiense, e dessa cultura fronteira e múltipla da Lorena norte-oriental para a cultura cosmopolita da “cidade luz”, Braudel foi conformando lentamente os traços de seu singular perfil intelectual (ROJAS, 2013, p. 11)

O seu desenvolvimento intelectual preserva ainda um diálogo constante com a história econômica, o que permite Braudel conviver em um ambiente teórico repleto de discussões com a sociologia, com a antropologia e demais ciências sociais. Mesmo não concordando necessariamente com os conceitos e quadros teóricos desses campos de saber, respira criticamente e participa das discussões. Segundo D’Assunção:

Entre os historiadores com os quais Braudel conviveu nos seus anos formativos e antes da integração aos Annales, precisamos lembrar ainda o nome de Henri Hauser (1866- 1946), historiador e economista que participou da fundação dos primeiros Annales, e que, tal como Braudel, especializara-se no estudo do século XVI e na análise da modernidade capitalista, de modo mais geral. A este ambiente teórico une-se o diálogo com as ciências sociais: um diálogo ao mesmo tempo crítico e assimilativo, tenso e atento, entusiasmado e cuidadoso. (BARROS, 2002, p.4)

Aguirre Rojas destaca ainda que as influências sofridas por Braudel nunca transcorriam de forma direta em seu pensamento, mas traduzia da sua forma as ideias e as adaptava ao seu pensamento resignificando-os para utilizá-los em uma construção conceitual própria. Sobre a influência de Marx no pensamento de Braudel, Rojas explica:

Isso não significa que Braudel tenha se convertido marxista. Ao contrário. Melhor seria dizer que Braudel “braudeliza” os ensinamentos de Marx, os refuncionaliza e readapta, os traduz para o seu próprio modo de ver, para incorporá-los ao seu esquema, então em vias de construção, sobre sua peculiar e interessante teoria do capitalismo [...] Trata-se de um processo geral que Braudel realiza com tudo aquilo que estuda. (ROJAS,2000,p.68)

Por estar inserido no contexto de discussões sociológicas e antropológicas Braudel travou diversos debates com pensadores destes campos das humanidades. Evidente que existe uma carga política em muitos desses debates, se entendermos o processo de legitimação que as ciências sociais, como um todo, passavam naquele período. Devemos nos atentar que durante o período de consolidação do historiador ocorria uma expansão dos estudos econômicos, estimulados, sobretudo, pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, o contexto exigia que o campo da história se apresentasse de forma mais dinâmica nas análises da sociedade, como deixa claro José D'Assunção Barros:

Quando se busca historiar o movimento dos Annales, considera-se habitualmente como uma conturbada transição o período situado entre 1940 e o final da Segunda Guerra, e situa-se a “segunda fase dos Annales”, propriamente dita, entre os anos de 1946 e de 1969, incluindo o ‘primeiro ato’ em que Lucien Febvre consolida institucionalmente o grupo projetando o sucesso definitivo da Revista dos Annales e fundando a VI seção da École des Hautes Études. Quando se fala em “gerações dos Annales”, por outro lado, temos que considerar que Marc Bloch e Febvre constituíram a primeira geração, e que Braudel já será o grande nome da segunda geração. Trata-se de um novo momento, e de uma nova configuração para possíveis articulações. O contexto geral é o de uma expansão econômica, à qual muitos economistas do futuro referir-se-iam como “anos de ouro”. As ciências sociais conhecem nesta época um novo impulso. (BARROS, 2002, p.2)

Nesse sentido, vários conceitos e noções por meio dos diálogos com a sociologia, sobretudo, foram estabelecidos pelo historiador francês que ampliava o relacionamento conceitual da história através do embate epistemológico e político da legitimação do ofício da história, assim como outras ciências e campos do conhecimento, já que desejava ampliar o leque metodológico do fazer historiográfico. É nesse contexto que devemos compreender o papel de Fernand Braudel como representante da segunda geração dos *Annales* e um dos maiores responsáveis pela construção de articulações no campo da historiografia. Seja na história econômica, serial, com a antropologia, ou com as outras diversas áreas das humanidades. Além da sociologia e da economia, a geografia será de suma importância para o historiador francês. O contato de Braudel com a geografia é fulcral no processo de formação de seu conceito de duração. Numa dialética estrutural, as perspectivas de duração e percepções estarão presentes de modo a evidenciar o processo histórico. Sobre isso, uma importante referência para Braudel foram os estudos e produções de Vidal de La Blache. Conhecido pela inserção do tempo para o pensamento geográfico, o geógrafo foi fonte de inspiração para Braudel em diversas produções, principalmente, em *O Mediterrâneo*, o que veremos mais a frente ao tratarmos dos diálogos de Braudel com a geografia, a noção de geo-história e as permanências do

conceito de duração do historiador no campo da geografia (LIRA, 2014, p.9)

Nesse contexto, Braudel está próximo de uma influência importante em seus escritos e na sua relação com os demais campos das ciências humanas, Henri Hauser, foi um dos responsáveis por fazer Braudel entrar em contato com o mundo da história econômica. Para o historiador Aguirre Rojas esse contato com Hauser produz uma quebra, há uma ruptura de um historiador tradicional para um historiador do novo.

Fernand Braudel é, no momento em que publica seu primeiro artigo em 1928, um historiador predominantemente tradicional.(...) o Congresso de Ciências Históricas realizado em Argel, em 1930. Ali Braudel é apresentado a Henri Hauser – então já membro do Comité de Redação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* –com o qual estabelece um contato essencial que haverá de mostrar-lhe as novas rotas pelas quais transita então a mais inovadora historiografia francesa da época, e que vão justamente nesse sentido de limpar o terreno e incorporar, renovando-a internamente, o novo ramo dos estudos de história econômica dentro do campo maior das ciências históricas. (ROJAS,2000,p.293)

Temos em Braudel, portanto, um historiador forjado através dos longos debates com a sociologia e da economia. O contexto histórico, nesse seguimento, nos ajuda a compreender os movimentos e as influências que o historiador sofreu e utilizou para “braudelizar” os seus conceitos e utilizará para construir o seu conceito de duração que permeará essas mesmas áreas articuladas. Este termo, braudelizar, cunhado por Rojas se refere a um processo abrangente que Braudel realiza com tudo que estuda. Todas as referências e todos os autores que influenciaram intelectualmente de uma forma relevante na perspectiva braudeliana . Rojas destaca alguns destes autores: Marc Bloch, mas igualmente Pirenne, Hauser, Marx, Sombart, Vidal de la Blache, Febvre, etc., o fizeram apenas através deste processo de “tradução”⁴⁴. A conjuntura do entre guerras, para Rojas, estabelece um ambiente cultural, político e intelectual. Nesse sentido, Fernand Braudel se torna um pesquisador munido destas contestações culturais e as utiliza na elaboração de conceitos interdisciplinares.

O jovem Braudel irá crescer nesta conjuntura cultural do entre guerras, marcada pela profunda e radical crise da consciência europeia moderna. Nessa época, ele se autodefine como um “estudante de esquerda” e, sob o impacto de todas estas influências culturais contestatórias, passa a elaborar lentamente uma perspectiva que, mais adiante, procura extrair todas as consequências intelectuais dessa crise singular da razão europeia. Não são alheias a essa atmosfera dos anos 20 e 30, todas as teses desenvolvidas por Braudel, ao longo de sua vida.

Um de seus objetos privilegiados de estudo não é mais a velha Europa típica da concepção eurocêntrica, mas antes o mar Mediterrâneo,

⁴⁴ (Cf. ROJAS,2000,p.68)

promovido, na concepção braudeliana, à condição de novo “centro” do mundo e da história universal. Vem daquele quadrante, igualmente, sua heterodoxa concepção do tempo e da duração, que, longe da visão moderna e burguesa da temporalidade, se converte em Braudel na nova e original teoria das diferentes temporalidades ou durações históricas. (ROJAS,2013,p11)

A heterodoxia nas concepções de Fernand Braudel é também, desse modo, um reflexo desta tentativa de responder à visão burguesa e moderna de temporalidade e às perspectivas tradicionais até os anos 20 e 30. Este empenho consolidará uma perspectiva historiográfica que permeará as ciências sociais, esta interação entre as ciências humanas na produção do conhecimento será elemento marcante da segunda geração dos *Annales*.

Diante de tais interrogações, a Europa gerou uma conjuntura no entreguerras que, no plano da cultura, se caracteriza pela multiplicação e o florescimento de diversas reflexões de signo crítico. Estas buscavam reproblematicar as diferentes expressões da razão europeia e criaram uma atmosfera cultural de uma riqueza, densidade e complexidade excepcional. É o tempo dourado da psicanálise freudiana, da Viena de Wittgenstein, do marxismo gramsciano ou dos *Annales d’Histoire Economique et Sociale*, dos grandes debates da antropologia inglesa, dos círculos *linguísticos* de Moscou, Viena, Praga e da escola de Frankfurt. (ROJAS,2013,p10)

É necessário ressaltar, ao falar sobre as influências na formação do pensamento de Braudel, que o historiador não foi conduzido tal qual um aprendiz por seus grandes mestres. É inequívoca a importância dos autores já referendados acima, o que destacamos é o modo com que Braudel absorveu as ideias destes intelectuais sem torna-se apenas um reproduzidor de suas ideias.

Nunca houve grandes “mestres”, no sentido clássico do termo, que lhe passassem como herança a esperada cátedra em qualquer tema, após tê-lo como assistente. Ao contrário, se Braudel teve fortes e importantes influências intelectuais – como as de Marc Bloch ou Henri Pirenne –, não teve, por outro lado, nem “padrinhos” nem tutores verdadeiramente relevantes. O que não é desmentido, inclusive, pelo próprio vínculo tão próximo e fraterno que mantivera com Lucien Febvre a partir de 1937 – ao ponto de se apresentar como uma espécie de “filho” de Febvre –, vínculo que mantém-se, do ponto de vista intelectual, mais de diálogo e mútuo apoio e intercâmbio intelectual do que de um eventual aprendizado acadêmico de mestre para aluno. (ROJAS,2013,p16)

Não era, de modo algum, um pupilo que pincelava por cima de quadros de conteúdos anteriormente desenhados. Os autores que contribuíram para a composição de Fernand Braudel apresentavam-se com diálogos teóricos, sem a pretensão de uma “benção” acadêmica a ser recebida. Demonstrando as forças conjunturais que promoveram uma leitura plural da realidade por parte de Braudel, passemos então a apresentar os aspectos

interdisciplinares na obra Braudeliana, aqui com ênfase em suas conexões com a geografia, a sociologia e a antropologia. Fazemos uma breve apresentação sobre esta história “atravessada” reclamada pelo historiador francês.

3.2 INTERDISCIPLINARIDADE EM BRAUDEL

A interdisciplinaridade é um conceito heterodoxo, contudo possuidor de uma ideia central bastante difundida nas diversas áreas da produção do conhecimento. Para Hilton Japiassu a interdisciplinaridade se configura como um movimento intrínseco das disciplinas no correr das práticas pedagógicas com o objetivo de criar uma integração entre elas. (Cf. JAPIASSU, 1976,p.82). Para além desta integração, a construção de relações nos movimentos do conhecimento é o aspecto mais caro ao conceito em si, uma forma de aprendizado entre disciplinas, desenvolvendo uma capacidade de entendimento dialogável da compreensão dos diversos modos de expressão da realidade. Nas palavras de Japiassu:

a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais parece impor-se como uma prática. Em primeiro lugar, aparece como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gasto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos. Enquanto prática individual, a interdisciplinaridade não pode ser aprendida, apenas exercida. (JAPIASSU, 1976,p.82)

Nesta perspectiva, o espírito historiográfico braudeliano se identifica como interdisciplinar, denota o movimento do diálogo com diversas áreas do saber como uma forma de compreensão mais complexa, objetiva e fluída da realidade histórica. Rojas ao tratar da pretensão de Braudel no campo da história acentua o papel do historiador que:

Advogando pela construção de uma “linguagem comum” para as ciências sociais e procurando aprofundar o diálogo da história com a economia, a geografia, a sociologia e a antropologia da época, Braudel pretendia, no fundo, implodir com aquela configuração epistêmica segmentada em inúmeros domínios ou disciplinas, para voltar-se à “unidade profunda” originária de todo o conjunto das diversas “ciências sociais” contemporâneas. (ROJAS,2013, p.17)

Uma das questões mais debatidas na obra de Braudel se relaciona diretamente como o prisma interdisciplinar, diz respeito a uma história de caráter global. Quando dizemos “história global” não estamos falando de uma pretensa história geral, universal ou qualquer relação com um conhecimento de toda a história, e sim de um horizonte globalidade das distintas realidades. Uma busca pela aproximação de temas e objetos capazes de ultrapassar as dimensões mais restritas do saber. Rojas esclarece o sentido

global no pensamento de Braudel:

A história global não pode ser confundida com a simples e impossível exigência de uma erudição infinita, nem tampouco com a ideia elementar de uma “preocupação com o todo”, sem ordem nem sentido alguns. Porque a história global não é história geral não é também história universal. Por isso, fazer história, partindo de um horizonte globalizante, não significa conhecer e estudar “toda” a história da humanidade, das origens até a atualidade, dominando todos os povos e espaços do planeta, considerados desde todos os diversos níveis constitutivos do social. Nem tampouco implica estudar qualquer problema histórico, para então ir adicionando, sem ordem nem concerto, fatos e realidades diversos, distantes e agregados ao ponto de partida, apenas de acordo com o puro azar da livre associação. (ROJAS,2013,p.27)

A busca de Braudel para elaborar uma história para além dos limites teóricos tradicionais salienta uma visão crítica do conhecimento, no sentido em que constrói uma teia historiográfica interdisciplinar. Para Japiassu, este esforço é um reflexo de uma insatisfação com o saber fragmentado. (Cf. JAPIASSU, 1976,p.83) Podemos perceber, de forma clara, como o espírito interdisciplinar de Braudel foi identificado por Hilton Japiassu , para explicar o processo de superar as dimensões especializadas das disciplinas harmoniza-se com a compreensão de Rojas sobre o horizonte globalizante da história braudeliana. Vejamos o esclarecimento de Japiassu acerca do “espírito” da interdisciplinaridade:

Mas é ilusório pensar que uma lei ou medidas administrativas possam colocar um paradeiro a hábitos tão arraigados e a estruturas mentais solidamente estabelecidas. Donde a necessidade de se criar instituições dotadas de estruturas flexíveis capazes de absorver conteúdos novos e integrar-se em função dos verdadeiros problemas. E de adotar métodos fundados, não em táticas e estratégias de distribuição dos conhecimentos estocados, mas no exercício de aptidões intelectuais e de faculdades psicológicas voltadas para a busca do novo. Mas nada será feito de durável se não estiver fundado na adesão apaixonada de alguns e em experiências inovadoras desempenhando o papel de catalisadores e núcleos de inovação. Mas como o interdisciplinar constitui um fator de transformação capaz de restituir vida às nossas esclerosadas instituições de ensino. (JAPIASSU, 2006,p.6-7)

Mais do que um simples elemento presente na escrita braudeliana, o horizonte de uma história globalizante é fulcral para a composição de sua dialética duracional e também chave interpretativa de toda sua obra. Existe neste chamado horizonte um duplo movimento entre parte e todo na elaboração da produção conhecimento, isto implica em uma construção coletiva entre diversas áreas do saber.

Chave geral da obra de Fernand Braudel diz respeito à sua constante reivindicação de uma história verdadeiramente global. Braudel perseguia um horizonte de aproximação dos distintos temas e objetos capazes de manter o espírito totalizante ou globalizante, presente nos melhores autores das mais variadas tradições do conhecimento histórico. (...) A realidade social não existe, objetivamente, como um conjunto claramente fragmentado e diferenciado de distintos níveis, períodos, atividades, espaços ou ordens de fenômenos, senão o contrário disso: como uma clara e complexa unidade ou totalidade em movimento. Tal unidade e globalidade do real exige uma visão também global da história e da sociedade. Ao abordarmos um problema histórico qualquer, vemos que ele se vincula a certos aspectos do passado e a determinadas implicações futuras, mas também aos espaços ou âmbitos particulares que envolvem e sobredeterminam as coordenadas geográficas precisas, assim como a vários níveis ou ordens de fenômenos que nelas se sintetizam e ganham expressão. (ROJAS,2013,p.28)

Fernand Braudel desenvolve seu conceito de duração em uma perspectiva de superação de determinações ou marcos disciplinares. O historiador questiona os limites epistemológicos das ciências sociais ao pensar o devir histórico como inserido em uma espécie de história das sociedades, privilegiando as ações do homem como elemento de unidade entre os diferentes campos das ciências sociais.

A história global reivindica, ainda, o reconhecimento dos limites estreitos da episteme, hoje dominante dentro das ciências sociais. Esta pretende quadricular, segmentar e autonomizar as distintas partes ou esferas do social, encerrando seu tratamento e análise dentro das rígidas fronteiras disciplinares (da economia, da ciência política, da psicologia, da antropologia ou da história, etc.). Tal atitude epistemológica resulta na especialização e na desarticulação das ciências, que apenas conseguem dar conta parcialmente de um desses pequenos microcosmos da realidade social. (ROJAS,2013,p.29)

As diferenças entre as ciências sociais, para Braudel, não estão no objeto e sim nos lugares de onde cada uma das disciplinas observa as ações do homem na existência. Postulado fundamental para uma nova dinâmica da produção do conhecimento, nesse sentido, não só, mas também histórico. A interdisciplinaridade braudeliiana, dessa forma, uma contrapartida a uma visão estanque e apenas microssomática da realidade. Cabe ressaltar, que o empreendimento da “história global” de Braudel não incorre no erro de uma história geral, pois ela não pretende abranger a totalidade, o esforço do historiador é de não ilhar os objetos ou problemas, pois todos estes fazem parte da história e da sociedade e, e justamente por isso, devem ser analisados e interpretados a partir de uma leitura que conecte os aspectos parciais das disciplinas, conservando nesta leitura um entendimento de unidade histórico social. Ao analisarmos este movimento percebemos a clareza com

que Braudel elabora seu arcabouço conceitual. Seus termos, palavras, conceitos e alegorias estão sempre inseridos em uma prática fluente entre as idiossincrasias epistêmicas e uma contextualização histórica dos problemas estudados, demonstrando no próprio exercício teórico a presença de uma dialética duracional. Nas palavras de Rojas:

Portanto, fazer história global implica descobrir aquela totalidade menor que envolve tal ou qual tema ou objeto particular, explicitando os vínculos entre o problema estudado com essa totalidade. Implica, também, guardar a vinculação dessa totalidade menor com a totalidade maior, permanecendo sempre atento às linhas que cruzam o objeto de análise com a história integral dos homens. (ROJAS,2013, p.30)

É pertinente, tendo isto vista, afirmar que Braudel não só busca a interdisciplinaridade como horizonte político e acadêmico entre as disciplinas das ciências sociais, mas, além disso, produz um sentido teórico interdisciplinar em sua obra e pensamento. Por consequência, os seus conceitos, e entre eles o de duração, são concebidos neste mesmo espírito. Deste modo, podemos verificar uma substancialidade interdisciplinar em todas as obras do autor. Rojas sobre isto salienta que:

Braudel fez essa operação em todas suas obras. Por exemplo, em seu livro sobre O Mediterrâneo o período do reinado de Felipe II remete necessariamente ao marco mais amplo do “longo século XVI”, que se estende de 1450 a 1650 na Europa. Na análise d’O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico, este se desdobra geograficamente por todo o espaço europeu até a zona do Magreb e o Oriente Próximo, desembocando no Mediterrâneo, e desses amplos espaços até o velho mundo. Daí estende-se ainda por todo o espaço atlântico-americano, para onde se “prolonga” o Mediterrâneo durante o longo século XVI. Um último exemplo dessa visão da história global em Braudel pode ser indicado na sua descoberta de uma estrutura milenar de longa duração, característica do ciclo de relações entre os vales e as montanhas, na transumância dos montanheses do século XVI. Deste modo, ao situar seus distintos problemas dentro das perspectivas da história global, compreendida nesta dupla dimensão, Fernand Braudel se exercitou constantemente, ao longo de sua trajetória intelectual, no desenvolvimento e exemplificação da história globalizante. Assim como toda a obra de Braudel remete à busca das distintas estruturas da longa duração na história, assim também toda ela pode ser concebida como um conjunto de distintos exercícios de história global. (ROJAS,2013,p.30)

Peça fundamental para uma substancialidade interdisciplinar de Braudel e a perspectiva de uma história crítica é a elaboração de uma história globalizante com o valor do método. Um dos elementos mais importantes em sua concepção teórica interdisciplinar é a fuga de incorporações pontuais, ou seja, apenas apropriações de determinados conceitos ou noções de campos do saber para outros, como uma importação momentânea. Segundo José D’Assunção Barros, é necessário produzir discursos e conceitos interdisciplinares, e

ênfatizar que no campo historiográfico estes discursos devem ocorrer de forma crítica e analítica. Para ele:

A reapropriação conceitual entre disciplinas é bastante comum. Para evocar o exemplo da disciplina História, é oportuno considerar que este é um campo de saber que não cessa de renovar e enriquecer o seu próprio vocabulário a partir do vocabulário conceitual trazido de outras disciplinas. Ao lado disso, considerando que entre os objetivos da História inclui-se a produção de textos expressivos – inclusive dotados de uma dimensão esttica e literária (o texto final do historiador que pretende apresentar os resultados finais da pesquisa em forma de uma narrativa crítica e analítica) –  evidente que campos como o da Literatura podem e devem contribuir diretamente para uma renovação do discurso da História. Agora já não falamos apenas da incorporação de conceitos, mas da assimilação de novos estilos e recursos expressivos. O historiador, enfim, produz um gnero literário específico que é o texto historiográfico. (BARROS, 2020, p. 429)

Nesse sentido, o historiador francês se aproxima desta produção discursiva interdisciplinar crítica, apresentada por D’Assunção, haja vista que, sua obra e seu pensamento se inserem em uma compreensão contracorrente das tradições do pensamento dominante.⁴⁵ A criticidade de Braudel é um traço de um homem das margens disciplinares, um homem das fronteiras do conhecimento como assinala Rojas:

Como já havíamos assinalado antes, Braudel tem a marca de “homem de fronteira”, de “homem das margens”, em sua formação. Além disso, realizou suas primeiras experiências e construiu suas visões de mundo dentro da atmosfera contracultural excepcional do período do entre guerras. Tudo isso o levou quase espontaneamente a desenvolver o hábito do raciocínio crítico, que depois o cultivava conscientemente ao longo de toda sua aventura intelectual. (ROJAS,2013,p.31)

Por esta perspectiva,  possível conceber que o pensamento interdisciplinar de Braudel concilia-se com a compreensão daquilo que D’Assunção denomina “ponte interdisciplinar”, pois produz discursos e conceitos que estabelecem diálogos a partir de temas compartilhados, promovendo um entrecruzamento teórico entre os campos do saber.⁴⁶ Temos em Braudel, dessa maneira, uma originalidade teórica, levada a cabo não pelo ineditismo temático, mas justamente pela capacidade de compor um estudo pautado em expressões de um conjunto das chamadas ciências sociais. Cabe ressaltar, que apesar do evidente enfoque do historiador nesta grande área, existem pontes interdisciplinares que suscitam campos tradicionalmente mais “distantes” da história, como a química e a matemática.

⁴⁵ Cf.ROJAS,2013,p31

⁴⁶ Cf.BARROS,2020,p.428

Neste contexto, um traço da escrita braudeliana que se coloca em uma perspectiva interdisciplinar é o esforço em apresentar uma visão não linear das interpretações acerca da história e das ações humanas. Isto ocorre de forma a combater os sentidos disciplinares encastelados em razão de uma segregação do conhecimento, o que leva a falsas contradições entre os campos do saber. O historiador tece em seu caminho intelectual “aproximações interdisciplinares” que visam superar explicações consagradas da tradição historiográfica.⁴⁷ Nesse sentido, esta característica de entrecruzamento das análises historiográficas se apresenta como uma ruptura com as visões reducionistas da história e das sociedades ao mesmo tempo em que solicita uma aproximação com outras disciplinas das ciências sociais. Braudel encoraja e preconiza um novo conhecimento social mais rico e complexo, dialogável em suas análises da realidade. Ao analisar a identidade francesa, por exemplo, a criticidade interdisciplinar de Fernand Braudel evidencia o empenho em uma transformação de uma historiografia axiomática e parcial em suas fortalezas conceituais, como exemplo, a procura por um tipo de “língua franca” das ciências sociais ao ler os movimentos do real. Vejamos como Rojas nos apresenta esta questão:

O mesmo vale para a questão da identidade francesa, que Braudel projetava responder também diversamente, a partir da geografia, da demografia, da economia, da sociologia, da ciência política e da psicologia. Em sua opinião, qualquer resposta pretensamente conclusiva, colocando-se apenas num dos estratos mencionados, estava fatalmente condenada a ser parcial e, portanto, errônea. Braudel desconfia das soluções fáceis para os problemas históricos e advoga pela restituição de toda sua complexidade, para construir sua história crítica. (ROJAS,2013,p.35)

A preocupação de Fernand Braudel com as interações com os demais campos do saber não é apenas um recurso ou ferramenta do historiador, mas, a própria essência de sua escrita da história. Seu fazer historiográfico crítico está tão intimamente atrelado a estas interações ao ponto de se tornarem mais do que interações, nessa perspectiva, é indissociável o conteúdo de outros campos do saber social na produção de Braudel. Devemos ressaltar que, em algum momento, o esforço interdisciplinar de Braudel, ao construir pontes com outros campos do conhecimento, se torna para o historiador uma tentativa de não mais se utilizar dos conceitos interdisciplinares, multidisciplinares ou pluridisciplinares e sim, de uma ideia unidisciplinar.

⁴⁷ Cf. ROJAS, 2013, p.35. Rojas apresenta estas aproximações como uma forma de constituição de uma histórica crítica e contra hegemônica por Braudel. Nas palavras de Rojas: com isso, Braudel promove múltiplas “micro-revoluções” historiográficas em seu caminho intelectual. Nelas, vai superando as explicações consagradas dos distintos temas da tradição historiográfica, para colocar no lugar de tais evidências superadas suas novas hipóteses e linhas explicativas.

Braudel questionou abertamente, ao longo da vida, uma série de pontos dentro das ciências humanas: (...) Fernand Braudel aponta antes para a construção de um novo horizonte epistemológico, que Immanuel Wallerstein chamou de “unidisciplinar”, e que transcende os marcos limitados e estreitos dessa episteme disciplinar, inserida atualmente numa irreversível e definitiva crise. Tal horizonte unidisciplinar seria, ademais, qualitativamente diferente da simples “inter/pluri/trans/multi” disciplinaridade. Ao mesmo tempo em que denuncia e critica os limites das ciências sociais atuais, Braudel recusa (...) a episteme vigente por meio da “interdisciplinaridade” (ROJAS,2013,p.63)

Isto não significa, de modo algum, que Braudel não seja, em uma análise rigorosa historiográfica, um historiador interdisciplinar ou que não construiu ou não desejava construir estas mesmas pontes às quais se referem José D’Assunção, mas que em certa perspectiva, acreditou que essa relação fosse formal e engessada demais. Apesar disso, podemos perceber, segundo Rojas, que esta tentativa unidisciplinar não logrou êxito.

Porém, afirmar e defender esta nova forma de aproximação do social, que implica necessariamente a construção de uma nova episteme para o conhecimento do histórico-social, nos leva a questionar o próprio ensinamento contemporâneo destes conhecimentos, a indagar sobre as formas de transmissão e aprendizagem desse saber, de que são depositárias as ciências sociais atuais. (...) o que o motivou a promover iniciativas como a da fundação de uma nova “Faculdade de Ciências Sociais”, ou a redação de um manual de ampla divulgação de uma “Introdução às ciências sociais”. Ainda que ambas iniciativas não tivessem êxito – pois o projeto não concretizado dessa nova faculdade resultou na fundação da atual Maison des Sciences de l’Homme, enquanto que o mencionado manual não foi jamais escrito – esse fracasso não elimina o fato de que, na perspectiva de Braudel, a “reestruturação de conjunto das ciências do homem”. (ROJAS,2013,p.64)

Braudel, deve se dizer, apesar de questionar em algum sentido a interdisciplinaridade, nem mesmo formulou esta “unidisciplinaridade”, termo este desenvolvido por meio da análise de Immanuel Wallerstein. É necessário reconhecer, dentro deste contexto, que as pretensões unidisciplinares de Braudel se mostraram mais próximas da interdisciplinaridade, até mesmo pelos elementos constitutivos.⁴⁸ Funcionavam e funcionaram bem como até hoje impactam a relação da história com os outros campos sociais, assim como em toda a segunda geração da escola dos Anales. Mas a noção de “nenhuma ponte” e sim uma ciência social, sem rastro ou traço não se tornou uma relação completamente translúcida, e não há demérito nenhum nesta tentativa, porém é

⁴⁸ ROJAS,2013,p 66

incontornável de que o próprio Braudel lida de forma integrada e fluída, mas não disconjuntiva com as disciplinas.

3.3 A DURAÇÃO BRAUDELIANA , A SOCIOLOGIA E A ANTROPOLOGIA

É importante frisarmos que a relação de Braudel com a sociologia e a antropologia nem sempre foi interpretada de maneira positiva pelos pares de Fernand Braudel ou por nomes relevantes de outros domínios, sobretudo, das respectivas áreas. As ciências econômicas e a geografia, de certa maneira, podem ser entendidas como campos com menos resistências aos diálogos interdisciplinares no pensamento e na escrita do historiador francês. Segundo D'Assunção isto se dá de forma clara quando Braudel se opõe a um dos campos da sociologia, a micro-sociologia política. O debate se desenvolveu com seu criador, Georges Gurvitch. Gurvitch pensa tal qual Braudel em diferentes tempos sociais, contudo, apresenta em última análise uma perspectiva imóvel dos tempos que aceitaria uma efemeridade política. A crítica de Braudel é sobre a falta de relações entre esses tempos, não existem escalas ou permanências e isto torna esta descontinuidade um paradoxo e não uma relação de multiplicidade unitária. Nas palavras de Fernand Braudel:

As temporalidades de Georges Gurvitch são múltiplas, Ele distingue toda uma série delas: o tempo da longa duração e em 'câmara lenta', o tempo *trompe l'oil* ou tempo surpresa, o tempo das batidas irregulares, o tempo cíclico ou da dança sem sair do lugar, o tempo atrasado em relação a si mesmo, o tempo de alternância entre atraso e adiantamento, o tempo adiantado em relação a si mesmo, o tempo explosivo... Como poderia o historiador se deixar convencer? Com toda essa gama de cores, seria para ele impossível reconstituir a luz branca, unitária, que lhe é indispensável. Ele também percebe rapidamente que este tempo-camaleão marca, sem mais, com um retoque de cor, as categorias anteriormente distinguidas (...) “eles se evadem [da sujeição ao tempo], seja no instante, sempre atual, como que suspenso acima do tempo, seja nos fenômenos de repetição que não pertencem à época alguma; portanto, por meio de um procedimento oposto do espírito, que os limita quer ao mais estrito nível dos acontecimentos, que na duração a mais longa possível” (BRAUDEL, 2011: 118)

O historiador, nesse sentido, batalha pelo reconhecimento de que a sociologia, tal qual a história, deve ser compreendida a partir de perspectivas que compreendam dialeticamente as durações em que se situam seus objetos, a sociedade e as ações humanas. A sociologia passa a conviver com o horizonte globalizante em suas análises. Para Aguirre Rojas:

Finalmente, frente à sociologia, representada na época pelos trabalhos de Georges Gurvitch – com quem Braudel sustentou um diálogo permanente –, nosso autor lutou pelo reconhecimento radical da identidade que ela apresenta com relação à própria história. Avançando a ideia de que ambas as disciplinas reconhecem, como objeto de estudo,

uma mesma realidade, a “sociedade global”, Braudel insiste também na semelhança ou mesmo na identidade de seus objetivos, vocabulário, métodos e limites específicos. Para Braudel, a história e a sociologia são as “únicas ciências globais” da atual episteme, capazes de estender sua curiosidade ao todo social. Por isso, devem partir dessa característica de identidade comum, para promover a urgente “reestruturação do conjunto das ciências do homem”. Isso só poderia ser realizado, segundo Braudel, na medida em que a sociologia abandonasse a artificial e inútil divisão entre “presente” e “passado”, e se comprometesse seriamente na elaboração de teorias, categorias e modelos, que permitissem pensar de maneira científica o “conjunto de conjuntos” que é a “sociedade global”. (ROJAS,2013,p.68)

Contudo, Gurvitch não será o único sociólogo a quem Braudel se opõe em seu empreendimento interdisciplinar. Apesar de ser reconhecido amplamente como antropólogo, Levi-Strauss é sem dúvida uma das grandes referências do pensamento sociológico no seio das ciências sociais. A relação de Braudel com Levi-Strauss é o motor de diversos debates na historiografia. O primordial deles, o que nos interessa aqui, se refere às divergências quanto à consciência sobre o tempo e a limitação analítica das estruturas elementares da antropologia estrutural de Levi-Strauss. (cf . BRAUDEL,2011,p.110)

A oposição entre as concepções de história e de sociedades de Braudel e Levi-Staruss é um reflexo direto do movimento de ampliação da visão historiográfica pensada pelo historiador francês, em concorrência com uma perspectiva limitadora da história. Nesse sentido, o diálogo imposto pelas críticas de Levi-Strauss levaram Fernand Braudel a aguçar sua capacidade de promover uma historiografia das fronteiras, que tivesse em seus conceitos o caráter oposto às limitações da história, sugeridas pelo antropólogo. Acerca desta controvérsia D’Assunção esclarece que :

O ‘salto de tigre’ de Braudel para um novo patamar teórico de discussão das temporalidades históricas produz-se a partir do diálogo que o historiador viu-se pressionado a estabelecer com estas provocações de Lévi-Strauss, e da urgência de tomar posição contra uma nova investida de um cientista social que buscava impor uma leitura limitadora da História, tal como Durkheim tentara fazer na época de Febvre e Bloch. (BARROS, 2012, p.7)

Devemos ressaltar, de toda sorte, que o diálogo de Braudel com Lévi-Strauss teve também absorção teórica por parte do historiador, isto porque a partir das críticas sobreconceitos estruturais do antropólogo, Braudel se desdobra em construir uma episteme das ciências sociais a partir de novas possibilidades antropológicas da realidade. Para D’assunção , este diálogo será o mais tenso dentre todos os outros estabelecidos pelo historiador

francês. A relação com a antropologia é, dessa maneira, o liame de maior enriquecimento as pretensões de Braudel aos novos Annales. É a partir deste debate que se dá a necessidade de se trazer a robustez teórica à dialética duracional, nos explica D' Assunção:

Este campo de saber, na versão da antropologia estrutural Levi-straussiana, representou para Braudel o que a sociologia durkheimiana representou para Bloch e Febvre. A solução de Braudel para opor-se a um e outro dos vários campos de afirmação das ciências sociais de sua época, em especial a Antropologia, foi trazer uma consistência teórica ao que pode ser referido como uma “dialética das durações”²⁰. Em um célebre artigo escrito em 1958 para a Revista dos Annales, mas que passou a integrar a coletânea de artigos publicada em 1969 com o título “Escritos sobre a História”, Braudel discute em maior detalhe a Longa Duração, o próprio conceito de duração, os modos como interagem estes diversos ritmos históricos que poderiam ser referidos como “durações”. (BARROS,2012,p.8)

Por meio deste conflito, Braudel se verá impelido a constituir o tecido rítmico que flui entre as durações como forma de confronto à segmentação e ao reducionismo da antropologia, sobretudo, ao concentrar seu arcabouço conceitual em apenas uma das durações. As críticas sobre as segmentações duracionais, para a micro-sociologia política de Gurvitch, se refere à curta duração, para a antropologia estrutural, a longa duração, e as ciências econômicas, a média duração.⁴⁹ Mais do que explicar as três durações, Braudel propõe que existem nestes campos recortes sem as continuidades necessárias para compreender a realidade de forma conjuntural, portanto, mais complexa e mais objetiva. Para D' Assunção, aqui se desenrolam os elementos do projeto interdisciplinar de Braudel, a procura pela experiência⁵⁰.

A História reaparece aqui, sob a concepção braudeliana e ao abrigo de sua arguta exposição no artigo “A História e as Ciências Sociais: a longa duração” (1958), como a ciência humana mais completa e mais complexa – a única que considera a interação entre estrutura, conjuntura e evento. Expressa-se aqui, com rara clareza, a concepção de Braudel sobre a própria História: uma complexa ciência do geral, orientada por uma abordagem globalizante, que seria capaz de organizar as demais ciências sociais a partir da sua própria centralidade. (BARROS,2012,p.9)

É também, por meio deste debate com a antropologia que Fernand Braudel realiza sua teoria da civilização. Ao criticar os aspectos sistemáticos da antropologia de então, Braudel propõe uma historicização e um redimensionamento das ferramentas e dos métodos pelos quais os objetos da antropologia são analisados. A interpretação ratifica esta percepção ao compreender que:

⁴⁹ BARROS,2013,p.68

⁵⁰ Cf. BARROS,2012,p.9

Ao enfrentar esses temas “clássicos” da antropologia e introduzi-los na história, Braudel elabora ... sua teoria da civilização material. Com ela, demonstra como é possível historicizar e redimensionar de uma maneira globalizante esses temas originalmente pertencentes à antropologia, mas suscetíveis (...) Por isso, frente à antropologia estruturalista de Levi-Strauss, nosso autor propõe uma dupla e combinada estratégia: em primeiro lugar, uma crítica sistemática contra o projeto global desta antropologia, cujos limites de percepção a histórica irá denunciar, como na recorrente crítica braudeliana da clássica distinção de Levi-Strauss entre sociedades “frias” e “quentes”; segundo, um processo também sistemático de recuperação, a partir da história, de certos temas ou problemas descobertos e atualizados por essa mesma antropologia, tais como as formas do mobiliário e o habitat, os hábitos alimentícios e culinários, técnicas e formas de utilização doméstica do espaço, ou até certas formas de construção do próprio território, de organização familiar ou mecanismos de regulação do crescimento demográfico das sociedades. (ROJAS,2013,p.68)

A esta posição de “braudelização” dos objetos da antropologia a partir da crítica à visão de duração estanque de Claude Levi-Strauss, podemos nos referir como uma postura antiestruturalista. Nesse sentido, compreende-se que a antropologia estruturalista força, ao captar elementos da estrutura analisada, e acaba por renunciar suas inter-relações com o todo, excluindo a condição de processo da realidade histórica. Nos esclarece Rojas:

Braudel considera que o estruturalismo é profundamente a-histórico e inclusive anti-histórico, na medida em que, para detectar os distintos elementos da estrutura e suas inter-relações, acaba sacrificando sua dimensão genética ou diacrônica e, com ela, a própria condição processual e humana dessa mesma realidade ou estrutura que busca apreender. Para além de uma visão simplista, mas de certa difusão, que qualifica Fernand Braudel como um pensador “estruturalista”, nosso autor definiu-se mais propriamente em aberta contraposição a esse projeto e, particularmente, frente à linha da antropologia “estrutural”, que foi elaborada e fortemente impulsionada por Claude Levi-Strauss e seus seguidores. (ROJAS,2013,p.91)

Esta postura, para Rojas, é uma posição de duplo movimento intelectual em direção à antropologia. Um desses movimentos é uma oposição às insuficiências e limitações conceituais do estruturalismo vigente na antropologia naquele contexto e, nesta perspectiva, esvaziada de uma dinâmica ou fluir das estruturas. Uma longa duração que não compreende nenhuma outra, por meio de relações, é um hiato sincrônico do movimento da realidade.⁵¹O segundo movimento, a recuperação dos temas clássicos da antropologia como apresentamos.

Em *Civilização Material* (1979) podemos conceber uma leitura braudeliana de resgate a estes temas. Os temas são agora imbuídos de uma mudança primordial, estão

⁵¹ Cf.ROJAS, 2013,p.91

explicados por meio de uma historicizar de vinculação globalizante respondendo a distintas dimensões da realidade e das ações humanas no tempo.

Basta repassar o sumário dos diferentes escritos que Braudel incluiu em seu conceito de “civilização material”, para perceber os temas característicos, atualizados e investigados pela antropologia da primeira metade do século XX. Em *Civilização material*, afloram as temáticas da alimentação, dos mecanismos de reprodução demográfica e de controle do crescimento da população, da técnica, das formas do habitat, do vestuário ou dos diferentes esquemas de organização e colonização do território, tanto urbano como rural. (ROJAS,2013,p.1)

Podemos compreender, da relação de Fernand Braudel com a antropologia e a sociologia, que os debates foram fundamentais para uma nova percepção, mais ampla, destes campos do conhecimento social, bem como fomentaram a solidez do discurso interdisciplinar duracional de Braudel. Evidente que existem diversos ângulos que desprivilegiam as críticas de Braudel as ciências referidas, contudo, é irrevogável o impacto que os conceitos de duração de Braudel e sua inerente interdisciplinaridade.

3.4 A DURAÇÃO DE BRAUDEL E A GEOGRAFIA

Sem dúvida alguma a geografia foi o campo do conhecimento que Braudel mais entrelaçou relações, estas relações foram primordiais na própria compreensão de realidade histórica pensada pelo historiador francês. Para o geógrafo Yves Lacoste, em artigo denominado *Braudel Geógrafo* (1989) no livro *Ler Braudel*, de mesmo ano, Braudel pode ser considerado um verdadeiro geógrafo, para o autor, Fernand Braudel concedeu em suas obras um lugar muito caro à geografia. É fato que a geografia desenvolvida por Braudel é, de forma objetiva, uma geografia histórica. A geografia para Braudel como um meio para conceber de forma aprimorada e mais rica o processo histórico.⁵² Uma das primeiras referências geográficas de Braudel fora Albert Demangeon (1872-1940), por meio dele Braudel estabeleceu contato com um dos nomes mais importantes da geografia, Vidal de la Blache.⁵³ A geografia chamada de “possibilista” de La Blache passa a ser de grande valor às compreensões da realidade, que considera os aspectos físicos dentro de um contextualização de interação com a vida humana, o que a torna, paulatinamente, humanizada.⁵⁴ Nesse sentido, as proposições vanguardistas de Vidal de la Blache harmonizavam-se com as pretensões abrangentes do pensamento braudeliiano. O geógrafo francês propunha um estudo pautado por rigor metodológico e que levasse em conta o movimento dos homens no espaço. Para o

⁵² Cf. LACOSTE, 1989, p.176

⁵³ Cf. BARROS, 2012, p.9

⁵⁴ Cf. BARROS, 2012, p.10

geógrafo Guilherme Ribeiro:

Personagem deveras complexo, em 1891 funda os *Annales de Géographie*, que inspirariam os futuros *Annales* dos historiadores, divulgando um campo de saber diferente do "ideal de contemplação" (...) Entrava em cena uma Geografia de cunho científico que se propunha a investigar a ação humana sobre a superfície terrestre. Mas, não terá sido, talvez, o projeto mais difícil de ser realizado dentre a operação de seleção dos objetos levada adiante pelas Ciências Humanas? Ao integrar o Homem, a Natureza e a Cultura, não estaria a Geografia dando um passo vanguardista demais precisamente em um momento de delimitação dos saberes? (RIBEIRO, 2006, p.90)

A partir desta reflexão, nos é permitido identificar determinados aspectos em comum entre as novas maneiras de se pensar geografia e história a partir do começo do século XX. A linguagem comum entre as ciências humanas preconizada por Braudel tem em seus primeiros vocábulos a geografia. A duração braudeliiana, desta forma, deve ser compreendida como construída a partir de uma análise profunda dos aspectos do espaço geográfico e suas interações com os movimentos das sociedades e seus processos históricos. A longa duração, sobretudo, percebe com cuidado o papel da natureza na ação humana sem torná-la imóvel, apreendendo dos estudos da geografia, como se estabelecem e se transformam. Nas palavras de Braudel em *História e Ciências Sociais* (2005):

Colocar os problemas humanos de tal modo que uma geografia humana inteligente os veja dispostos no espaço e, se possível, cartografados: sim, sem dúvida, mas colocá-los não somente no presente e para o presente, colocá-los no passado, torná-los parte do tempo; deslocar a geografia de sua busca das realidades atuais, à qual ela exclusivamente ou quase se aplica, persuadi-la a repensar, com seus métodos e seu espírito, as realidades passadas e, nesse caminho, o que se poderia chamar os futuros da história (BRAUDEL, 2005, p.125)

A longa duração é o reflexo, desse modo, de um pensar que dá ênfase aos atributos geográficos. Ao falar de uma dialética duracional, considera os períodos e as características das vegetações, o clima e as permanências em que se inserem a agência humana. Rotas e caminhos traçados com base no ambiente e suas peculiaridades. Para Guilherme Ribeiro,

Isto fica ainda mais claro quando tomamos o caso do *Mediterrâneo*, uma valorização ímpar das qualidades da geografia na produção do conhecimento histórico, utilizando uma compreensão teórica que incorpora os espaços na conceituação da duração temporal. Um tempo que também é espaço e não somente espacializado. Não é este o caso do *Mediterrâneo*? Um espaço tomado objeto histórico e, assim sendo, sujeito à análise temporal em sua plenitude. Dos climas, das paisagens, das ilhas e do relevo, casados com o homem em suas atividades mais simples (como a subsistência), passando pelas mais complexas (o mar como meio de ligação econômica e palco de disputas políticas, p.ex.);

com Felipe II desalojado do lugar central consagrado aos "grandes nomes" pela História tradicional, trata-se de uma completa inovação no campo da História. Com quase quinhentas páginas, a primeira parte denomina-se *A Influência do Meio Ambiente*, influência esta que resultará na construção de uma história lenta e que demora a passar, explicitando assim uma complexa interação homem-natureza-espço que visava ir além das recorrentes introduções geográficas à História. O espaço mediterrâneo deixa de ser um personagem estático e imutável e passa a ser visto como algo eminentemente histórico, cuja duração Braudel ensinará captar e sublinhar em sua singularidade. (RIBEIRO,2006,p.96)

É necessário atentar-se ao modo como Braudel insere as características físicas do espaço estudado, para alcançar uma história lenta que se dá na longa duração. O historiador não apenas lança os aspectos de forma solta, utiliza de criticidade para então “braudelizar” a geografia, dar a ela contornos cada vez mais conectados à dinâmica das sociedades humanas. Ao apurar os contornos de uma união, iniciados pelos primeiros representantes dos Annales, Fernand Braudel supera as postulações que seus antecessores haviam colocado . A partir de Braudel,

A geografia deixa de ser um fim em si para converter-se em um meio, ajudando a recriar as mais lentas das realidades estruturais, a ver tudo em uma perspectiva segundo o ponto de vista da duração mais larga" e "a descobrir o movimento quase imperceptível da história" (BRAUDEL, 2002, p.27)

A interdisciplinaridade com a geografia ganha com Braudel, uma intimidade até então escassa na historiografia, aqui temos um movimento rumo à chamada geohistória de Braudel. Nessa perspectiva, a influência do pensamento lablachiano, munido de um rigor historiográfico que permite ler o homem como fator, o historiador desenvolverá em seu conceito de duração uma das noções geohistóricas. Larissa Alves de Lira nos esclarece este diálogo:

Percebemos, portanto, que os fundamentos da geografia lablachiana são os mesmos fundamentos da geohistória. Nesta fase da geografia, liderada por La Blache, muita coisa está sendo inovada. Nesta mudança, a necessidade de incluir a natureza, através da chave do ‘meio’, e desenvolver seu conceito, é o que está em jogo para os geógrafos em geral. A lição que Fernand Braudel aceita não é nada mais do que a importância do Meio à história dos homens, um meio com uma forma-conteúdo específico, de obstáculo, de segregação, de diferenciação e unidade, regiões, e que a geografia deve passar a desenvolver esta relação, sob uma ótica específica, a da Unidade da Terra, onde o homem está integrado profundamente e não pode livrar-se dela. (LIRA,2008,p.53)

Ao lermos Fernand Braudel, percebemos que os elementos que norteiam a leitura da

realidade conciliam-se com os pressupostos de La Blache , uma vez que interpretam o espaço não como um dado único , mas uma gama complexa de fatores que envolvem, inclusive, os seres humanos e suas ações. Larissa Lira corrobora esta hipótese, quando ela nos apresenta que:

Para exemplificar, ao falar sobre as montanhas, Braudel e La Blache se colocam a questão, se a verdadeira característica da montanha mediterrânica seria a pobreza ou o escasso povoamento. Neste aspecto, eles respondem da mesma forma : são essencialmente lugares dispersos, de forma a se concluir que as unidades geográficas têm uma propriedade permanente : a possibilidade de circulação entre elas. (LIRA,2008,p.57)

A dialética duracional é, dessa forma, um conceito fundamentalmente geohistórico, uma perspectiva interligada da realidade, interpretando um jogo do tempo, das sociedades e também do espaço. O espaço não é apenas quadro ou cena estática para a vida humana e social, mas é parte relevante da imagem duracional de Braudel. Para a geógrafa Keila Haishida:

A obra de Braudel é um exemplo dessa perspectiva interdisciplinar, pois busca evidenciar que os atributos geográficos constituem a história e esta não deve ser abordada dissociada da ideia de espaço. A geohistória braudeliiana propõe a divisão do tempo histórico em tempo geográfico, tempo social e econômico e tempo individual. Ao propor o estudo das permanências ou da longa duração, ele se mostra visionário ao propor a interação entre o meio, a economia, a sociedade, a cultura, a política e os diversos fenômenos. (HAIASHIDA,2013,p.1112)

Outro ponto importante no movimento braudeliiano em direção à geografia é a busca pela superação de uma história que lê o espaço como um entorno limitador do homem. Existe na escrita do historiador um esforço para tentar romper com esta perspectiva, propondo a longa duração como uma dimensão que exprima a relação permanente do homem com o espaço. As noções de espaço nesta escrita são, notadamente, lablachinas.⁵⁵Esta busca faz parte essencial do empenho de Fernand Braudel em alargar os caminhos da teoria da história. Vejamos como Lira nos esclarece o papel de Vidal de La Blache nestas transformações:

Características físicas e humanas, ou seja, tanto um espaço “natural” como um espaço produzido, são os dois lados da mesma moeda quando colocadas na perspectiva da criação de condições para a circulação rápida ou à lenta circulação, de homens, de ideias, de mercadorias. Braudel ressalva, no entanto, que no século XVI, a dependência do meio físico era mais acentuada. Esta percepção mostra que a concepção do meio como uma dimensão caminha junto com a necessidade de traçar uma evolução da história. (...) Os homens, assim, estão

⁵⁵ LIRA,2008,p.63

constantemente em busca de romper estes limites (as cidades do século XVI, por exemplo, buscavam constantemente libertar-se de um entorno, um campo, extremamente lento). Mais cedo ou mais tarde conseguirão. O meio retarda os objetivos, de forma que, por muito tempo, criam-se movimentos repetitivos. A história seria preenchida por movimentos repetitivos, como a transumância do Mediterrâneo, ou o nomadismo do deserto, que exprimiriam esta relação permanente do homem com o meio. (...) A concepção histórica tradicional, que prescindia da natureza, impede de dar uma explicação coerente dos grandes acontecimentos: pois além do movimento repetido, também estes grandes saltos estão interligados com a dinâmica espacial. Afinal, o que dá sentido aos grandes acontecimentos são as permanências que o espaço engendra. Quando conseguem se libertar de um movimento lento, expressam modificações na estrutura, rupturas que marcam a história. Assim, a longa duração não é apenas uma ampliação regressiva do campo de visão a partir de um acontecimento; ela é, antes de qualquer coisa, uma dimensão da história que dá sentido e seleciona os acontecimentos significativos. (LIRA,2008,p.64)

Se faz importante destacar, nesta perspectiva, uma distinção entre a geohistória e uma geografia histórica que, apesar de parecerem iguais, em termos, representam noções diferentes em significado. Segundo Francisco Pires em *Reflexões sobre a contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na renovação dos pensamentos geográfico e histórico no século XX* (2012), a geografia histórica se refere a um determinado campo da geografia humana dedicado a analisar os nexos entre a ação humana e a natureza. Nesse sentido, enfoca os aspectos morfológicos ao longo do tempo bem como a formação de paisagens e organização territorial. Já a geohistória se comporta como uma abordagem fluída entre história e geografia que compreende métodos e ferramentas investigativas e interpretativas das duas disciplinas. (Cf. PIRES,2012, p.10)

Ao produzir uma história abrangente e que caminha em direção à geografia, Braudel delineia uma geohistória que valoriza a sensibilidade da economia, da política e da sociedade para com o ambiente e o espaço colocado em relação ao homem, dando à ação humana diferentes contornos aos meios em que vivem e ponderando, as adaptações e mudanças necessárias para se compreender uma relação dinâmica entre homem e espaço. Na análise de Guilherme Ribeiro sobre os caminhos da geohistória braudeliiana, ele enfatiza que:

a pretensão de escrever uma História total, tratava-se não somente de analisar a economia, a política e a sociedade, mas ampliar o campo de atuação da História sublinhando a indissociabilidade do homem com seu entorno e reconhecendo os obstáculos intransponíveis colocados pela natureza à ação humana, as diferentes formas com que as civilizações se adaptavam ao meio e o adaptavam, as mudanças provocadas na paisagem, etc. (RIBEIRO,2006,p.97)

Em *O Mediterrâneo*, é possível constatar o papel central da geografia na construção teórica da dialética duracional de Braudel. A compreensão de que não é apenas o homem que age frente ao espaço, mas que o meio geográfico responde e conduz a novos caminhos e processos das sociedades..⁵⁶Estes movimentos, com suas contradições, são tomados por Braudel como uma leitura mais robusta dos processos históricos e o funcionamento dos ritmos duracionais. Desse modo, com a ajuda da geografia (braudelizada), a dialética duracional apreende a conjugação de permanências e rupturas. Para Ribeiro:

Suas histórias são construídas a partir da relação com o espaço, relação esta que se desenvolve no domínio da longa duração. Assim, esta nova temporalidade desenha-se como o resultado de uma via de mão dupla: das condições efetivas colocadas pelo meio às sociedades e das respostas dadas por estas ao ambiente que as envolve. Esboçada desta forma, uma concepção singular de História resolvia, conjugando o espaço e o tempo dialeticamente, o problema de apreensão simultânea das mudanças e das permanências. A influência da Escola Francesa de Geografia está presente em todos os momentos da parte inicial do *Mediterrâneo*. (RIBEIRO,2006,p.97)

Esta percepção rítmica a partir do ambiente estará em Fernand Braudel como elemento necessário para entender o desenvolvimento da história de cada sociedade. Ao nos debruçarmos sobre os aspectos fundamentais da geografia de La Blache fica nítida a maneira como o historiador abarca as noções lablachianas para teias interpretativas que irá incorporar nessa nova leitura da história.

Em *Geografia e Modernidade* (1996), o geógrafo Paulo César Gomes ao apresentar o pensamento de Vidal de La Blache destaca alguns pontos fundamentais que podem ser identificados como chaves interpretativas da geohistória de Fernand Braudel, tendo em conta que o historiador os assimilará de formas distintas :

(...) como a forma específica que cada grupo desenvolve, sua maneira de ser e de viver. Eles compõem um conjunto particular de atitudes que tiram sua significação do interior do próprio grupo, seja pela maneira de se vestir, de falar, de habitar, em suma, por sua maneira de ser. Ao mesmo tempo, os gêneros de vida revelam os meios desenvolvidos por uma coletividade para sua sobrevivência, superando, em diversos níveis, o desejo da natureza em um meio concreto e imediato. Eles são fruto de escolhas humanas frente ao meio ambiente, escolhas das quais a sucessão conduzirá ou não a uma progressão mais ou menos rápida, a uma conquista mais ou menos eficaz. Os gêneros de vida atuais são, portanto, resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores, ao longo de uma cadeia contínua, regida não por uma ideia de necessidade, mas somente de possibilidade. (GOMES, 1996, p.205).

Para Guilherme Ribeiro, os elementos lablachianos de (meio,sobrevivência,natureza e

⁵⁶ RIBEIRO,2006,p.97

possibilidade) podem ser identificados no texto de Braudel, que passa de forma subsequente a contribuir com a geografia ao historicizar o espaço estudado.⁵⁷ Este diálogo de reciprocidade metodológica é fundamental para percebermos como e quando a duração braudeliana passa a reverberar fortemente na produção do conhecimento geográfico. Vejamos esta incorporação no texto do historiador:

Temos observado a extrema lentidão das oscilações, nômades contra transumantes, montanheseiros contra a gente das planícies ou das cidades. Todos estes movimentos requerem séculos para completar-se. Ainda que uma planície conduza a uma vida mais ativa, vence suas águas selvagens e organiza caminhos e canais, podem muito bem transcorrer um par de séculos. Igualmente podem passar um ou dois séculos desde o momento em que uma região montanhosa começa a perder suas gentes por emigração até o ponto em que a economia das planícies tenha absorvido todas as pessoas que necessitava. São processos mais que seculares, que somente podem ser abarcados estendendo ao máximo o campo cronológico da observação (BRAUDEL, 2002, p.131)

Uma parte importante da geohistória de Fernand Braudel é a dimensão geográfica de sua economia presente, também em ,além de o *Mediterrâneo*, principalmente em a *Civilização Material* (1996), na qual compreende o papel dos aspectos físicos na produção material das sociedades. A compreensão de civilização material, segundo Ribeiro, reproduz-se por intermédio da reorganização das habilidades sociais diante do contexto geográfico, um complemento às ideias primordiais da geohistória dos processos civilizatório pensados pelo historiador francês:

Encontramos certo parentesco entre esta ideia e o volume I de *Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-XVIII*, publicado trinta anos após a obra anterior, no também capítulo de abertura "O peso do número". Trata este capítulo de uma geografia diferencial do globo revelada pelos números, onde a diversidade transparece no contraste entre densidade e continentes pouco povoados, entre civilizações de um lado e culturas ainda primitivas do outro(...)O que parece unir estes momentos das obras em tela é sua dimensão geográfica da Economia, tópico crucial na concepção braudeliana de história e que atravessa do início ao fim os três volumes de *Civilização Material*. Entretanto, antes de nos atermos ao papel da Geografia na constituição da história do capitalismo, pois é assim que observamos a contribuição daquela para os objetivos e propósitos de Braudel em *Civilização Material*. (RIBEIRO,2006,p101)

Evidente que ao lermos este Braudel não vemos somente Vidal de La Blache, é possível observar nomes da geografia como Max Sorre, Étienne Juliard, mas é em La Blache que Braudel encontra as ferramentas necessárias para constituir sua dimensão geográfica da

⁵⁷ RIBEIRO,2006,p.99

duração.⁵⁸

Vejamos na escrita de Braudel o emergir de uma geohistória que impactará as novas interpretações de tempo e espaço nas ciências sociais. Ao tratar dos limites e imposições da água em relação as estruturas de produção econômicas, Braudel conduz uma leitura dialética entre sociedade e meio geográfico. Claro que a água é o grande problema. Ela pode submergir as plantas: no Sião e no Camboja foi preciso utilizar a flexibilidade inaudita do arroz flutuante, capaz de lançar caules com 9 ou 10 metros de comprimento para resistir aos enormes desníveis dos lençóis de água. A ceifa faz-se de barco, cortando as espigas e abandonando a palha que por vezes tem um comprimento incrível. Outra dificuldade: trazer, depois escoar a água. Trazê-la por condutas de bambu que vão buscar a água às fontes altas; colhê-la, como se faz na planície do Ganges e muitas vezes na China, em poços; conduzi-la, como no Ceilão, para grandes reservatórios, os tanks, mas os tanques coletores de água estão quase sempre num nível baixo, por vezes profundamente cavados no solo. (...) Claro que o sistema escolhido depende das condições locais. Quando não há método de irrigação possível, o aterro do arrozal serve para reter a água da chuva que basta para alimentar uma grande parte das culturas de planície, na Ásia das monções (ROJAS, 2003,p.1994)

Percebemos a partir deste texto a compreensão das técnicas e ações humanas mediante ao meio geográfico onde Fernand Braudel percebe o caráter histórico dos aspectos físicos e problematiza os processos econômicos da sociedade tendo em conta as possibilidades geohistóricas. O que podemos depreender do texto braudeliano é o seu horizonte globalizante com uma perspectiva que se articula com os espaços estudados e os meios de vida. Ao tratar dos tempos, Braudel pensa as histórias de uma geografia Nessa perspectiva a duração braudeliana promove uma articulação entre economia e espaço. Junto a esta articulação, o autor possui uma leitura que sustenta as transformações da realidade Histórica de maneira dialética. Nesse sentido é importante deixarmos claro que não existe uma dialética da duração de Fernand Braudel sem as inferências as influências e, sobretudo a compreensão da dimensão geográfica no trabalho do historiador francês.

Espaço do tempo, escala de um tempo, geografia de uma história, porque o pensamento de Fernand Braudel está longe de ser uma via de mão única. Das Cidades-Estado italianas, "antigas economias de dominação urbana" como Gênova e Veneza, ao surgimento de uma nova e poderosa configuração espacial, o Estado Territorial Moderno; das alternâncias de hegemonia no decorrer do percurso capitalista, bem como a formação dos mercados nacionais e suas fronteiras; da construção das Américas enquanto periferia do sistema-mundo as características políticas e econômicas da África, Rússia, Império Turco e Extremo-Oriente. O resultado é "a apreensão global tanto da economia quanto da sociedade; articulações de uma e de outra com a política; restabelecimento das conexões estruturais entre a esfera cultural e seus alicerces socioeconômicos, não mais fixados a priori mas

⁵⁸ RIBEIRO,2006,p.102

observados em suas transformações concretas" (RIBEIRO,2006,p105)

O conceito de duracional de Braudel terá grande importância nos estudos da geografia. A duração de Braudel é amplamente referendada nos estudos geográficos, o reflexo de uma geografia que é permeada pela interpretação historicizante é notadamente uma apreciação braudelianiana dos estudos geográficos para articular passado e presente em movimento. Braudel utiliza a geografia para viabilizar e apreender os ritmos duracionais por meio de espaços que caracterizam permanências e outros que se apresentam como mais sucessíveis à transformações mais superficiais nos movimentos dessa duração⁵⁹.

Para Guilherme Ribeiro:

Braudel está reproduzindo a articulação passado-presente. E a Geografia viabiliza e permite a apreensão das múltiplas temporalidades, seja através das permanências grafadas na paisagem ou do espaço como um dado da realidade presente. Afinal, o espaço geográfico é uma "rugosidade", onde antigas formas vão assumindo novas funções no desenrolar do tempo (RIBEIRO,2006,p108)

A campo de desenvolvimento da geohistória, nesse contexto, se torna uma área para um pensamento crítico e amplo do espaço, ampliando as fronteiras entre as disciplinas e enriquecendo as ciências sociais. Para Haiashida:

Um dos grandes desafios da pesquisa acadêmica é a definição metodológica. A escolha do método geralmente evolui com a pesquisa. A utilização da geohistória pode ser uma alternativa para a reflexão metodológica e para o entendimento das intercessões históricas na produção do espaço (HAIASHIDA, 2013, p.1116)

O campo da geografia passa a ganhar possibilidades de realizar interseções com a história, desde então tecer uma geografia menos ligada a uma espacialização imóvel do meio mas uma ferramenta de compreensão dos espaços no tempo, uma forma de entender o espaço como movimento na duração.⁶⁰ Haiashida nos esclarece que :

Ao garantir essa interface entre história e geografia nas pesquisas sociais, pretendemos adotar uma perspectiva de integralidade, isto é,

⁵⁹ Guilherme Ribeiro nos apresenta a visão do renomado geógrafo brasileiro Milton Santos (1926 -2001) sobre o impacto de Fernand Braudel na geografia e os aspectos de geógrafo em seu texto. RIBEIRO,2006,P.108

⁶⁰ Importante frisar que existem algumas ressalvas feitas pelos geógrafos ao tratar de uma história .Essas ressalvas estão voltadas sobretudo ao não abandonar o rigor técnico e as análises metodológicas específicas de geografia em nome de uma abordagem histórica e sim em uma complementaridade interdisciplinar que seja enriquecedora e aumente a robustez da compreensão da realidade estudada.Como atenta o geógrafo Átila Lima em *A geografia histórica de Iguatu-Ce: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980* (2011): "(...)nossa proposta é resgatar a história como elemento fundante da análise geográfica. Mas alguns cuidados de- vem ser tomados na adoção da perspectiva histórica para os estudos geográficos afim de evitarmos um estudo pretensamente de cunho historiográfico e com pouca ênfase na Geografia."p. 33

verificar a possibilidade de utilizar mediações da totalidade e do individual para se compreender os acontecimentos. (...) Dessa forma, quando se opta por uma abordagem histórica nas pesquisas geográficas, espera-se contemplar as transformações espaciais em um determinado momento sem interconexões atadas ao passado.(HAIASHIDA, 2013, p.116)

Torna-se, a partir de então, possível pensar geograficamente as transformações do espaço em um tempo da dialética duracional, abordagens múltiplas do meio geográfico, aumentando a capacidade de aliarem-se as observações historiográficas dos processos históricos na formação dos corpos sociais.

3.5 UMA DURAÇÃO COM REFLEXOS DIVERSOS

A originalidade do pensamento de Fernand Braudel em sua concepção duracional gera diversos impactos em diferentes áreas do conhecimento e no presente capítulo destacamos as principais, mas é evidente que existem várias outras que possuem elementos duracionais braudelianos permeados, em bem menor escala, é verdade, em seus tecidos teóricos. Seria muita pretensão tentar dar conta e conceber todas as possíveis influências da duração braudeliana em todas as áreas da produção do conhecimento, contudo, podemos citar algumas destas que, apesar de não serem as primordiais nos diálogos estabelecidos pelo historiador francês, têm relevância e se apresentam com alguma nitidez sob os olhos de quem se debruça nestas relações. O caso, por exemplo, da relação de Braudel com Ilya Prigogine (1917-2003) questão trabalhada por Immanuel Wallerstein (2003), que procura estabelecer relações com químico russo a partir de sistemas dinâmicos, interpretação de tempo espaço, e condições das possibilidades reais da existência com as concepções duracionais de Braudel. Existem também impactos de Braudel em interpretações atuais sobre a espacialização nos meandros da matemática e nas chamadas ciências naturais, como se vê no texto *O Tempo que não é linha : Uma Representação da história da matemática* (2018), de Tatiana Roque e Marcelo Ribeiro de Souza. Existem ainda algumas interpretações do texto braudeliano que traçam paralelos com a literatura e a produção orgânica de seu texto duracional , como notamos na produção do historiador Marcos Francisco da Silva em *Os Sertões: uma obra com características braudelianas?* (2002) onde o autor compara o tecitura duracional ao processo narrativo de Euclides da Cunha. Nessa perspectiva, temos um Braudel e um conceito de duração que impactam e permeiam diversas áreas do conhecimento, algumas

reverberando de forma latente, outras nem tanto, mas sendo elemento conceitual fundamental para as ciências humanas e uma possível contribuição a outros campos da produção epistemológica. Uma perspectiva teórica, sem dúvida alguma, interdisciplinar.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao fim desta dissertação, pretendemos aqui condensar quais foram nossas intenções e nossas limitações eventuais ao abordarmos o conceito de duração em Braudel e possibilidades

Ao longo do presente trabalho, pudemos perceber a relação epistemológica presente nos conceitos de duração elaborados por Henri Bergson e Fernand Braudel. Mais do que termos em comum, encontramos, nos dois autores, a construção de uma nova possibilidade de conceber o tempo, fora do paradigma corrente, vitorioso na modernidade.

Seria proposta distorcida e pretensiosa resumir em poucas páginas todo pensamento filosófico de Bergson, tal qual toda operação historiográfica de Braudel. Optamos por enfocar o conceito de duração em suas produções e desdobramentos intelectuais.

Estabelecer diálogos foi uma das principais intenções deste trabalho. Compreendemos a necessidade de atentarmos nossa percepção da vida e do pensamento de forma ampla e dinâmica, como fazem por excelência os autores aqui estudados. Escrever e pensar por forma de diálogo nos parece pertinente quando tratamos de questões tão importantes. O movimento do diálogo entre Braudel e Bergson, presente aqui, já apresenta a forma pela qual os autores desejavam ser percebidos, pela sua multiplicidade e por seu fluir.

Nesse sentido, nosso entendimento é de que os conceitos duracionais representam, para Bergson e Braudel, novas formas de pensar a filosofia e a história, respectivamente. Buscamos evidenciar a importância da reciprocidade conceitual em dois grandes pensadores que, junto a outros nomes, corroboraram para uma nova imagem do pensamento.

É necessário reconhecer que seria impossível apresentar todos os fatores contextuais em

que os autores produziram suas concepções. Árdua e utópica tarefa seria, também, apresentar todos os pontos semelhantes entre os pensadores em questão. Não foi esta, também, nossa principal ambição. Nos concentramos em apresentar conceitos dialogáveis e em evidenciar a necessidade dos mesmos.

Dessa forma, coube a nós, elencar os elementos em comum que consideramos mais relevantes a “um novo tempo”, bem como os contextos mais objetivos para o interesse pela pesquisa. De nenhuma forma, acreditamos estar abordando todos os pontos deste diálogo invisível, e assim encerrando em algum aspecto este tema.

Pensar a vida fora das medidas do homem, perceber a dimensão incompreensivelmente caótica do tempo que nos é condição primeira. Esta foi a principal motivação desta monografia, contribuir, ainda que de forma tímida e não tão profunda, para os que pensam uma vida fluída, aos que ouvem nos movimentos dela a canção da impermanência do tempo.

A pretensão do presente trabalho consiste na contribuição a uma discussão entre dois grandes pensadores e estudiosos da vida e de seus movimentos. Apresentar um diálogo entre a filosofia, especialmente bergsoniana, e o campo da história, significa uma tentativa de mostrar que a filosofia da duração, da intuição, está presente em outros pensadores que, assim como o filósofo francês, perceberam que a vida não pode ser uma redução utilitária e formal, e sim uma exortação ao movimento.

No processo deste trabalho percebermos as dificuldades em desconstruir uma imagem cristalizada em torno da compreensão duracional de Braudel encastelada a manuais historiográficos ou até mesmo percepções distorcidas e reproduzida em massa.

Outro ponto importante desenvolvido neste trabalho que nos foi muito caro foi a relação Braudel e Bergson. Com as percepções diferentes tivemos aqui neste trabalho uma investigação que, em alguns momentos, se apresentou limitada, seja pela ausência de relação direta entre os autores ou pela forma como o conceito duracional foi trabalhado ao longo do tempo.

Este trabalho não visa ser o encerramento das posições brasileiras nem sobre a duração, tampouco sobre a relação destas com outros campos do conhecimento, mas um esforço no movimento de ampliar uma duração que ultrapasse as percepções estanques.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica; 2017

BACHELARD, Gaston. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, José D'Assunção. *A Expansão da História*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. *O Tempo da História*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

BARROS, José D'Assunção . *Pontes interdisciplinares: instâncias que se abrem como ligações para os diversos campos de saber*. brathair (online) , v. 20, p. 412-445, 2021.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história*. In.: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 222-232

BENTIVOGLIO, Julio. *A História Conceitual de Reinhart Koselleck*. Dimensões- Revista de História da UFES, n.24, 2010. p 114-134.

BEVERNAGE , Berber . *História, memória e violência de Estado: tempo e justiça*. Editora Milfontes/ Mariana: SBTHH, 2018.

BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*. Tradução Cláudia Berliner; :São Paulo. Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*. São Paulo. Martins Fontes, 2006.

_____. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A intuição filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *O tempo e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Tempo e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

BEVERNAGE, Berber. *História, Memória e Violência de Estado : tempo e justiça*. Editora Milfontes, 2018.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. *El Mediterraneo y el mundo mediterraneo en Ia época de Felipe II*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1953. 2v

BRAUDEL, Fernand. *El Mediterraneo y el mundo mediterraneo en Ia época de Felipe II*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1953.

_____. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. In: _____. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Reflexões sobre a história*. São Paulo : Martins Fontes ,1992.

_____. *La Méditerranée* . Flammarion, 2017

BRUNO, Flavia. *Algumas Considerações sobre a Filosofia e a Ciência Moderna*. Revista da Faculdade de Direito Candido Mendes. UCAM, Rio de Janeiro. n.15, 2010. p53-66.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. *A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958)*. Unesp, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

CONZE, Werner, BRUNNER, Otto e KOSELLECK, Reinhart Koselleck (org). *Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur Politisch-Sozialen Sprache in Deutschland*. Stuttgart: Klett. 1972.

- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERES JÚNIOR, João; JASMIM, Marcelo Gantus. (orgs.) *História dos Conceitos: Debates e Perspectivas*. Rio de Janeiro. Edições Loyola. 2006.
- GLEIZER, Raquel. *Tempo e História*. Ciência e Cultura. Vol 54 no.2. São Paulo Oct./Dec.2002
- GLEZER, Raquel *Tempo e os Homens: Dom, Servidor e Senhor*. In: AUGUSTO, Maria Helena Oliva. (orgs.) *Estudos sobre o tempo*. Campinas. IEA/USP, 1991.
- GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GURGEL, Adriana . *A coexistência entre passado e presente na duração de Henri Bergson*. *Revista Eletrônica Espaço Teológico* ISSN 2177-952X. Vol. 6, n. 9, jan/jun, 2012, p. 74-84
- HAIASHIDA, Keila Andrade . *O tempo tripartite na pesquisa científica*. In: II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, 2013,
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Forense Universitária , 2011.
- KIRSCHNER, Tereza Cristina. *A Reflexão Conceitual na Prática Historiográfica*. *Textos de História*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Vol.15, no 1/2, 2007.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos del tiempo*. Barcelona: Paidós, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Richtlinien für das Lexikon politisch-sozialer Begriffe der*

Neuzeit. Archiv für Begriffsgeschichte, 11, p.81-99, 1967.

LIRA, L. A. . *Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia*. Confins (Paris) , v. 2, p. 1, 2008.

LOPES, Marcos Antônio. *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. . São Paulo: Cultrix. , 2004

PERROT, Jean-Claude. Le présent et la durée dans l'oeuvre de Fernand Braudel. *Annales HSS*, nº 2, mars-avril ,1981.

POMIAN,Krzystof Pomian *El orden del tiempo*.Madrid: Júcar Universidad, 1990.

ROJAS,Carlos Antônio Aguirre. *Fernand Braudel E As Ciências Humanas*. Eduel, 2013.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. [S.l: s.n.], 1994.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre a História*. Trad.João Guilherme de Freitas Teixeira.Belo Horizonte:Autêntica Editora,2008.

REIS, José Carlos. *A temporalidade e os seus críticos*. In: LOPES, Marcos Antônio (Org). *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp.111-121.

RESTREPO, Jorge Alejandro Flórez. *Durée and temporality: a defense of Bergson's conception of time*, in *Discusiones Filosóficas* 16, nº 27 (July – Decembre 2015): 49-61.

RIBEIRO, Guilherme. . *Fernand Braudel e as metamorfoses do tempo e do espaço: o conceito de geohistória em La Méditerranée et le monde méditerranéen à l-époque de Philippe II* (1949 e 1966) Confins (Paris) , p. 1-25, 2014.

.RICOEUR,Paul. *Tempo e narrativa I*. Campinas: Papyrus 1994b.. Leituras 1:São Paulo: Loyola

TURETZKY,Philip.*Time*.London,Routledge,1998.